

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

A periferia esquerda da sentença no português de Angola

Eduardo Ferreira dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

**São Paulo
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus Orixás, sempre.

Aos meus pais pelos esforços que sempre fizeram – e continuam fazendo – para que eu pudesse estudar e chegar até o mestrado. Espero recompensar todo o investimento dedicado a minha formação enquanto estudante e, acima de tudo, como pessoa. Palavras não são suficientes para expressar toda minha gratidão.

À Danielle e Patrícia, minhas irmãs, que acompanharam cada etapa de minha formação acadêmica e sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis.

À profa. Márcia Santos Duarte de Oliveira, minha orientadora, por acreditar no meu trabalho com o português de Angola e disponibilizar seu conhecimento sobre linguística africana e estudos de sintaxe, fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho. Obrigado por fazer parte da minha vida pessoal e da minha vida acadêmica, desde 2006 com a iniciação científica.

À profa. Margarida Petter, que me introduziu no mundo da pesquisa da linguística africana e orientou-me na minha primeira iniciação científica.

À profa. Maria Aparecida Torres Morais e a Tércio Polli, pela participação na minha banca de qualificação, apontando lacunas no meu trabalho e sugerindo modificações fundamentais. Agradeço também a participação na banca examinadora dessa dissertação dando continuidade à leitura do meu trabalho.

À Wânia, pela presença constante na minha vida acadêmica ultrapassando os muros da Academia. Pelos estudos em conjunto, discussões teóricas e também pelo ombro amigo.

Aos amigos que sempre torceram pelos meus estudos desde a graduação. São muitos, mas deixo uma menção especial ao Danilo, Bete e Miriam.

Aos colegas de grupo de pesquisa GELIC pela troca de experiências acadêmicas e atividades conjuntas. Ao Francisco pela ajuda com o programa TreeForm.

À Joana, minha tia, pela companhia e pelo suporte essenciais durante grande parte da minha vida acadêmica.

À Dayane, secretária da pós-graduação, pela ajuda incessante com os assuntos – e burocracia – acadêmicos. Atenciosidade e competência que fazem diferença.

À agência FAPESP pelo apoio financeiro durante o desenvolvimento desse trabalho, fundamental para sua realização e continuidade.

RESUMO

A dissertação *A periferia esquerda da sentença no português de Angola* tem como objetivo a descrição e análise da periferia esquerda da sentença no português angolano, especificamente, as categorias discursivas *foco* e *tópico*. Iniciamos nosso trabalho com as considerações acerca dos aspectos históricos-sociais e linguísticos de Angola, que nos auxiliam a compreender a presença da língua portuguesa em território angolano e a sua situação linguística em um ambiente multilingue como Angola. Baseados na Teoria Gerativa, modelos de Princípios e Parâmetros, versão pré-minimalista, estabelecemos a noção de foco e a tipologia adotada em nosso trabalho para essa categoria. A partir de uma interface morfossintaxe/discursiva, consideramos as sentenças clivadas e as pseudoclivadas como veiculadoras de *foco* por apresentarem uma leitura especificacional, em que há a obrigatoriedade de predicação de um valor a uma variável, disparando as leituras de 'contrastividade', 'exclusividade' e 'exaustividade', próprias do constituinte focalizado. Apresentamos, portanto, uma análise para o *foco* no português angolano, a partir da tipologia para as sentenças clivadas e pseudoclivadas realizadas com os estudos do português brasileiro e europeu. Para as sentenças tradicionalmente classificadas como 'interrogativas clivadas sem cópula', propomos uma análise em que consideramos esse tipo de sentença fora do âmbito das clivadas. Consideramos que o elemento frontado que recebe a leitura de foco é seguido de uma partícula focalizadora apontando para um foco controlado gramaticalmente. Para a categoria *tópico*, limitamo-nos, apenas, na apresentação de uma tipologia preliminar, baseados em estudos recentes sobre o português vernacular brasileiro.

Palavras-Chave: português angolano, foco, clivagem, periferia esquerda, tópico

ABSTRACT

The purpose of the study *The left periphery of the sentence in portuguese of Angola* aims to describe and analyze the left periphery of the sentence in portuguese of Angola, specifically the discursive categories *focus* and *topic*. We begin our work with the considerations about the historical, social and linguistics aspects of Angola that help us to understand the presence of portuguese language in Angola and its linguistic situation in a multilingual environment like this country. Based on Generative Theory, Principles and Parameters model, pre-minimalist version, we established the concept of *focus* and the typology adopted in our work for this category. From an interface morphosyntax / discursive, we consider the clefts and pseudoclefts sentences as *focus* carrying by presenting a specificational reading, where there is an obligatory predication of value to a variable, expressing the readings of ‘contrast’, ‘exclusiveness’ and ‘exhaustive’. We present, therefore, an analysis to focus on the portuguese of Angola, from the typology of clefts and pseudoclefts sentences works of the european and brazilian portuguese language. For the sentences traditionally classified as ‘interrogative cleft without copula’, we propose an analysis in which we consider this kind of sentence outside of the cleft classification. We consider that the fronted element receiving the focus reading is followed by a particle focussing pointing to a grammatically controlled *focus*. For *topic* category, we limit ourselves, only in presenting a preliminary typology to the portuguese in Angola, based on recent studies of the vernacular brazilian portuguese.

Key-words: Angola portuguese, focus, clefts, left periphery, topic

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	8
1.1. Considerações sobre Angola.....	8
1.1.1. Aspectos Histórico-Sociais.....	9
1.1.1.1. <i>Os Portugueses em Angola e as Relações com o Brasil.....</i>	<i>11</i>
1.1.1.2. <i>Angola nos Dias Atuais.....</i>	<i>16</i>
1.1.2. Aspectos Lingüísticos.....	17
1.2. Sobre os Dados.....	21
CAPÍTULO II – A CATEGORIA FOCO.....	25
2.1. Tipologia de Foco – Apud Oliveira & Jorge (no prelo).....	26
2.2. A Realização do Foco.....	29
2.2.1. Clivadas.....	32
2.2.2. O CP ‘explodido’ e a Categoria Foco.....	43
2.2.3. Tipologia das Clivadas no Português.....	46
2.2.3.1. <i>Clivadas Canônicas Pessoais e Impessoais.....</i>	<i>46</i>
2.2.3.2. <i>Clivadas Invertidas.....</i>	<i>47</i>
2.2.3.3. <i>Clivadas sem Cópula ou Reduzidas.....</i>	<i>47</i>
2.2.3.4. <i>Clivadas Apresentativas.....</i>	<i>48</i>
2.2.3.5. <i>Interrogativas Clivadas.....</i>	<i>49</i>
2.2.3.6. <i>Clivadas com Cópula Dupla.....</i>	<i>50</i>
2.2.3.7. <i>Interrogativas Clivadas sem Cópula.....</i>	<i>50</i>
2.2.3.7.1. Perguntas QU Fronteadas seguidas de QUE sem Cópula – Apud Oliveira (no prelo).....	51
2.2.4. Pseudoclivadas.....	64
2.2.5. Tipologia das Pseudoclivadas no Português.....	75
2.2.5.1. <i>Pseudoclivadas canônicas.....</i>	<i>75</i>
2.2.5.2. <i>Pseudoclivadas invertidas.....</i>	<i>76</i>
2.2.5.3. <i>Pseudoclivadas reduzidas.....</i>	<i>77</i>

2.2.5.4. <i>Pseudoclivadas extrapostas</i>	77
--	----

CAPÍTULO III – A CATEGORIA FOCO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

3.1. Construções Clivadas no PA	79
3.1.1. Clivada Canônica Pessoal e Impessoal.....	79
3.1.2. Clivada Invertida.....	83
3.1.3. Interrogativa Clivada.....	86
3.2. Perguntas QU Fronteadas Seguidas de QUE sem Cópula	87
3.3. Construções Pseudoclivadas no PA	92
3.3.1. Pseudoclivada Canônica.....	92
3.3.2. Pseudoclivadas Invertidas.....	95

CAPÍTULO IV – A CATEGORIA TÓPICO.....97

4.1. A Tipologia de Tópico no Português	98
4.1.1. Topicalização de Objeto Direto (TOD).....	98
4.1.2. Tópico Pendente com Retomada.....	99
4.1.3. Tópico Cópia.....	100
4.1.4. Tópico Sujeito.....	100
4.1.5. Tópico Pendente.....	101
4.1.6. Tópico com Cópia Pronominal ou Duplo Sujeito.....	101
4.1.7. Topicalização Selvagem.....	101
4.1.8. Tópico Locativo.....	102
4.2. Construções de Tópico no PA – Abordagem Preliminar	102
4.2.1. Topicalização de Objeto.....	102
4.2.2. Tópico Pendente	103
4.2.3. Tópico Pendente com Retomada.....	103
4.2.4. Tópico com Cópia Pronominal ou Duplo Sujeito.....	103
4.2.5. Topicalização Selvagem.....	104
4.2.6. Tópico Locativo.....	104

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO.....105

CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....109

ANEXO.....114

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

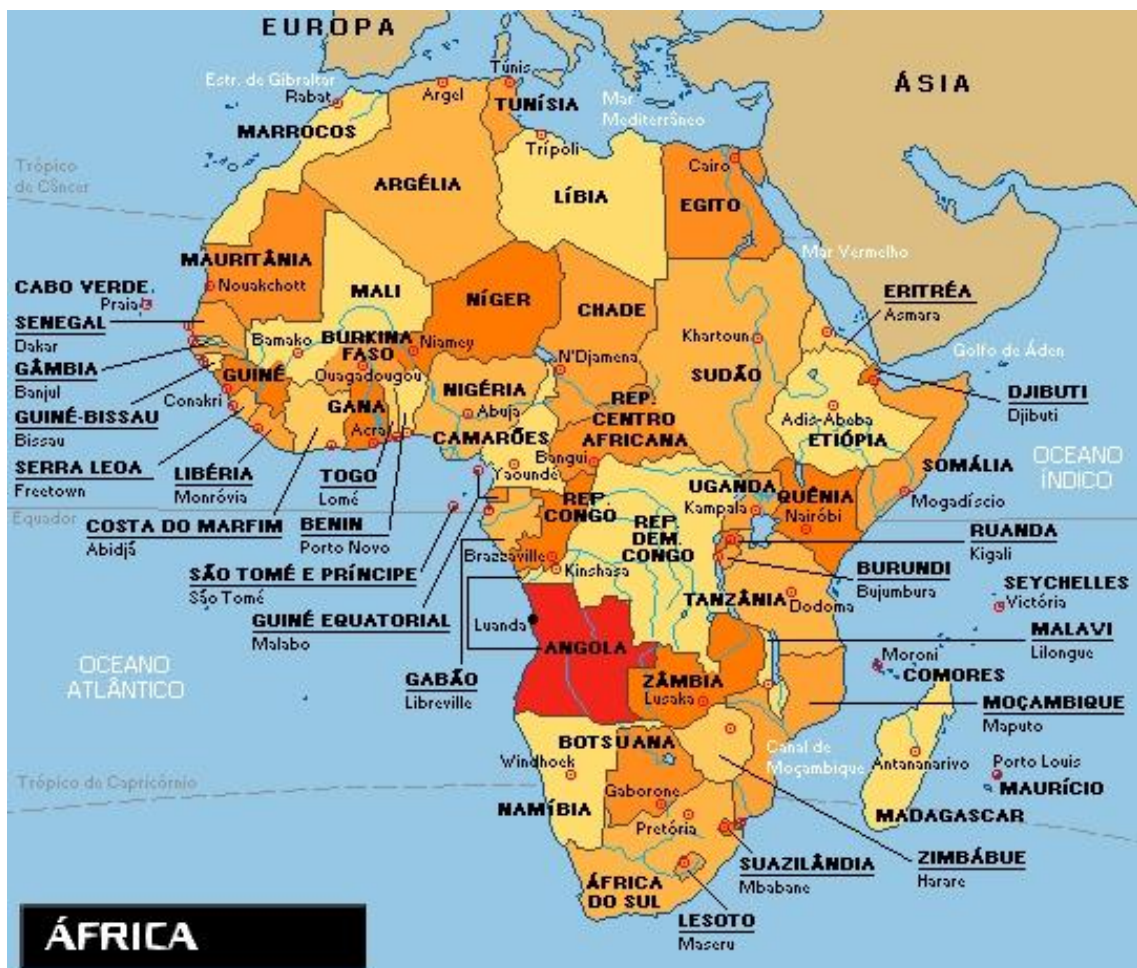
Nesse capítulo, abordaremos algumas considerações sobre os aspectos históricos e sociais e linguísticos de Angola e ainda considerações sobre a organização dos dados que utilizados na análise. Ao término, apresentamos a esquematização de todo o trabalho.

1.1. Considerações sobre Angola

Nessa seção, levamos em conta aspectos históricos, sociais e linguísticos de Angola. Embora não seja do escopo desse trabalho um levantamento exaustivo da história de Angola, assumimos ser relevante apontar alguns fatos históricos desse país africano. Abordamos, dentro do aspecto histórico-social: a época colonial do país e a relação de Angola com Portugal e Brasil, o que, de certa forma, explica a presença da língua portuguesa nessa área do continente africano.

Antes de apresentarmos os aspectos acima mencionados, inserimos um mapa da continente africano em que destacamos Angola – pela cor vermelha – e sua localização no continente¹⁴:

¹⁴Endereço eletrônico da imagem: <http://static.blogstorage.hi-pi.com/photos/angola.fotosblogue.com/images/gd/1200487161/Onde-fica-Angola.jpg>.
Acessada em 06/08/2010.



1.1.1. Aspectos Histórico-Sociais

Aspectos sobre a história de Angola podem ser vistos a partir de sua pré-história, apreendendo-se as características principais do homem que ali vivia em cada período específico: Idade Paleolítica, Idade Neolítica e Idade dos Metais¹⁵. No entanto, nesse trabalho, interessa-nos o momento de contato dos portugueses ao chegarem a Angola e as relações que daí surgiram.

A chegada dos portugueses na África inclui-se no período que os historiadores chamam de a ‘Era dos Descobrimentos’. Segundo Boxer (2002: 33) os impulsos que levaram os portugueses aos empreendimentos além-mar “surgiram de uma mistura de fatores religiosos, econômicos, estratégicos e políticos, é claro que nem sempre dosados nas mesmas proporções”. Os quatro motivos principais que inspiraram os dirigentes

¹⁵ Centro de Estudos Angolanos (MPLA), *História de Angola*. Porto: Afrontamento, 1965, p.35-40.

portugueses, em ordem cronológica e sobrepostos em diversos graus, segundo Boxer (2002: 34), foram:

- (1) o fervor empenhado na cruzada contra os muçulmanos;
- (2) o desejo de se apoderar do ouro da Guiné;
- (3) a procura por Preste João;
- (4) a busca de especiarias orientais.

O momento de contato dos portugueses com a população angolana é conhecido como Período Afro-Português e divide-se em dois ciclos: Ciclo do Congo e Ciclo do Kuanza. A seguir, apresentamos uma breve informação sobre esses ciclos, baseada principalmente em MPLA¹⁶:

(i) *Ciclo do Congo* – desde 1490 até 1595: pela necessidade de um caminho para a Índia – em busca de especiarias e para a obtenção de escravos para a troca por ouro e metais –, os portugueses chegaram à região do Congo¹⁷.

Em 1482, os primeiros portugueses chegam ao Congo comandados por Diogo Cão, mas é em 1490 que navios de Portugal trazem artigos de comércio e considerável mão-de-obra para a construção de uma igreja e do Palácio do Rei Nzinga Nkuvu, além de padres franciscanos. Os portugueses retornam a Portugal levando escravos, marfim e tecidos dessa área.

Para conter as revoluções do povo da região do Congo e de outros povos da circunvizinhança, o Rei Nzinga Nkuvu resolve ser batizado e passa a ser chamado D. João I. Seu filho, Mbemba Nzinga também é batizado e é denominado D. Afonso. Os conflitos entre portugueses e a população local são reforçados pela recusa do herdeiro do Rei Mbemba Nzinga ao trono de Nzinga a Nkuva e ainda da recusa ao batismo de seu sobrinho Mpangu a Kitina, que recusou também a ajuda dos portugueses. Após a morte do Rei Nzinga a Nkuvu, D. Afonso (Mbemba Nzinga) retorna à capital e assume o trono apoiado pelos portugueses na briga contra seu primo Mpangu a Kitina que acaba morrendo em combate.

O fim da idade Pré-Colonial é marcado por algumas revoltas populares, como a de 1567, organizada e politizada, com ativa participação da população local que acaba levando

¹⁶ Ver: Centro de Estudos Angolanos (MPLA), *História de Angola*. Porto: Afrontamento, 1965, p. 49-59.

¹⁷ Chamamos a atenção do leitor que ao citarmos Congo e qualquer outra região da África, exceto quando especificado, não nos referimos à divisão física-política atual.

ao trono, dessa vez, um representante de seus interesses: D. Henrique – Nerika a Mpudi.

(ii) *ciclo do Kuanza* – desde 1520 até 1575: em 1520, Baltazar de Castro e Manuel Pacheco vão a Ndongo falar em nome do rei de Portugal com ordens de batizar o rei de Ndongo, descobrir minas de prata, saber os preços dos metais e dos escravos locais, além de arranjar um bom local para os navios negreiros do rei português. Em 1575, Paulo Dias de Novais constrói uma igreja e inicia a povoação colonial de Luanda.

O início da povoação de Luanda marca a idade Colonial da região de Angola que duraria quatro séculos sobre domínio português. Esse período interessa-nos por representar o contato de novos costumes, tradições e instituições, a começar pela língua portuguesa, entre o povo angolano e o povo português que povoariam a nova colônia e formariam uma sociedade angolana mestiça. Soma-se, também, o papel fundamental que o Brasil exerceu nesse período formando um verdadeiro triângulo econômico, político e social entre as duas colônias e o reino português.

1.1.1.1. *Os portugueses em Angola e as Relações com o Brasil*

A foz do rio Zaire foi atingida pela primeira vez pelos portugueses em 1482. O descontentamento causado pela presença estrangeira em Angola¹⁸ foi imediato, ocorrendo, em 1491, a primeira rebelião armada sob o comando de Panzo a Nginga, “que se recusou a receber o batismo e as novas leis impostas pelos missionários e pelos militares vindos de Portugal” (Boavida, 1967:34). O mesmo descontentamento deu-se quando os portugueses chegaram à foz do rio Congo e os chefes angolanos mais esclarecidos perceberam que não poderiam levar adiante a ideia suscitada de “iniciar em seus domínios uma etapa nova de progresso e de cooperação com os reinos distantes do Norte do continente africano e da Europa Ocidental [...]” (Boavida, 1967:27).

Em 1575, os portugueses começam, de fato, a formar uma colônia com a chegada de cerca de 100 famílias que, em sua maioria, eram de portugueses desterrados. O comércio, antes baseado na produção dos Estados Africanos e suas riquezas que não tinham muito valor na Europa, agora volta-se também para a exploração de escravos e marfim. Segundo Hernandez (2008:563), o início dos anos 1600 aponta as regiões angolanas de Luanda e Benguela como territórios decisivos para o domínio de Portugal no Atlântico Sul. Vai-se desenhando, assim, a grande diáspora africana e vale colocar, aqui, as palavras de

¹⁸ Cf. nota de rodapé 3.

Alencastro (2000) acerca da situação desses escravos. Eles sofrem o que o autor chama de *dessocialização*, processo em que o indivíduo é capturado e apartado de sua comunidade nativa, seguido da *despersonalização*, em que é convertido em mercadoria na sequência da reificação – ver Alencastro (2000: 114).

A colônia apresenta um crescimento constante por parte dos portugueses e dificulta a ação dos Estados Africanos contra qualquer resistência já que não possuíam uma unicidade. Assim, o rei de Ndongo (ou Ngola) une todos os Estados e cria a coligação do Kuanza: Ndongo, Jagas da Matamba e Congo. Essa coligação conseguiu vencer em alguns momentos os portugueses e durou cerca de 10 anos. Por diferenças econômicas e crises entre os reinos, dá-se o fim da coligação.

Na primeira metade do século XVII, os holandeses invadem Luanda – ver Hernandez (2008: 563). Com essa ocupação, os portugueses não possuíam porto para embarcar os escravos para o Brasil, desestruturando a economia baseada na compra e venda de escravos entre o reino e a colônia americana¹⁹.

Em 1646, o Brasil envia um reforço de tropas aos portugueses de Massangano para que ajudasse nas lutas contra a coligação e contra os holandeses, e para que o comércio de escravos fosse retomado. As atividades comerciais seriam normalizadas em 1648, graças às tropas lideradas por Salvador Correia de Sá, um capitão brasileiro, que expulsa os holandeses²⁰.

Com o restabelecimento das linhas de comércio entre as colônias brasileira e africana, Portugal consolida a supremacia em território angolano formando um entreposto comercial, iniciado no século XVI, em que a principal atividade viria a ser o mercado de abastecimento de escravos para o Brasil nas plantações de cana-de-açúcar – o principal produto agrícola mundial – em Pernambuco e na Bahia. Entre o tráfico angolano e o escravismo brasileiro surge um forte vínculo em que a máxima era “sem Angola não há Brasil”, como apontara Gonçalo João e Padre Vieira (Alencastro, 2000:230).

Na segunda metade do século XVII, as exportações de escravos diminuíram em Angola, “uma vez que os formuladores de política em Lisboa haviam consolidado uma aliança comercial com a Inglaterra e procuraram estimular reformas econômicas em todo

¹⁹ Ressaltamos que as relações entre Brasil e África podem ser apontadas desde o século XVI quando da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e a atividade agrícola com a cana-de-açúcar que se iniciou em outras colônias portuguesas, como São Tomé. Com o deslocamento de um mercado lucrativo do pau-brasil para a cana-de-açúcar em terras brasileiras, é no século XVII que as ligações econômicas e políticas entre Brasil, Portugal e Angola são reforçadas. Remetemos o leitor a Boxer (2002: 98-119) para uma abordagem mais aprofundada do assunto.

²⁰ Ver: Centro de Estudos Angolanos (MPLA), *História de Angola*. Porto: Afrontamento, 1965, p. 81.

Império Português [...]” (Miller, 1999:16). Outro fator para a diminuição do tráfico de escravos foi o controle dessa atividade por uma elite produtora de açúcar, especialmente da capitania de Pernambuco.

Luanda é abandonada pelos senhores de escravos baianos que preferem negociar, agora, com a Costa da Mina, pois o cenário era de “epidemias e perdas populacionais em Angola tão graves que os compradores brasileiros temiam a perda da capacidade daquela colônia para suprir mão-de-obra a preços compatíveis” (Miller, 1999:17). Lisboa volta suas atenções, portanto, para o Brasil e a descoberta de ouro em Minas Gerais.

Alencastro nota que “a destruição constante de Angola se apresenta como a contrapartida da construção contínua do Brasil” – Alencastro (2000: 325) –, destacando a ‘complementaridade sul-atlântica’ que é uma articulação de modos de exploração distintos. A utilidade de Angola residia no fornecimento de escravos para assegurar a prosperidade brasileira. Com essa assimetria, temos os condicionantes da presença portuguesa na África Central e as singularidades da colônia americana e da futura nação brasileira – ver Alencastro (2000: 330).

Os luso-africanos, em desvantagem econômica com os portugueses, desenvolveram novas estratégias e buscaram novos clientes em outras partes de Angola. A solução foi instalar em Benguela, um pequeno porto ao sul do país e criar uma nova fonte de escravos e vendê-los para as embarcações do Rio de Janeiro. Segundo Miller (1999:22), a partir de 1730, os relatórios governamentais apontam um crescimento do número de escravos e a saída deles de Benguela indica uma relação direta entre o sul da Angola luso-africana e o sul brasileiro, preenchendo o mercado dos contratadores de Luanda para as minas da América portuguesa.

O Brasil estava à frente desse processo comercial especialmente por conta da *geribita*, ou cachaça brasileira, que era um componente essencial do pacote de mercadorias usadas na troca por escravos. Como os contratadores dificilmente conseguiam comprar escravos sem a *geribita* brasileira, os comerciantes do Rio de Janeiro mantiveram uma posição dominante em Benguela. Na maior parte do século XVIII, o principal papel do Brasil no tráfico angolano de escravos foi “a venda de subprodutos semiprocessados da agricultura americana e a provisão de serviços nos barcos de escravos” (Miller, 1999:26).

O cenário composto de contratadores e luso-africanos, protagonistas das disputas metropolitanas da primeira metade do século XVIII, foi mudado por Marques de Pombal. O primeiro ministro instituiu um rigoroso regime de nacionalismo econômico em Portugal, apoiado, agora, no reforço da agricultura em terras brasileiras, visto o fim da expansão do

ciclo do ouro em Minas. Em terras angolanas, Pombal através do governador Antônio de Vasconcelos procurou restringir um monopólio de contratos e abusos dos contratadores e desenvolver uma indústria doméstica de algodão e outras manufaturas.

Após 1830, ainda com lembranças do comércio ilegal de escravos, os africanos levaram a estrutura do comércio atlântico e do crédito para o interior de suas instituições políticas, sociais e econômicas, de forma a tomarem iniciativas comerciais próprias nas décadas de 1840 e 1850, exportando cera, marfim e borracha, por exemplo, “especialmente quando a pressão britânica forçou a retirada do capital comercial português do tráfico angolano de escravos” (Miller, 1999: 46).

Apesar da proibição britânica, o tráfico de escravos no período de 1830 e 1860 mostrou-se com um fluxo bastante contínuo. Segundo Amaral (1999: 143):

[...] entre 1831 e 1855, entraram no Brasil cerca de 718.000 escravos. [...] Quase 20% dos escravos trazidos para o Brasil em 300 anos de tráfico atlântico chegaram nesses pouco mais de 20 anos [...]”.

A maior incidência de navios que saíam em lastros e em viagens de longo curso pelo porto de Luanda ocorreu entre 1846 e 1851, período auge do tráfico ilegal para o Brasil, destacando-se a cidade do Rio de Janeiro como principal receptora dos escravos. Destaca-se, também, a entrada de Cuba no negócio ilegal do tráfico, uma opção essencial para os traficantes brasileiros que faziam negócios com Angola após 1850.

Conforme aponta Petter (2008: 24-28), seguindo Alencastro (2000), a colonização portuguesa fez surgir um espaço econômico e social bipolar, com uma zona escravista no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos em Angola. O tráfico negreiro converte-se em empreendimento lucrativo e estende-se até meados de 1860 quando é, então, extinto. Cerca de 12 mil viagens foram realizadas dos portos africanos ao Brasil, para vender, ao longo de três séculos, 4 milhões de escravos que aqui chegaram vivos.

O século XIX também apresentaria o momento da independência do Brasil de Portugal. Com propósitos de rompimento dos laços entre Brasil e Angola, “os promotores da ruptura desses laços foram, antes de tudo, os ingleses e não os portugueses” (Pantoja, 2007: 88). Alguns fatores condicionaram o reconhecimento inglês da independência brasileira, como iniciar o fim do tráfico de escravos por parte do Brasil. Esse objetivo seria facilitado, segundo os ingleses, se o Brasil fosse independente e “o comércio de escravo brasileiro fosse um negócio interno e não internacional” (Pantoja, 2007:88). Outra exigência britânica estava na garantia de que Portugal permitiria que as colônias

portuguesas africanas realizassem comércio com o Brasil.

A independência do Brasil teve reflexos diretos na colônia africana. Diversos movimentos surgiram com o propósito de se juntar Angola ao país recém independente. A ‘Confederação Basílica’ foi um desses movimentos separatistas que surgiram com esse objetivo formado por colonos e soldados de Benguela, mas que foi dissolvido pelo governo de Luanda.

No século XX, Portugal passa de um sistema monárquico para um sistema republicano e ocorre uma retomada dos interesses políticos e, principalmente, econômicos sobre a colônia africana. Segundo Hernandez (2008:572-574), evidencia-se a competição entre colonizadores e colonizados com o estabelecimento de uma hierarquia da população, colocando de um lado um pequeno número de brancos, mestiços e negros “assimilados” e, de outro, uma população majoritária composta por “indígenas” na visão do colonizador. Destaca-se, também, a criação de três organizações políticas em 1948: o Comitê Federal do Partido Comunista Português, Angola Negra e a Comissão de Luta das Juventudes contra o Imperialismo Colonial em Angola. Quatro anos depois, essas organizações dariam origem ao Conselho de Libertação de Angola.

Hernandez (2008:574-576) destaca, também, outros grupos surgidos a partir de desdobramentos do Partido Comunista de Angola, como o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (Plua), que serviria de base para a formação do Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA); a União das Populações ao Norte de Angola (UPA), posteriormente chamada de Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA); ainda a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita), surgida da cisão da FNLA. Esses três grupos são os principais movimentos da independência de Angola, em que a diplomacia e a propaganda “passaram a ser tão importantes quanto a luta militar, ou seja, a guerra de guerrilhas” – Hernandez (2008: 577).

A luta pela independência durou cerca de catorze anos, envolvendo a participação diplomática de diversos países africanos como Zaire, Congo-Brazzaville e Tanzânia. Mesmo com divergências entre os principais grupos do movimento de independência, que começaram a atuar separadamente, o MPLA em 11 de novembro de 1975, proclama a independência de Angola, sob a direção de Agostinho Neto. A independência é reconhecida pelo governo português, contudo, as divisões internas políticas não evitaram uma segunda guerra civil entre diferentes partidos políticos influenciados por países estrangeiros. Esse quadro histórico pós-independência, que marca Angola atualmente foge do escopo de nosso trabalho.

1.1.1.2. Angola nos Dias Atuais

A partilha do continente africano ocorrida ao longo dos séculos XIX e XX também incluiu Angola. Segundo Hernandez (2008: 564), a delimitação de fronteiras acordada em 1886 entre portugueses e alemães corresponde aos limites atuais²¹. A seguir, por meio de um mapa, apresentamos um panorama do território angolano, delimitado por suas principais cidades²²:



Segundo dados oficiais do governo, Angola pode ser dividida atualmente em 18 províncias, como se vêem abaixo, seguidas de seu número populacional:

Província do Bengo: 240.000

²¹ A partilha do continente africano no século XIX está relacionada diretamente à Conferência de Berlim (1885) em que a ocupação do território africano seria regulamentada pelas grandes potências da época. Para uma abordagem do assunto, conferir Hernandez (2008: 45-69).

²² O mapa do território angolano foi extraído de: <http://www.e-mapas.com/mapa/Angola/7.html>. Acessada em 06/08/2010.

Provincia de Benguela: 913.000
Provincia do Bie: 1.625.000
Provincia de Cabinda: 254.000
Provincia do Kwando-Kubango: 176.000
Provincia do Cunene: 324.000
Provincia do Huambo: 2.197.000
Provincia da Huila: 1.215.000
Provincia do Kwanza Norte: 559.00
Provincia do Kwanza Sul: 901.000
Provincia de Luanda: 2.566.000
Provincia da Lunda Norte: 405.000
Provincia da Lunda sul: 208.000
Provincia de Malanje: 1.296.000
Provincia de Móxico: 457.000
Provincia do Namibe: 194.000
Provincia do Uíge: 1.252.000
Provincia do Zaire: 334.000

Atualmente, a população de Angola compõe-se de cerca de 15.116.000 habitantes, dentro de um sistema governamental multipartidário governado pelo presidente José Eduardo dos Santos. A capital do país é Luanda, mas Benguela, Lobito, Huambo e Lubango são, ao lado de Luanda, as principais cidades do país. A língua oficial do país é o português e as línguas nacionais são: umbundu, kimbundu, kikongo, tchockwe. Na seção a seguir, abordamos brevemente aspectos sobre o conceito de língua oficial e língua nacional.

1.1.2. Aspectos Linguísticos

O continente africano é um imenso espaço geográfico e abriga quase um terço das línguas do mundo.

[...] Uma recente autoridade (Grimes (ed.) 1996) coloca o número de línguas africanas na casa de 2.035: este número não é fixo pois algumas línguas estão ainda sendo descobertas, enquanto outras, com poucos falantes, estão sendo eliminadas. [...]

Heine & Nurse (2000: 1, traduzido)

O que se apresenta aqui de universo linguístico africano reúne apenas as línguas nativas do continente, excluindo-se as línguas introduzidas nos últimos dois mil anos no

continente, como: árabe, malagasiano, afrikaans, inglês, francês, espanhol e português.

A situação atual no continente africano, incluindo Angola, é caracterizada pelo multilinguismo associando às línguas estatutos e funções diferentes. As línguas são classificadas como línguas oficiais, nacionais e veiculares:

(i) Língua oficial: normalmente uma língua europeia, a do colonizador, na maioria dos países.

(ii) Língua nacional: é uma das várias línguas locais escolhidas para serem descritas e normatizadas em razão de sua extensão e número de falantes, com o objetivo de serem ensinadas na escola e se tornarem língua oficial.

(iii) Língua veicular: é uma língua nacional que estabelece a comunicação entre falantes de línguas diferentes, muitas vezes de países vizinhos.

Em Angola, a língua oficial é a língua portuguesa, confirmando a adoção da língua do colonizador como oficial e usada nos órgãos oficiais do país e no ambiente escolar. As línguas nacionais são umbundu, kimbundu, kikongo e tchokwe, faladas por um grande número de falantes e distribuídas pelo território angolano. Essas línguas, na maioria dos casos, estão descritas e dispõem de gramáticas próprias como meio de serem normatizadas.

A seguir, apresentamos o mapa linguístico de Angola com as línguas faladas no país e sua distribuição no território angolano²³:

²³ http://www.ethnologue.com/show_map.asp?name=AO&seq=10



O multilinguismo presente em Angola é atestado em nosso corpus através da fala de um dos informantes apontado por Chavagne (2005: 112):

E: E então, além do português, é capaz de entender ou falar outra língua de Angola, o kimbundu por exemplo?

Li36: Sim, é capaz sempre. É capaz sempre porque nós por exemplo, eu falar não sei mas percebo certas coisas que é kimbundu e a outra língua do Sul que é o umbundu. Entendo perfeitamente.

O falante ao dizer que percebe “*certas coisas que é kimbundu e a outra língua do Sul que é o umbundu*” confirma a situação de se ter em Angola mais de uma língua nacional em situação de contato com a língua oficial – o português.

Seguindo Petter (2008: 39), a sociedade angolana é composta por uma variedade de grupos linguísticos, com predominância de línguas bantas e algumas línguas coissan. Atualmente, há um processo de gramatização das seis principais línguas e a sua posterior classificação como língua nacional, requisito básico para que cheguem ao status de língua oficial, posto ocupado pelo português. Outro aspecto levantado por Petter (2008), seguindo Chavagne (2005), é o fato de se ter em Angola a língua portuguesa convivendo com outras línguas africanas.

A comprovação do multilinguismo, destacado no mapa acima, mais o depoimento do falante sobre a presença de línguas africanas concomitante ao português, reforça a questão que se coloca em Petter (2008): a importância de se entender questões relativas ao português falado em África a fim de se entender o português falado no Brasil.

Nessa dissertação, a temática português africano – especificamente, o angolano – em comparação com o português brasileiro, encontra-se fora do escopo do trabalho. No entanto, no tocante à categoria foco, na subseção (3.2.), abordamos parte do assunto ao analisarmos as ‘perguntas QU fronteadas seguidas de QUE sem cópula’.

Atualmente, em Angola, diversas discussões entre intelectuais e profissionais da área de ensino e linguagem mais o governo estão em pauta sobre os caminhos a serem seguidos na questão do ensino e aprendizagem da língua portuguesa em um contexto claramente multilíngue que se atesta nesse país africano.

Zau (2009), ao analisar projetos colocados à apreciação pública sobre a política linguística a ser adotada em Angola, chama a atenção para o fato de que nesses projetos, abandona-se a designação ‘línguas nacionais’ e todas as outras línguas de origem africanas passam a ser designadas como ‘demais línguas de Angola’. Para Zau (2009), essa postura significa que “a língua portuguesa passou a ser assumida como propriedade de cada usuário

e, como tal, como idioma também dos angolanos”.

Zau (2009) afirmar que a língua portuguesa não é suficientemente dominada pela maioria dos angolanos, mas que, no entanto é a única falada de Cabinda ao Cunene, representando uma cobertura nacional em termos de território dentro de um ambiente multilíngüe. O autor levanta a seguinte discussão:

[...] as principais línguas de comunicação internacional (inglês e francês) são estrangeiras mas têm um estatuto, porque fazem parte de currículos do nosso sistema educativo. Porém, se consideramos a necessidade de valorização, promoção do estudo, ensino e utilização das ‘demais línguas de Angola’, falta saber que estatuto político terá de ser dado a cada uma das línguas de origem africana faladas em Angola (nacionais, regionais, locais...).

Zau (2009 – página da internet)

A questão levantada por Zau (2009) mais uma vez ratifica a situação de multilinguismo no território angolano e aponta para a necessidade da adoção de uma política linguística que leve em conta a realidade social e linguística de seus falantes. Desse modo, apontam-se, também, novos caminhos para os estudos linguísticos da língua portuguesa falada em Angola e da situação das línguas classificadas como ‘línguas nacionais’.

1.2. Sobre os Dados

Para a abordagem das categorias *foco* e *tópico* no português angolano, os dados foram obtidos a partir de um corpus presente em Chavagne (2005). O autor, ao final de sua tese de doutorado, apresenta um anexo – Annexe 1: Corpus Oral Transcrit – constituído de oito transcrições que serviram de base para seu estudo sobre as principais características do português angolano em comparação com o português europeu e aproximações com o português brasileiro.

As transcrições contidas no anexo de Chavagne (2005) são compostas de diferentes situações de falas com diferentes interlocutores em contextos de ambiente universitário, programas de rádio, programas de televisão, registros de interpretação de atores em textos paródicos sobre a língua popular angolana e entrevistas com intelectuais de Angola. A partir dessa diversidade de interlocutores, nota-se que o corpus privilegia uma variedade do português angolano que podemos considerar como ‘português angolano culto’, falado por

universitários, repórteres, escritores e pessoas com grau de instrução escolar relativamente superior a uma grande parcela de angolanos.

Chavagne (2005) apresenta suas transcrições da maneira tradicional em que temos a indicação dos informantes ou entrevistados por meio de letras e números e a representação direta do conteúdo conversacional é feita pelo modo ortográfico convencional. Em alguns casos, nota-se uma marcação específica em negrito para alguma particularidade a ser estudada pelo autor. A seguir, apontamos um exemplo de como se apresenta a transcrição de Chavagne em seu anexo²⁴:

Fa27: Rui Mingas já não é embaixador de Angola?

E: Vai ser substituído.

*Fa27: Mas continua a ser o embaixador de Angola. Até agora. Eu **tiv[i] hoje** ~ tá bem é uma questão de dia, eu **tiv[i] hoje**, a burocracia funciona lenta, você sabe o que é ~eu **tiv[i] hoje** na Embaixada. Fui tratar lá os meus documentos e no sê quê. O Embaixador é o Rui Mingas, o vice-cônsul é que é outro gajo.*

Do29: Ele já não tá lá, mas ~

O trecho acima nos mostra que Chavagne indica os falantes participantes do ato conversacional, e mesmo utilizando uma transcrição ortográfica convencional, preocupou-se em apontar especificidades fonéticas como o [i] em *tiv[i]*. A proposta de transcrição de Chavagne mostrou-se útil para nosso trabalho, pois apontava o contexto em que o conteúdo era expresso. No entanto, fizemos uma reorganização desse conteúdo em dados específicos que apresentassem sentenças clivadas, pseudoclivadas e constituintes topicalizados, conforme apontamos abaixo, a partir de um recorte do mesmo trecho apresentado anteriormente²⁵:

(01) *o vice-cônsul é que é outro gajo*

A sentença em (01) foi obtida a partir de um contexto de fala do falante 'Fa27'. Para os objetivos de nosso trabalho, interessava-nos destacar, desse contexto, uma sentença como (01) por conter um constituinte clivado na periferia esquerda da sentença com leitura de foco contrastivo²⁶. Desse modo, constituímos nossos dados para essa dissertação a partir de

²⁴ Excerto retirado de Chavagne (2005: 74 – Annexe 1).

²⁵ No capítulo II, abordamos os motivos de considerarmos, para esse trabalho, as sentenças clivadas e pseudoclivadas como recurso para a apreensão da categoria *foco*.

²⁶ No capítulo II, seções (2.1.) e (2.2.), apresentamos uma tipologia de foco e o modo de realização do foco, respectivamente.

uma reorganização dos dados de Chavagne (2005), considerando, sempre, o contexto discursivo para a apreensão e delimitação das categorias discursivas em análise nesse trabalho. Na seção ‘Anexo’, ao final do trabalho, apresentamos as sentenças do português angolano reorganizadas em dados que serviram de base para o estudo do *foco* e do *tópico* nessa variedade do português.

Essa dissertação apresenta cinco capítulos além desse capítulo introdutório. No capítulo I, apresentamos a categoria *foco* e sua tipologia através do trabalho de Oliveira & Jorge (no prelo). Apontamos, também, como o *foco* pode ser realizado e a justificativa por se optar pelo tratamento das sentenças ‘clivadas’ e ‘pseudoclivadas’ nesse trabalho. A partir da delimitação da leitura semântica de clivagem, proposta por Modesto (2001), e o trabalho de Miotto & Negrão (2007) sobre o CP das sentenças relativas e clivadas, justificamos o tratamento dispensado às clivadas como estruturas próprias de veiculação do *foco*. A estrutura proposta para o *foco* é definida pela apresentação e adoção do CP ‘explodido’ de Rizzi que prevê diferentes posições para o alojamento de categorias discursivas como o *foco*. Seguimos apresentando uma tipologia para as sentenças ‘clivadas’ e ‘pseudoclivadas’ a partir das propostas vistas em Braga, Kato & Miotto (2009) e Ribeiro & Côrtes Junior (2009). Destacamos, também, a proposta de Oliveira (no prelo) em considerar as construções de ‘perguntas QU fronteadas seguidas de QUE sem cópula’ como sentenças em que não ocorre o processo de clivagem e a partícula ‘que’ é considerada uma partícula focalizadora e o *foco* é de controle gramatical.

O capítulo III é dedicado à análise da categoria *foco* no português angolano. A partir da tipologia das sentenças clivadas apontada para o português, no capítulo II, destacamos para essas sentenças clivadas: (i) suas leituras especificacionais; (ii) o tipo de foco sentencial; (iii) o tipo de clivagem e (iv) uma proposta de estrutura para a sentença. Apresentamos, também, a proposta de se analisar, para o português angolano, as sentenças tradicionalmente classificadas de ‘interrogativas clivadas sem cópula’, presentes em nossos dados, como ‘perguntas QU fronteadas seguidas de QUE sem cópula’ com marcação específica de *foco* de controle gramatical, ratificando a proposta de Oliveira (no prelo) apresentada no capítulo anterior.

Para a categoria *tópico*, reservamos o capítulo IV. Diferentemente do que apresentamos para a categoria *foco*, apenas apontamos uma breve descrição dos tipos de tópicos encontrados no português angolano. Para essa descrição, seguimos uma tipologia

que se vê em trabalhos linguísticos no Brasil. A análise do tópico encontra-se, portanto, fora do escopo desse trabalho.

No capítulo V apontamos para a conclusão do trabalho com as considerações finais e no capítulo VI apresentamos as referências bibliográficas. Em 'Anexo', apresentamos as sentenças que serviram de base para a análise do *foco* e do *tópico* no português angolano.

CAPÍTULO II – A CATEGORIA FOCO

Ao estudarmos sobre a categoria *foco*, estamos diante de um fenômeno de interface sintático/discursivo. Nesse trabalho, assumimos a abordagem de foco de Zubizarreta (1997:1, traduzido) que diz que: “[...] *foco* é definido em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença.”²⁷. Logo, ratificam-se as palavras de Oliveira (no prelo):

[...] a definição de foco que se toma neste trabalho não está centrada em termos da dicotomia informação 'nova' vs. informação 'velha', como se observa em algumas abordagens funcionalistas. Diferentemente, seguindo Zubizarreta, concorda-se que “[...] as noções informação nova vs. velha... são noções discursivas sem nenhuma importância gramatical direta”.

Ao afirmar que as noções *informação nova* vs. *velha* são noções discursivas sem importância gramatical direta, ratificamos que não são essas as noções responsáveis pela definição e caracterização de foco em Teoria da Gramática. Por esta razão, opta-se por uma apreensão dessa categoria em termos sintático-formais e não relacionados a noções puramente discursivas²⁸.

Zubizarreta (1997) propõe que a interpretação de um constituinte focalizado deve ser representada por meio de duas asserções (A) no nível da Forma Lógica (LF): A₁, A₂, chamadas de *estrutura de asserção* (AS) pela autora, conforme notamos abaixo²⁹:

(01) A₁: Existe um x tal que o João comeu x.

A₂: O x tal que o João comeu x = [F a torta].

²⁷ A pressuposição é entendida como o ‘cenário’ da sentença que se supõe partilhada pelos falantes.

²⁸ Para Payne (1997:262, traduzido), foco/tópico/ênfase “... provavelmente, são os termos usados de modo mais excessivo e impróprio na lingüística...”. Alguns dos termos usados para se referir ao foco são ‘rema’, ‘asserção’ e ‘informação nova’. A Escola de Praga – fundada por um grupo de linguistas tchecos e estudiosos de outras nacionalidades, influenciados diretamente pelo príncipe russo Nicolai Trubetzkoy – foi uma das responsáveis pela difusão do conceito de foco como a parte da sentença relacionada à ‘informação nova’. Trask (1993:105, traduzido) define foco como:

*[...] Especial proeminência dada a certo elemento na sentença que representa a informação nova mais importante na sentença ou que é explicitamente contrastada com alguma coisa mais. Em inglês, os elementos focados são freqüentemente marcados somente pelo acento, embora construções **cleft** também sejam usadas. Algumas outras línguas variam a marcação do elemento focado através do uso de partículas, como em muitas línguas filipinas, ou pelo uso da ordem da palavra, como em basco, em que um elemento focado é localizado diretamente antes do verbo.”*

²⁹ AS (estrutura de asserção) da sentença [João comeu a torta], extraído de Quarezemin (2005:8), dado (10), renumerado.

Em (01), a A_1 representa o contexto assertivo ou a pressuposição da sentença; a A_2 recebe a denominação de asserção principal, sendo uma sentença equativa que possui como predicado o elemento focalizado.

Além da definição de foco que seguimos nesse trabalho, e apontada acima, é preciso ainda afirmar que essa categoria possui uma tipologia específica. Logo, seguindo Hyman & Watters (1984: 239-240), enfatizamos que o tipo (ou função do foco) é preponderante na análise dessa categoria.

Kuno (1972), (1975) e Chafe (1976) apresentaram uma diversidade funcional para o sistema de foco. Kuno (1972) aponta que distinções como “tema”, “contraste”, “listagem exaustiva” e “descrição neutra” possuem um papel decisivo na sintaxe da língua japonesa e também do inglês. Chafe amplia a tipologia de Kuno propondo o foco de listagem exaustiva e também a terminologia para o “foco contrastivo”.

2.1. Tipologia do Foco – Apud Oliveira & Jorge (no prelo)

Abaixo, resumimos Oliveira & Jorge (no prelo) que, a partir de Zubizarreta (1997), apresentam a dicotomia foco/pressuposição em “foco contrastivo”, “foco assertivo” e “foco de listagem exaustiva”.

Conforme apontamos na AS em (01), podemos interpretar o constituinte focalizado a partir da representação de duas asserções. No caso do “foco contrastivo”, vejamos o exemplo (02) e sua AS em (03)³⁰:

(02) João alimentou-se de feijão (e não de arroz).

(03) A_1 : Há um x que João alimentou-se

A_2 : Não é o caso que o x (do qual João alimentou-se) = arroz

&

O x do qual João alimentou-se = feijão

A asserção A_1 em (03) é constituída pela pressuposição existencial “João alimentou-se de feijão”. A asserção A_2 é composta de duas partes: (i) a primeira verifica a negação do valor de verdade atribuído, previamente, pela variável x (arroz); (ii) a segunda atribui um novo valor de verdade para essa variável: feijão. Assim, a partir dos exemplos em (02) e (03), a dicotomia *foco*/pressuposição que adotamos nesse trabalho pode ser vista como:

³⁰ Exemplo adaptado de Oliveira & Jorge (no prelo).

- ✓ *foco*: [feijão] – a parte não-suposta da sentença;
- ✓ *pressuposição*: [arroz], parte da estrutura de asserção representada “pelo contexto”.

Um exemplo de “foco assertivo” pode ser visto com o mesmo exemplo em (02)-(03), renumerados, e em contexto diferente:

(04) João alimentou-se de feijão.

(05) A₁: Há um x tal que João alimentou-se desse x

A₂: É o caso que o x (tal que João alimentou-se de x) = feijão

No “foco assertivo”, como em (04)-(05), a asserção A₁, em (05), constitui-se pela pressuposição existencial “João alimentou-se de x (*feijão*). A A₂ verifica e confirma o valor de verdade atribuído anteriormente para a variável x (*feijão*).

Para Kuno (1972:278, traduzido), no “foco de listagem exaustiva”:

Um sintagma nominal com ‘interpretação de listagem exaustiva’ é aquele usado quando um falante afirma que o resto da sentença é verdade somente com relação ao referente daquele sintagma nominal, e é falso com relação a todos os outros membros da classe que está sob discussão (...).

Tomemos o exemplo em (06), abaixo³¹:

(06) Falante A: Entre João, José e Pedro, quem ensina na faculdade?

Falante B: João ensina.

(Falante B está afirmando que ninguém mais do grupo ensina na faculdade).

Abaixo, temos exemplos de Kuno (1972) de sentenças com “foco de listagem exaustiva” no japonês, marcado com a partícula **ga**³²:

(07) a. John **ga** baka desu “É John que é estúpido”

John	ga	baka	desu
John	FOC	estúpido	ser

³¹ Exemplo adaptado de Oliveira & Jorge (no prelo).

³² Kuno (1972:271); dados (I-4a/b), renumerados. As glosas são nossas.

“(Entre todas as pessoas na discussão) John, e apenas John, é estúpido”

b. John **ga** mainiti gakkoo ni iku “É John que vai à escola todo dia”

John	ga	mainiti	gakkoo	ni	iku
John	FOC	todo dia	escola	PREP	ir

“(Entre todas as pessoas na discussão) John, e apenas John, vai à escola todo dia”

Seguindo Zubizarreta (1997), Miotto & Negrão (2003:13) afirmam que a propriedade de exaustividade é realizada como identificação por exclusão, que pode ser parafraseada por [x e apenas x]³³:

(08) – Marta deu o livro e a caneta ao João.

– Marta deu o livro ao João.

(09) A₁: ‘Há um X tal que ‘Marta deu X ao João’

A₂: Para todo Y, ‘Marta deu Y ao João’ se e apenas se y=x

&

O X (tal que ‘Marta deu X ao João’) = [F o livro].

A fórmula em (09), se comparada com a fórmula em (03), uma fórmula contrastiva, faz com que o traço de unicidade possa ser visto, apontando para a “exaustividade”.

Watters (1979), a partir do estudo do foco em aghem, uma língua falada em Camarões, acrescenta à tipologia de foco de Kuno e Chafe dois outros tipos: o “foco polar” – quando o valor de verdade da sentença é marcado morfologicamente pelo foco; e o “foco polar contra-assertivo” – o foco marca morfologicamente o valor de verdade da sentença e contradiz uma asserção prévia do ouvinte através desse valor. A literatura não atesta os tipos de foco: “listagem exaustiva”, “polar” e “polar contra-assertivo” em português. Logo, embora essas leituras possam apreendidas em português, a gramática dessa língua não atesta uma marcação gramatical para essas tipologias³⁴.

³³ Oliveira & Jorge (no prelo) informam que os dados, renumerados por nós como (08) e (09), são de Miotto & Negrão (2003:14; dado (31)). A ligação das duas proposições em (09), formando o exemplo de foco exaustivo em (08), segue Miotto & Negrão (2003:14, dado (31)). Miotto & Negrão (2003) agradecem Roberta Pires pela sugestão da fórmula que segue o exemplo.

³⁴ Embora consideremos, por exemplo, que o foco de listagem exaustiva não seja marcado gramaticalmente no PB, podemos apreendê-lo semanticamente por meio do foco assertivo ou contra-assertivo, conforme aponta Polli (2008:28), dado 1.09:

Seguindo as propostas de Zubizarreta (1997) e Kiss (1998), baseadas em estudos sobre línguas indoeuropeias, assumimos que a tipologia de foco para o português envolve (i) *foco de informação* (foco assertivo); (ii) *foco contrastivo*.

2.2. A Realização do Foco

Além da definição de foco e de sua tipologia apontadas acima, seguimos Hyman & Watters (1984: 238), que chamam a atenção para as realizações gramaticais do foco: (i) sintáticas, (ii) morfológicas, (iii) fonológicas.

Unindo diretamente uma função discursiva com uma marcação gramatical, o foco pode ser realizado nos níveis sintático, morfológico e fonológico (prosódico).

Na sintaxe, podemos destacar os estudos sobre o foco na posição de sujeito no PE e no PB. Kato & Raposo (1996), entre outros, apontam que, no PE, o sujeito focalizado ocorre posposto ao verbo – ordem VS – diferentemente do que se atesta no PB. Vejamos, em (10), uma sentença do tipo pergunta-QU (contexto de apreensão de foco), seguida, em (11), das sentenças-respostas (foco) em PE/PB:

(10) Quem comprou o carro?

(11) a. (O carro) comprou **a Maria**. (PE/*PB)

b. (O carro) **A Maria** comprou. (*PE/PB)

Em (11), o DP “a Maria”, que responde à pergunta-Qu em (10) e funciona como foco, ocorre em diferentes posições nas duas línguas – PE/PB; o DP apresenta uma entonação especial que é parte da marcação gramatical do foco em português.

Na morfologia, algumas línguas fazem a marcação do foco através de uma partícula, como ocorre em ioruba:

(12) *Maria ni o fun omo ni osan lanaa* “*It was Mary who gave the baby an orange yesterday*”³⁵

A: - Todos os nossos vizinhos são chatos, né?

B: - Não. Chato é [_F o da frente]. Ou [_F só o da frente] é chato.

Logo, é possível que se apreenda, em português, foco polar e polar contra-assertivo, mas apenas em um nível pragmático/semântico, não marcado na gramática dessa língua.

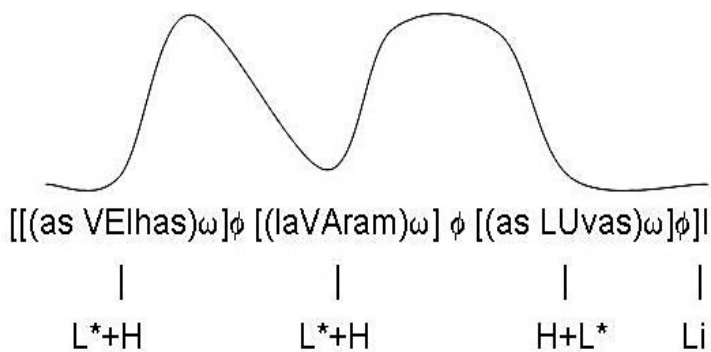
³⁵ O dado, extraído de Adesanya (2007:151), foi renumerado e a marcação em itálico é nossa. No exemplo original não há glosas.

No exemplo acima, a partícula focalizadora *ni* ocorre imediatamente após o sintagma que recebe a leitura de foco.

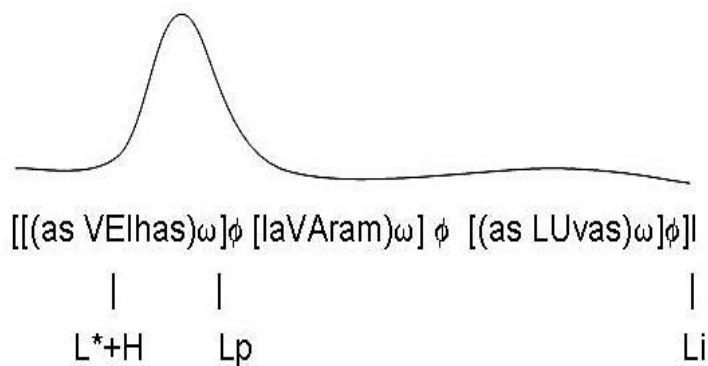
Com relação à interface sintaxe/fonologia, na língua portuguesa (e em muitas outras línguas indoeuropeias), a proeminência prosódica tem papel fundamental na marcação do foco.

Observe abaixo o contorno entonacional de duas sentenças em PB: (i) uma sentença neutra em (13), (ii) uma sentença com a mesma formação linear de (13), mas com foco prosódico no sujeito (14) – dados de Fernandes (2007)³⁶:

(13) Sentença Neutra em PB



(14) Sentença com Foco Prosódico no PB



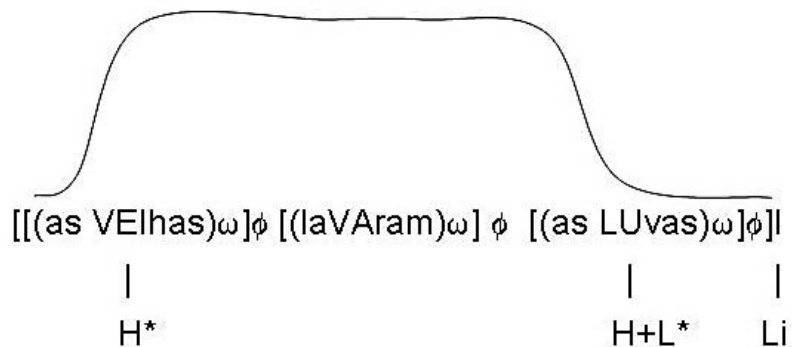
Como se vêem nos gráficos acima, há um contorno entonacional especial no DP *as velhas* e

³⁶ Dados (Ia) e (IIa), extraídos de Fernandes (2007: 239), renumerados.

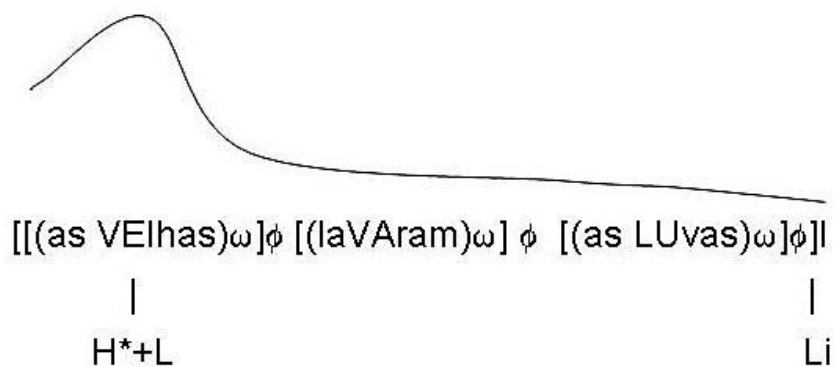
esse contorno está ligado a uma interface sintaxe/fonologia que “lê” uma pressuposição pragmática – o símbolo L refere-se a tom baixo e o símbolo H, tom alto.

Fernandes (2007) apresenta, ainda, uma sentença neutra em PE, similar a (13) em PB, seguida de outra sentença em PE com a mesma formação linear de (13) e com foco prosódico no sujeito – dados de Fernandes (2007)³⁷:

(15) Sentenças Neutras em PE



(16) Sentença com Foco Prosódico no PE



As análises prosódicas do PE, a partir das sentenças acima em (15) e (16), indicam que o PE apresenta prosódias distintas do PB, tanto nas sentenças neutras, como nas sentenças com foco.

Nesse trabalho, conforme já mencionamos no capítulo I, nosso corpus constitui-se de transcrições da oralidade culta do português angolano (PA) – Chavagne (2005). No entanto, não dispomos de gravações dessa oralidade transcrita, o que nos impossibilita realizar uma análise, ainda que preliminar, da prosódia do foco nessa língua. Por tal razão,

³⁷ Dados (Ib) e ,(IIb), extraídos de Fernandes (2007: 239), renumerados.

centramo-nos na análise do foco, em PA, voltada para a interface morfossintaxe/discursiva, priorizando o tratamento de dados com sentenças clivadas e pseudoclivadas.

2.2.1. Clivadas

Uma maneira de se estudar o foco em uma abordagem morfossintática está na consideração de estruturas conhecidas na literatura como clivagem. Tomada como uma sentença ‘marcada’, assim como as pseudoclivadas e perguntas-QU fronteadas, a clivada é o resultado de uma operação de ‘ensanduichamento’ de um dado sintagma da sentença entre uma cópula e um ‘que’, como vemos no sintagma *uma casa*, abaixo:

(17) **Foi** *uma casa*_i **que** ele comprou _{t_i} (e não um carro).

Essa operação é realizada, necessariamente, para destacar sintaticamente o foco da pressuposição seja para identificar o *foco assertivo* (informacional) ou para contradizer algo afirmado ou pressuposto, caso do *foco contrastivo*.

Nesse trabalho, assumimos a abordagem semântica de clivagem que se vê em Modesto (2001), ratificada em Miotto & Negrão (2007) – daqui em diante, M&N.

Para M&N, nem toda construção em que se vê um elemento ensanduichado entre cópula e palavra ‘que’ é uma clivagem. Os autores, seguindo Modesto (2001:37), tomam as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ como as principais características das construções clivadas, ao lado da ‘leitura especificacional’.

Nas sentenças especificacionais há a ‘especificação’ de um valor a uma variável. Para as clivadas, o constituinte focalizado funciona como esse valor e a sentença introduzida pelo *que* é a variável, conforme o exemplo abaixo:

(18) [É a maçã que] ela está descascando

valor: a maçã

variável: x que ela está descascando

O processo de clivagem gera uma predicação com leitura especificacional caracterizada pela obrigatoriedade de atribuição de um valor a uma variável – ver Modesto (2001:33)³⁸.

³⁸ As sentenças especificacionais são o contrário das sentenças predicacionais. As sentenças predicacionais predicam uma propriedade sem a especificação de um valor, e “não mostram contraste, nem exaustividade (já

Assim, para a sentença em (18), atribuímos à variável um valor que deve ser, obrigatoriamente, o foco da sentença – a maçã – pois ao final da sentença poderíamos proferir:

(19) É a maçã que ela está descascando (não a banana).

A relação entre valor/variável presente nas sentenças clivadas é a responsável pelas leituras de contraste, já que a atribuição de um valor a uma variável faz um contraste com todos os outros valores que não foram selecionados e ainda acrescenta leitura de exclusividade, conforme o exemplo abaixo:

(20) É o Pedro que gosta da Maria (não o Carlos/ *e o Carlos também)³⁹

Em (20), pressupõe-se que assim como alguém gosta da Maria (pressuposição de existência), há pelo menos uma pessoa que não gosta (pressuposição de exclusividade). A leitura de exaustividade está em todos os valores que satisfazem a variável das clivadas.

Ainda para Modesto (2001:39), outra característica importante das sentenças especificacionais é que o constituinte clivado deve seguir a restrição de c-seleção (seleção da categoria) do verbo da sentença encaixada sob a cópula. Isso porque esse constituinte clivado corresponde a um valor obrigatoriamente relacionado ao tipo lógico e à categoria gramatical exigida pela variável⁴⁰:

- (21) a. É de mim que ela gosta
b. *É mim que ela gosta

Em (21), a variável ‘x que ela gosta’ precisa ser preenchida por um valor que obedeça a c-seleção de seu verbo. O verbo *gostar* selecionando um sintagma preposicional torna o exemplo (21a) uma sentença gramatical e o valor especificado corresponde ao tipo lógico e

que nenhum valor é atribuído à variável” (Modesto, 2001:40). Vejamos a sentença em (i) – Modesto (op.cit) – com valor predicacional:

(i) O que ele faz é lucrativo.

Para Modesto, em (i), depreende-se uma leitura predicacional (não especificacional). Na leitura predicacional em (i), há a pressuposição de que alguma coisa é feita por *ele*, mas essa ‘alguma coisa feita por ele’ não implica não ser alguma outra coisa (i.e., há ausência de ‘contrastividade’, ‘exaustividade’). Em (i), por exemplo, pode-se acrescentar à propriedade ‘lucrativo’, a propriedade ‘benéfico’ como se vê em:

(i’) O que ele faz é lucrativo e TAMBÉM benéfico.

³⁹ Dado (24), extraído de Modesto (2001:36), renumerado.

⁴⁰ Exemplo adaptado de Modesto (2001:39), dado (27).

categorial exigido pela variável.

A abordagem que seguem M&N sobre clivadas com foco apresentarem, obrigatoriamente, uma leitura especificacional – e não predicacional – no sentido de Modesto (2001), tem uma implicação importante dentro da análise tradicional que se toma para as clivadas.

Tradicionalmente, as orações clivadas – sejam elas de leituras predicacionais ou especificacionais – são analisadas como sentenças que contêm uma relativa. Braga, Kato & Mioto (2009:283) ratificam essa proposta como se vêem nos dados abaixo⁴¹:

(22) a. São as crianças \emptyset que vão comigo.

b. É esta criança \emptyset que vai comigo.

(23) a. São [_{su}j as crianças [_{pred} (as) que vão comigo]].

b. É [_{su}j esta criança [_{pred} (a) que vai comigo]].

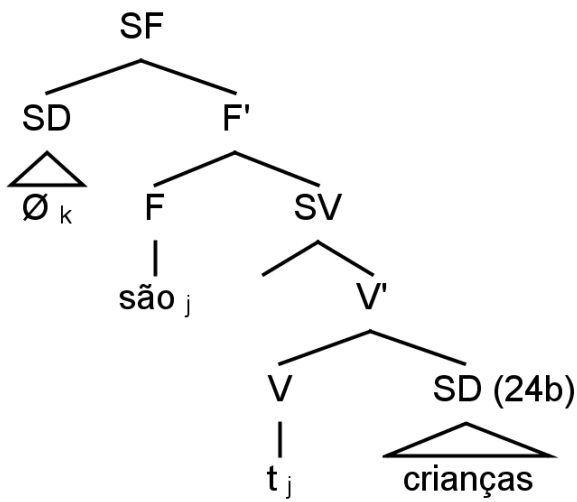
Para Braga, Kato & Mioto (2009), o *que* presente nas clivadas em (22/23a-b) é analisado como um pronome relativo com o núcleo nominal nulo. Esse núcleo nulo (na posição de especificador de um sintagma concordância (AgrP) – pequena oração⁴²) ocorre de forma explícita em sentenças como as em (23) por meio dos núcleos *as* e *a*. Observe a projeção abaixo que visa a exemplificar a proposta de clivadas conterem uma relativa – estrutura-exemplo das sentenças (22 /23a-b)⁴³:

(24)a

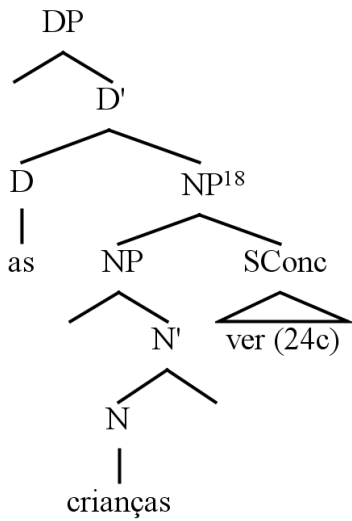
⁴¹ Braga, Kato & Mioto (2009: 283); dados (93) e (94), renumerados.

⁴² Sobre ‘pequena oração’ ser tratada como expansão de um núcleo ‘concordância’ – AGR – ver Haegeman (1999: 123-126), ratificada em Oliveira (2010: 1.1.2.1.).

⁴³ A projeção AgrP que apresentamos em (24a-c) segue Oliveira (2010: 1.1.2.1; p. 199-208). Enfatizamos, no entanto, que as projeções em (24a-c) são nossas ‘interpretações’ à análise descrita dessas orações por Braga, Kato & Mioto (2009:283), que não apresentam a estrutura arbórea. No entanto, é preciso ainda observar que a literatura aponta análises diferenciadas das relativas incluídas em uma clivada.

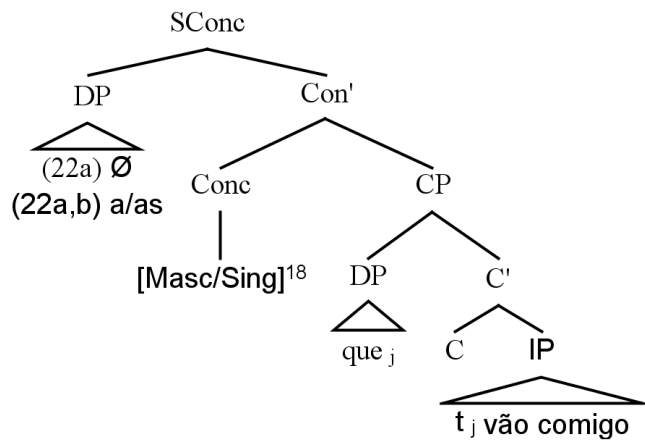


b.



(Pequena oração – ver nota 29 e 30)

c.



Logo, pela estrutura que apresentamos em (24), corrobora-se a proposta da literatura de que, em uma clivada, na pequena oração que contém a relativa, nada é alçado.

M&N contestam a análise convencional – que pode ser vista em (24) – de que uma clivada (com leitura de foco) contenha uma oração relativa. Para esses autores, em orações clivadas do tipo especificacional não se pode admitir um CP relativo. Observe a sentença que apresentamos em:

(25) É a menina que gosta dele

Estruturas como (25) podem ou não ser especificacionais (foco). Se forem especificacionais, vão apresentar as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ que caracterizam uma sentença com foco e definem o constituinte clivado como o elemento focalizado dessa sentença. Segue, em (26), portanto, uma pergunta-QU que funciona como um meio de apreensão do foco da sentença (25), renumerada:

(26) Quem gosta dele?

(27) É a menina que gosta dele

A partir da pergunta em (26), obtemos como resposta o DP ‘a menina’, valor atribuído à variável “x que gosta dele” e, portanto, foco sentencial de (27). Em (27), atesta-se um pico entonacional na última sílaba tônica de *menina* [-ni-], o constituinte clivado.

No entanto, sentenças como (25) também podem ser predicacionais⁴⁴. Neste caso, não há as leituras próprias das sentenças especificacionais e que tomamos como as únicas possíveis para as clivadas. Segue, em (28), portanto, uma pergunta-contexto para a resposta que se dá em (25), renumerada:

(28) Qual é a pessoa que vamos chamar para a festa do Pedro?

(29) É a menina que gosta dele

Se ‘É a menina que gosta dele’, em (29), for resultado de uma pergunta como em (28), fica evidente tratar-se de uma sentença do tipo copulativo, e o *que* dessa sentença é analisado

⁴⁴ Cf. nota de rodapé 25.

como pronome relativo, do tipo que se vê em (24).

Para casos como ‘É a menina que gosta dele’ em (27), uma clivada, M&N (2007:160) argumentam a razão de não se considerar um CP relativo encaixado em uma pequena oração nessas estruturas – como se aponta em (24). Os autores, seguindo de Vries (2002), apontam as propriedades que definem uma sentença relativa (não clivada/não focalizada):

- *uma sentença relativa é um CP encaixado;*
- *uma sentença relativa é conectada ao material circundante por um constituinte que funciona como pivô. O pivô é um constituinte semanticamente partilhado pela matriz e pela relativa. Se o pivô, normalmente um sintagma nominal, é realizado na sentença matriz, ele é reconhecido como um antecedente⁴⁵;*
- *o papel temático e a função sintática que o constituinte pivô desempenha na sentença relativa são em princípio independentes de seu papel semântico e de sua função sintática fora da relativa.*

Abaixo, exemplificamos o pivô na sentença (29), uma sentença relativa, renumerada em (30a-b):

(30)a. *É a menina que gosta dele*

b. Pivô externo (o SD que desencadeia a oração relativa): *a menina*

Pivô interno (que ‘retoma’ semanticamente, na relativa, o pivô externo): *que*

Após discutirem sobre as propriedades das sentenças relativas, M&N (2007:173-181) mostram, através de critérios prosódicos, sintáticos e semânticos, as diferenças que se atestam entre as sentenças clivadas e as relativas. Para isso, apresentam resultado de pesquisa em que gravam falantes que respondem às seguintes perguntas:

(31) Quem foi que foi reprovado?⁴⁶

(32) Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?⁴⁷

⁴⁵ A relação do CP relativo com o pivô da sentença matriz possui duas concepções distintas. Uma aponta o CP relativo como um adjunto do pivô (do NP ou do DP antecedente da relativa) e outra aponta para uma relação de complementação em que o CP é complemento de N ou complemento de D. Para Miotto & Negrão (2007:161), nenhuma dessas concepções representariam a relação que se sustenta entre o CP das clivadas e o constituinte clivado.

⁴⁶ M&N (2007: 174); dado (37a), renumerado.

⁴⁷ M&N (2007: 174); dado (37b), renumerado.

Às perguntas (31)-(32), M&N atestaram as respostas (33), (34) respectivamente (linearmente iguais, mas diferentes em termos prosódicos)⁴⁸:

(33)a. Foi o aluno que foi reprovado

b. Resposta à pergunta (31) → estrutura clivada → *Pitch*: 234Hz

Observa-se que o valor de *pitch* mais proeminente em (33) se localiza na última sílaba tônica de *aluno*, que é [-lu-]: o constituinte clivado.

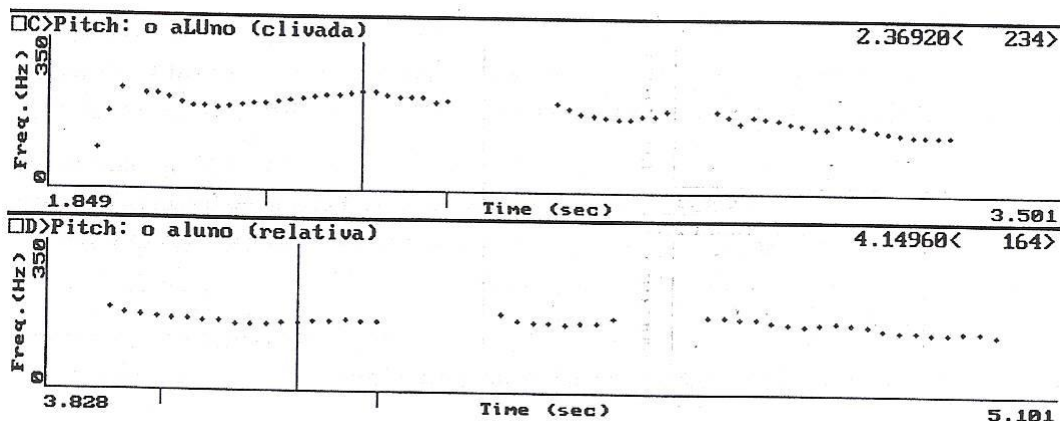
(34)a. Foi o aluno que foi reprovado

b. Resposta à pergunta (32) → estrutura relativa → *Pitch*: 164HZ

Observa-se que o valor de *pitch* mais proeminente em (34) incide sobre a sílaba que possui o acento nuclear da sentença: [-va-] da palavra *reprovado*. Em outras palavras, o *pitch* mais proeminente em (34) recai no acento nuclear da palavra final da sentença. Isto prova que não há focalização na resposta em (34) à pergunta (32).

Abaixo, apresentamos o valor do *pitch* da sílaba [-lu-] na clivada e ainda o valor do *pitch* na relativa (que não contém foco) como se vê em M&N⁴⁹:

(35)



O teste acima, visto em (35), ratifica que prosódias distintas apontam para estruturas distintas nas sentenças (33) e (34) em que se vê a diferença entre uma sentença clivada e uma relativa. Em (33), *aluno* é um SD focalizado (clivagem); em (34), *aluno* é um SD pivô de uma sentença relativa.

⁴⁸ M&N (2007: 174); dado (36), renumerado: (33 a-b); (34 a-b). Os dados em (33/34 b) apontam para entonações distintas que M&N observaram a partir de testes realizados em laboratório.

⁴⁹ M&N (2007: 174); gráfico de entonação (38), renumerado.

Quanto ao critério sintático para diferenciar clivadas (foco) de relativas, merece atenção, segundo M&N, o fato de o pivô das relativas não poder se mover para fora da pequena oração. Retomemos as sentenças (32) e (34) renumeradas:

(36) Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

(37) Foi o aluno que foi reprovado

Considerando (37) como uma resposta à pergunta em (36), temos uma sentença relativa em que o pivô *o aluno*, por ser um constituinte compartilhado pela sentença matriz e pela relativa, apresenta restrições de movimento. Em outras palavras, não é possível mover o SD *o aluno* para uma posição mais alta como se vê em:

(38) *O aluno foi $t_{o\text{ aluno}}$ que foi reprovado⁵⁰

Caso *o aluno* seja interpretado como foco (contrastivo), em (40), temos uma sentença clivada que responderia à pergunta em (39), renumerada:

(39) Quem foi que foi reprovado?

(40) O aluno foi *ec* que foi reprovado

Outro ponto que corrobora a afirmação do CP das clivadas não ser relativo é a função sintática, o Caso e o papel temático que o ‘possível antecedente’ e a categoria vazia (*ec*) desempenham nas sentenças clivadas e relativas.

Se o CP encaixado é do tipo relativo, há uma independência entre o antecedente – pivô externo – e a *ec* em relação ao Caso e o papel temático que desempenham, como vemos em⁵¹:

(41) Eu encontrei a menina que *ec* agrediu o João⁵²

Em (41), *encontrar* (verbo da oração matriz que desencadeia a relativa) atribui papel

⁵⁰ M&N (2007: 175); dado (40), renumerado. O asterisco de agramaticalidade é nosso, pois atribuímos ao dado (40) de M&N a leitura de construção relativa. Logo, nessa construção, não se pode mover nada de dentro da pequena oração – cf. estrutura (24) e comentário imediato após ela.

⁵¹ A *ec* em (37), por exemplo, – *Foi o aluno que foi reprovado ec* –, é, segundo o modelo teórico de Princípios e Parâmetros – Versão Regência e Ligação –, seguido por M&N, uma categoria vazia do tipo ‘vestígio’: ver “Teoria de Ligação” de Chomsky (1981). Um vestígio, segundo Lobato (1986: 478): “[...] *está localizadamente A ligada por uma categoria numa posição $\bar{\theta}$ [...]*”. Logo, por tal razão, M&N ratificam a não ‘independência’ entre a *ec* e o pivô externo, no caso o elemento *o aluno*.

⁵² M&N (2007:176), dado (42), renumerado.

temático ‘tema’ ao DP *a menina*. Esse DP *a menina* encontra-se retomado pela *ec* na oração relativa (encaixada); no entanto, a *ec* tem papel temático ‘agente’, atribuído pelo verbo *agredir* (da oração encaixada). Logo, na relativa (a ‘encaixada’), a *ec* possui Caso Nominativo, diferentemente do DP antecedente que atesta Caso Acusativo.

M&N (2007:176) também apontam que a categoria do pivô externo e da *ec* não precisam ser a mesma, como vemos em⁵³:

(42) Ela mora na casa_i que eu construí *ec*_i

Em (42), observamos que a categoria antecedente (que se vê na oração matriz) *na casa* é um PP/DP – *ela mora na casa*, enquanto a *ec* é um DP – eu construí *a casa*.

M&N atestam que, nas sentenças clivadas, não ocorrem as independências de Caso, papel temático e categorias que observamos em (41) e (42), referentes ao pivô das relativas. Observe o exemplo de clivada em:

(43) Foi uma disciplina que ele cursou *ec*

Em (43), o constituinte clivado *uma disciplina* é um DP e a *ec* precisa também ser um DP – *ele cursou uma disciplina* –, já que o elemento clivado e a *ec* não possuem independência⁵⁴. Do mesmo modo, em (43), não ocorre uma independência de Caso envolvendo o constituinte clivado *uma disciplina* e sua *ec* correspondente, pois o constituinte clivado *uma disciplina* e sua variável (*ec*) atestam Caso Acusativo⁵⁵.

Para a relativização, M&N (2007:177) observam que restrições são impostas quanto à categoria dos constituintes que poderiam funcionar como pivô. Segundo os autores, adjetivos, advérbios e verbos têm ‘sérias restrições’ para funcionarem como pivôs em estruturas relativas. No entanto, essas categorias podem ser clivadas como se vêem em⁵⁶:

- (44) a. É escandalosa que ela é
b. Foi calmamente que ele partiu
c. É viajar que ele quer

⁵³ M&N (2007:176), dado (43), renumerado.

⁵⁴ A *ec* em (43) é, segundo o modelo teórico de Princípios e Parâmetros – Versão Regência e Ligação –, seguido por M&N, uma categoria vazia do tipo ‘variável’: ver “Teoria de Ligação” de Chomsky (1981). Uma variável, segundo Lobato (1986: 478): “[...] está localizadamente \bar{A} ligada e seu antecedente (o operador ou quantificador lógico) não tem papel θ independente”. Logo, por tal razão, M&N ratificam a não ‘independência’ entre a *ec* e seu operador lógico, no caso o elemento em foco.

⁵⁵ Sobre a *ec* em (43) ser tratada como ‘variável’, ver nota (38).

⁵⁶ M&N (2007:177), dado (47), renumerado.

Em (44), vêem-se as categorias: adjetivo (*escandalosa*)– (44a) –, advérbio (*calmamente*) – (44b) – e verbo (*viajar*) – (44c) – sendo categorias clivadas⁵⁷.

A forma como o pivô e o foco são retomados também aponta para a afirmação de que o CP das clivadas não é relativo, conforme exemplificamos em:

(45) A blusa que você costurou ela está na secadora

Em (45), o pivô *a blusa* realizado externamente à relativa como um DP, pode ser retomado por um resumptivo – *ela* – quando o CP é introduzido pelo complementizador *que*⁵⁸. Porém, um foco deslocado na periferia esquerda tem que ser retomado por uma *ec*, conforme exemplificamos em:

(46) É a blusa que você costurou que *ec* está na secadora

Em (46), o constituinte clivado (foco) por ser de natureza quantificacional, vinculando uma variável e ser derivado por movimento, faz com que o constituinte clivado seja retomado por um vazio, e nunca por um pronome resumptivo⁵⁹.

M&N ainda apresentam critérios semânticos para diferenciarem clivagem (foco) de estruturas relativas. Na clivagem, o foco identificacional expressa uma operação semelhante a da quantificação, representando o subconjunto exaustivo do conjunto de elementos dados contextual ou situacionalmente. Esse constituinte marcado como foco identificacional representa o valor da variável presa por um operador abstrato exprimindo identificação exaustiva⁶⁰.

A partir das exposições dos critérios prosódicos, sintáticos e semânticos que apontam para uma diferenciação entre o CP das clivadas e o CP das relativas, M&N (2007: 172) propõem que a estrutura para uma clivada seja⁶¹:

⁵⁷ A categoria adjetivo, por exemplo, pode ser parte do pivô externo de uma relativa, se adjungida a um nome (o pivô em si), como se vê em [aquela menina escandalosa]: “*Aquela menina escandalosa que vestia uma saia rosa mora em Ipanema.*” No entanto, não é possível que o SAdj ‘escandalosa’ sozinho desencadeie uma oração relativa. No entanto, como demonstrado em (44a), essa categoria pode ser clivada.

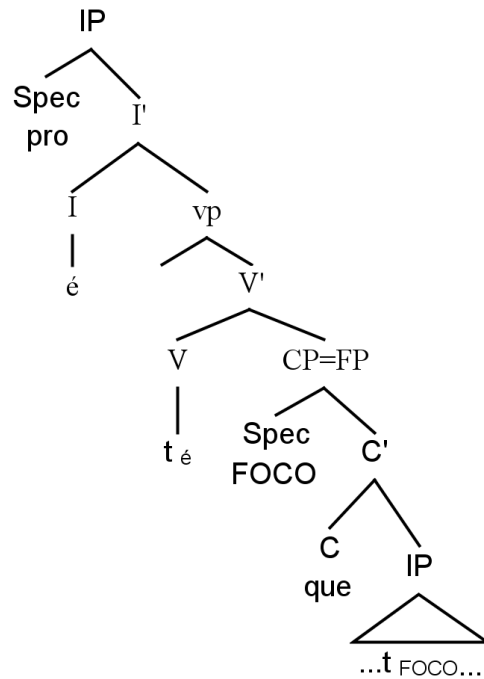
⁵⁸ Pronome resumptivo: Em certos tipos de construções relativas, um pronome explícito ocorre dentro da estrutura relativa em sua posição ‘lógica’, ao invés de um vazio – cf. Trask (1996: 240).

⁵⁹ Sobre *ec* variável, ver nota (28).

⁶⁰ Remetemos o leitor ao texto de M& N (2007:180), em (60) e (61) para a observação das restrições de natureza quantificacional/semântica que pode pesar sobre o constituinte clivado.

⁶¹ Mioto & Negrão (2007:172); estrutura arbórea (30), renumerada.

(47)

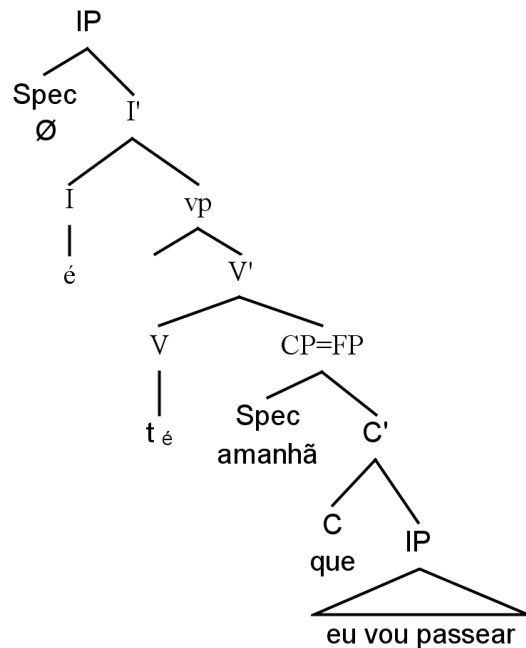


Verifica-se, em (47), que a cópula (*é*) é um verbo do tipo inacusativo que seleciona um CP complemento com traço [+FOCO]⁶². No CP complemento da cópula, a posição [Spec, CP] deve ser preenchida pelo constituinte focalizado. Observe o exemplo abaixo, seguido de estrutura arbórea:

⁶² Verbos inacusativos são do tipo monoargumentais que projetam apenas argumentos internos. Para exemplos de derivação deste tipo de verbo em português, ver Oliveira (2010:129-152).

(48) É amanhã que eu vou passear (não no mês que vem)

(49)



Nessa dissertação, consideramos que, em uma clivada (foco), o CP selecionado pela cópula apresenta um complemento [+FOCO] conforme expõem M&N (2007:169-173). Seguimos, no entanto, no tocante à categoria CP, a implementação do CP expandido de Rizzi (1997), (2002), (2004), como resumimos a seguir.

2.2.2. O CP ‘explodido’ e a Categoria Foco

Para Rizzi (1997), o CP é uma estrutura complexa que agrega uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença. A explosão do CP, portanto, ocorre para que certos constituintes discursivos – como o foco e o tópico – possam ser acomodados. Essa proposta, expandida em Rizzi (2002), (2004) advoga que o movimento para a periferia esquerda não envolve adjunção opcional para Sintagma Flexional – IP – mas movimento por substituição para diferentes projeções X' acima de IP. O autor refina

uma proposta de que o Sintagma Complementizador é um sistema formado por mais material que uma simples projeção X-barra e a periferia esquerda da sentença hospeda uma estrutura rica e articulada de diferentes tipos sintagmáticos, apoiada na ideia de que todo tipo de movimento deve ser motivado para satisfazer algum critério. É o que chamamos de “explosão do CP de Rizzi”.

O CP proposto age como interface entre o conteúdo expresso por IP e uma estrutura super ordenada (do tipo oração mais alta, ou ainda uma articulação de discurso), expressando dois tipos de informação de tipo interna e externa. Desta forma, os vários constituintes da periferia à esquerda respondem por:

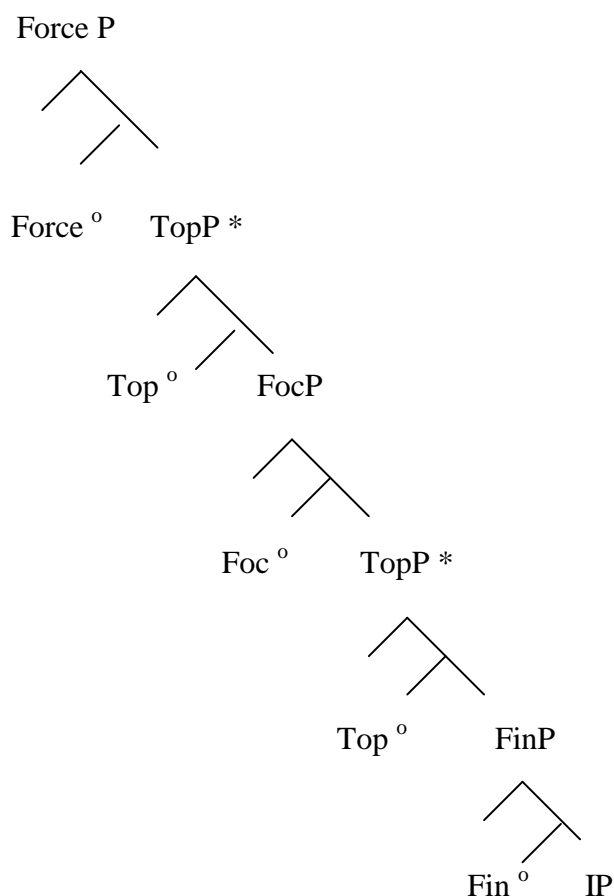
- (i) tipo e forma da sentença – Sintagma de Força (ForceP), Sintagma de Finitude (FinP);
- (ii) codificação das informações do tipo comentário e pressuposição – Sintagma Tópico (TopP), Sintagma Foco (FocP).

O subsistema (ii) codifica informações do tipo comentário (*tópico*) e pressuposição (*foco*). É o espaço estrutural que aloja constituintes com funções independentes de restrições seletivas como as existentes no subsistema ForceP/FinP. Tópico e foco só estão presentes na estrutura se requeridos. Logo, se tópico ou foco são ativados, eles encontram-se “ensanduichados” entre ForceP e FinP⁶³. Abaixo, segue a estrutura do CP cindido proposto por Rizzi (1997)⁶⁴:

⁶³ Categoria ForceP: codificação do tipo de sentença (declarativa, interrogativa, etc.) e orientação para a estrutura superior (a articulação do discurso); Categoria FinP: ligação do CP com o IP e codificação de informação que determina a finitude da sentença.

⁶⁴ Rizzi (1997:335); (41).

(50)



Devido às posições diferentes que os operadores WH (QU) podem ocupar na estrutura do CP explodido, e de sua relação de localidade com advérbios antepostos, a proposta do CP em Rizzi (1997) é ampliada em Rizzi (2002). Na proposta de Rizzi (2002), apresentam-se três posições de tópico – TopP –, uma posição de intensificador – IntP – (para hospedar os WHs altos) e uma posição de modificador – ModP – (para hospedar os elementos adverbiais ditos “proeminentes”):

(51) *Force P TopP IntP TopP FocP ModP TopP FinP IP*

Abaixo, observe um exemplo em que se vêem preenchidas algumas das projeções do CP explodido em (51)⁶⁵:

(52) a. Por fim de contas, o João, por que repentinamente você o convidou para a festa?

a'. [_{ForceP} [_{ModP} **Por fim de contas**] [_{TopP} **o João**] [_{IntP} **por que**] [_{ModP} **repentinamente**] [_{FocP}

⁶⁵ Polli (2008: 110); dado (3.60), renumerado.

VOCÊ [_{FinP} [_{IP} o convidou...]]⁶⁶

Em nosso trabalho, enfatizamos, no CP explodido de Rizzi (1997, 2002, 2004), as posições de FocP e TopP.

2.2.3. Tipologia das Clivadas no Português

Seguindo a apresentação de Braga, Kato & Miotto (2009:255) para o português culto falado no Brasil – PB – e Ribeiro & Côrtes Junior (2009: 209) para o português afrobrasileiro – PVB –, apresentamos, nesta subseção, os tipos de sentenças clivadas apontadas para o português brasileiro, que tomamos como direcionamento para a análise das clivadas em PA⁶⁷.

As diferenças entre português europeu e português brasileiro no tocante às construções clivadas ocorre na predileção do tipo de sentenças clivadas:

[...] Quanto ao uso das estruturas clivadas realizadas nas duas variedades de português, os tipos de clivadas escolhidos são diferentes nas duas variedades. Enquanto no tipo de estrutura clivada produzida em PE, o sujeito se encontra na margem direita da sentença (pseudo-clivadas: 'Quem chegou foram as velhas'), nos tipos de clivadas produzidas em PB, o sujeito se encontra na margem esquerda (clivadas invertidas com cópula: 'As velhas é que chegaram'; clivadas invertidas sem cópula 'As velhas que chegaram'; clivadas: 'Foram as velhas que chegaram').[...]

Fernandes (2007: 179)

Pela razão explicitada em Fernandes (2007), a descrição da tipologia de clivadas, a seguir, é apreendida dos trabalhos de clivagem sobre o português brasileiro⁶⁸.

2.2.3.1. Clivadas Canônicas Pessoais e Impessoais

Segundo a literatura, considera-se clivada canônica aquela em que depois da cópula, temos o foco que é seguido por uma sentença encabeçada por um *que*⁶⁹. O foco,

⁶⁶ Araújo (2006 apud Polli (2008:110), propõe que “ModP seja recursivo no sistema-C mesmo acima da zona de operadores-Wh”, devido a possibilidade de ocorrência de um operador discursivo antes de um tópico, contrariamente ao proposto por Rizzi (2002).

⁶⁷ Consideramos, seguindo Lucchesi (2009:32) o ‘português afrobrasileiro’ (PVB): “[...] uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país.”. Desse modo, essa variedade do português inclui-se no que se denomina de português vernacular brasileiro (PVB), referindo-se ao português não culto, chamado vernacular – ver, entre outros, Holm (2004).

⁶⁸ Na subseção (2.2.4) são abordadas as sentenças pseudoclivadas apresentando a predileção do PE por esse tipo de construção, conforme apontado por Fernandes (2007:119) – conferir também Brito & Duarte (2003).

⁶⁹ Ribeiro & Côrtes Junior (2009:218) classificam as clivadas canônicas como ‘clivadas básicas’.

nas clivadas canônicas, pode ser do tipo informacional ou contrastivo, como vemos em⁷⁰:

- (53) a. **Foram** [as crianças] que **viram** a Gabriela
b. **É** [o João] que **saiu**. (*versus* **Foi** o João que **saiu**)
c. **É** [os meninos] que **vão** comigo

Em (53a), observa-se que a cópula – *foram* – concorda com o elemento clivado em pessoa e número – *as crianças* – já que esse elemento clivado é de natureza nominal, assim como concorda, também, com o tempo do verbo subordinado – *viram* (passado). Segundo Braga, Kato & Miotto (2009:256), no português brasileiro popular, prefere-se a clivada sem concordância de tempo (53b) ou de número e pessoa (53c), chamadas de clivadas ‘impessoais’.

2.2.3.2. Clivadas Invertidas

Braga, Kato & Miotto (2007: 257) definem a clivada invertida como a sentença em que o foco é invertido para antes da cópula, que tende a permanecer invariante. O foco, neste tipo de clivada, tem sempre uma leitura contrastiva⁷¹:

- (54) a. [As crianças] é **que** viram a Gabriela, (não os vizinhos)
b. [A Gabriela] é **que** as crianças viram, (não a Margarida)

2.2.3.3. Clivadas Sem Cópula ou Reduzidas

Braga, Kato & Miotto (2007:258) e Ribeiro & Côrtes Junior (2009:220) definem as clivadas sem cópula ou reduzidas como sentenças clivadas que podem aparecer sem a realização da cópula, como vemos em⁷²:

- (55) a. [Eu] **que** entro (*versus* (É) eu **que** entro)
b. Um só nada faz, [o conjunto] **que** opera (*versus* Um só nada faz, (é) o conjunto **que** opera)

Os autores apontam que esse tipo de clivada é uma estratégia inovadora do português brasileiro⁷³.

⁷⁰ Braga, Kato & Miotto (2009:256), dado (26a, b, c) renumerado.

⁷¹ Braga, Kato & Miotto (2009:257), dado (28a, b) renumerado.

⁷² Braga, Kato & Miotto (2009: 257), dado (30a, b) renumerado.

⁷³ No entanto, como apontaremos abaixo em (3.2.3.7.1.), essa estratégia não é ‘inovação do português’, pois é atestada em inúmeras línguas do mundo.

2.2.3.4. Clivadas Apresentativas

Para Braga, Kato & Miotto (2007:261), esse tipo de clivada não configura um foco de constituinte em específico, mas sim em uma sentença em que todos os constituintes são focalizados⁷⁴:

(56) A: - Você podia ir ao centro da cidade pagar estas contas para mim

B: - (Acho que não. Acho que ninguém devia andar pelo centro. Está muito perigoso).

É **que** [bandidos estão matando policiais]

Os autores não apresentam a estrutura arbórea de um foco como o de (56b). Logo, não sabemos como ‘derivar’ esse tipo de foco, que tem sido tratado como um CP relativo. Ainda: se há mesmo foco em (56B) *É que* [bandidos estão matando policiais], não há como se apontar a tipologia neste tipo de foco.

Em estruturas como (56B), a falta de uma tipologia de foco e a ‘dificuldade’ em se apontar uma entonação específica de foco de constituinte, parece levar sentenças desse tipo, ditas clivadas apresentativas, não como estruturas de clivagem (foco), mas sim como uma sentença ligada fortemente à enunciação, introduzida por um ‘marcador discursivo’. Entendemos que *é que*, conforme mostrado em (56B), enquadra-se no que Cunha & Cintra (2007:522-523) chamam de ‘palavras denotativas’, que recebem classificação à parte sem nome especial. Para esses dois autores, *é que* denota uma característica de realce, assim como as palavras *cá, lá, só*, etc.⁷⁵:

(57) Pior eu sei **lá**, Manuel, pior que uma desgraça!

- Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.

A partir do levantamento de alguns marcadores discursivos feito por Oliveira e Silva, Tarallo & Braga (2002:203), colocamos *é que* ao lado do marcador discursivo *quer dizer*, conforme apontamos na sentença (56B), renumerada:

(58) - Acho que não. Acho que ninguém devia andar pelo centro. Está muito perigoso.

(*Quer dizer*) (*É que*) bandidos estão matando policiais.

⁷⁴ Braga, Kato & Miotto (2009:261), dado (39) renumerado.

⁷⁵ Cunha & Cintra (2007:566), exemplo sem numeração.

Em (58), parece-nos que o uso do marcador discursivo *quer dizer* em lugar de *é que* não implica em uma mudança no plano discursivo. A característica de realçar a opinião da não ida ao centro da cidade visto a sua periculosidade e o fato de bandidos matarem policiais se mantêm com o uso dos dois marcadores. Desse modo, *é que* atende à necessidade de “planejamento da fala, de requisitos pragmáticos como o de clareza, ou ainda à necessidade de integrar a sentença a uma unidade maior do discurso” – ver Braga & Nascimento (2009: 319).

Chama-se a atenção ainda para o fato de que a própria literatura que considera *é que* em sentenças como (56B) como clivada, aponta para a gramaticalização desse termo – ver subseção (2.2.3.6.). Se há gramaticalização, não se trata, portanto, de clivagem.

2.2.3.5. Interrogativas Clivadas

No tipo de clivada interrogativa, Braga, Kato & Miotto (2009: 270) atestam uma estrutura com a cópula e o complementizador *que* seguindo um sintagma-QU como se vêem em⁷⁶:

(59) a. **que é que** um professor faz...?

b. **o que é que** a gente fazia **como é que** era...a:: a verificação no nosso tempo de escola?

c. **o que foi que** vocês encontraram?

Nos dados acima, os autores grifam a cópula e o que chamam de ‘complementizador’ *que* (ex.: é que/ foi que). Grifam ainda o verbo que tem como argumento o sintagma-QU, como *faz* em: (59a) **que é que** um professor faz...?. Em (59a), o pronome-QU interrogativo *que* (*o que*) é gerado na posição de argumento interno do verbo *fazer*. Em uma segunda etapa, é ‘ensanduichado’ invertidamente em uma estrutura de clivagem.

Em estruturas de periodização complexa, pode-se verificar o movimento do pronome-QU interrogativo de dentro da oração matriz ou de dentro da oração encaixada como se vê em⁷⁷:

(60)a. ele pode...me dizer **o que foi que** o conferencista disse?

Em (60), o pronome-QU interrogativo *o que* foi movido de dentro da oração do verbo

⁷⁶ Braga, Kato & Miotto (2009:270), dado (60a, b, c) renumerado.

⁷⁷ Braga, Kato & Miotto (2009: 270); dado (60d), renumerado.

encaixado *disse* para uma estrutura de clivagem.

2.2.3.6. Clivadas com Dupla Cópula

Ribeiro & Côrtes Junior (2009:221) apontam sentenças em que dizem ocorrer uma dupla realização da cópula, ou duplo marcador de foco. Os autores indicam a gramaticalização de *é que* como um único constituinte gramatical⁷⁸:

- (61) a. **é** por isso **é que** eu tem...
b. aí **é** aonde **é que** eu to lhe dizem

Chamamos a atenção para o fato de que, caso *é que*, em construções como (61), seja uma expressão gramaticalizada, não se trata, então, de clivadas com dupla cópula. Isso porque, se *é que* é uma gramaticalização, não existem aí dois elementos – cópula *é* e ‘complementizador’ *que* – mas sim um único elemento, possivelmente de natureza discursiva⁷⁹.

A análise de sentenças como (61) como clivadas (foco), precisa, a nosso ver, ser mais explicitada. Por exemplo: se há clivagem em (61b), onde o elemento *aonde* foi gerado na sentença ‘*eu to lhe dizem ...*’? O que nos parece é que esse elemento *aonde* é parte de uma marcação discursiva e não de um elemento que nasce em uma dada sentença e é movido para checagem de foco. Observe ainda que não há uma tipologia de foco que possamos atribuir a esse elemento em (61b).

2.2.3.7. Interrogativas Clivadas Sem Cópula

Em Braga, Kato & Miotto (2009: 270), vêem-se as seguintes orações⁸⁰:

- (62) a. **quem que** a senhora acha que cuida de toda essa parte?
b. **qual que** seria o material?
c. **por que que** a senhora gostou dessa peça?

⁷⁸ Ribeiro & Côrtes Junior (2009: 221), dado (37 a,b) renumerado.

⁷⁹ Os quatro mecanismos que servem de parâmetros para a identificação de exemplos de gramaticalização, segundo Heine & Kuteva (2005:15, traduzido) são:

- a. *extensão*, i.e. o aparecimento de um novo significado gramatical quando expressões linguísticas são estendidas para novos contextos (reinterpretação de contexto-induzido)
b. *dessemantização* (ou “branqueamento semântico”, i.e. perda (ou generalização) no conteúdo do significado)
c. *descategorização*, i.e. perda em propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou outras formas menos gramaticalizadas, e
d. *erosão* (ou “redução fonética”). i.e. perda na substância fonética

⁸⁰ Braga, Kato & Miotto (2009:270), dado (61a, b, c, d) renumerado.

d. você sabe **o que que** é UPC?

As orações em (62) são analisadas pelos autores (op. cit.), entre outros, como interrogativas clivadas sem cópula que apresentam uma expressão-QU interrogativa na periferia esquerda da sentença, seguida pelo complementizador *que*. Essas construções têm sido referidas ainda como construções com “complementizador duplamente preenchido”.

Kato & Raposo (1996), entre outros, analisam sentenças como as em (62) como resultado de um apagamento da cópula – exemplo: (64a) *quem (é) que a senhora acha que cuida de toda essa parte?*. Os autores chamam a atenção para o fato dessa estrutura não ser atestada no português europeu, sendo, portanto, segundo eles, um ineditismo do português brasileiro. No entanto, a análise de ‘apagamento de cópula’ para as estruturas em (62) têm sido debatidas na literatura.

A seguir, apresentamos uma resenha de Oliveira (no prelo), por corroborarmos sua proposta de que sentenças como (62) não podem ser consideradas um tipo de clivagem como afirmam Kato & Raposo (1996), entre outros.

2.2.3.7.1. Perguntas QU Fronteadas seguidas de QUE sem Cópula – Apud Oliveira (no prelo)

Oliveira (no prelo) – daqui em diante, Oliveira –, no tocante ao fenômeno em destaque: *perguntas-QU fronteadas, seguidas de ‘que’ e sem presença de cópula* – ver subseção (2.2.3.7.) – chama a atenção para o fato de que tipos sentenciais como (62) são amplamente atestados em todo o Brasil, seja por falantes cultos (PB) e não cultos (PVB).

O tipo estrutural que se vê em (62), em que um sintagma QU frontado é seguido de *que* sem cópula, também é atestado em PA – ver seção (4.2.). Como já apontado em (2.2.3.7.), as estruturas do tipo (62) são consideradas na literatura como ‘clivadas com ausência de cópula’. Oliveira apresenta, com fins argumentativos, outro exemplo dessa construção⁸¹:

(63) *PE/PB/PVB *O que que você fez?*

A autora aponta que, em (63), observa-se que o sintagma QU *o que* sofre aparente

⁸¹ Oliveira (no prelo: dado (1), renumerado). Omitimos, no dado, as glosas e a tradução para o inglês.

movimento da posição de argumento interno do verbo *fazer* para a periferia esquerda da sentença. Enfatiza que, em línguas como o português, elementos QU podem permanecer in situ ou serem movidos; quando movidos, os elementos QU, de acordo com a literatura, estão ligados a estruturas de clivagem.

Oliveira remete-nos a Cheng (1991), um texto clássico que afirma que em línguas do tipo QU-in situ e QU movido, como o PB, a opção de movimento QU nunca estaria disponível. Para Cheng, nas construções em que um dado sintagma interrogativo se encontra na periferia esquerda (como *o que* em (63)), tal sintagma teria sido gerado diretamente nessa posição. Logo, elementos-QUs na periferia da sentença como em (63) seriam elementos interrogativos derivados de ‘orações clivadas reduzidas’. Abaixo, Oliveira (apud Cheng) exemplifica esse tipo de análise⁸²:

(64)a. *Estrutura da clivada completa*

It is {_{CP} {_{DP} Sharon} {_{CP} OP_i that {_{IP} Marcia likes t_i} } }

b. *Estrutura da clivada reduzida*

{_{CP} {_{DP} miin_i} {_{CP} OP_i illi {_{IP} Mona shaafit-uh_i} } }

Quem que Mona viu-ele

“Who did Mona see?”

Oliveira chama a atenção para o fato de, em (64), Cheng associar a sentença (64b) – árabe egípcio – a uma sentença clivada em inglês – (64a). Logo, (64b) é analisada por Cheng como clivada reduzida. Cheng (1991) estende essa mesma análise dada ao árabe egípcio (64b) para o bahasa indonésio e também para o palauan, uma vez que essas línguas também apresentam as similaridades entre clivadas e perguntas-QU existentes em árabe, segundo a autora.

Oliveira nos remete ao fato de que textos clássicos em português sobre o fenômeno atestado em estruturas como em (63) seguem a análise de Cheng (1991). Esse é o caso que se vê em Kato & Raposo (1994). Observe os dados abaixo em PE e PB/PVB⁸³:

(65)a. PE; PB/PVB **Você fez o quê?**

b. PE; PB/PVB **O que é que você fez?**

c. *PE; PB/PVB **O que que você fez?**

⁸² Oliveira (no prelo: dado (16)); apud Cheng (1991: 64). Omitimos, no dado, as glosas e a tradução para o inglês.

⁸³ Oliveira (no prelo: dado (17), renumerado). Omite-se, no dado, as glosas e a tradução para o inglês.

Oliveira, explicando os dados acima, afirma que em PE e PB/PVB, perguntas-QU podem ser movidas para a periferia da sentença. Porém, em PE, esse movimento só ocorre de dentro de uma estrutura evidente de clivagem como se atesta em (65b). Sentenças como (65c) são agramaticais em PE. A autora nos informa que, segundo Kato & Raposo (1994: 273-274), todas as perguntas-QU fronteadas em PB, como (65b,c), são interrogativas derivadas de clivagem, como se exemplifica abaixo por meio dos dados (65), renumerados⁸⁴:

(66)a. WH in-situ

PE/ PB/PVB **Você fez o quê?**

b. WH movido para estrutura de clivagem

PE/ PB/PVB **O que é que você fez?**

c. Regra de apagamento de cópula em construções clivadas

*PE/ PB/PVB **O que que você fez?**

d. Regra de apagamento do complementizador que

PE/ PB/PVB **O que você fez?**

Com relação à análise apresentada em (66), Oliveira nos remete a Grolla (2005). Grolla evidencia problemas em se atrelar a explicação de sentenças com elementos-QU na periferia esquerda da sentença em PB – como se vêem em (66c,d) – a estruturas de clivagem como o fazem Kato & Raposo (1994), seguindo a proposta de Cheng (1991). Entre os problemas teóricos apresentados por Grolla, Oliveira enfatiza a ‘aquisição de perguntas-QU em PB’: segundo Grolla, as pesquisas apontam que, durante o processo de aquisição do PB, as crianças começam a produzir orações com QUs deslocados – como (66d) – *o que você fez?* –, muito antes de produzir a primeira sentença clivada como (66b) – *o que é que você fez?*. Logo, Grolla (2005: 63) questiona o fato de que se crianças com pouco mais de dois anos produzem primeiro perguntas do tipo que se vê em (66d) – *o que você fez?* –, mas ainda não produziram nenhuma sentença do tipo (66b) – *o que é que você fez?* – (teoricamente, a origem da pergunta (66d)), este fato parece problemático do ponto de vista da aquisição⁸⁵. Para Grolla, seria então necessário assumir que a criança adquire uma estrutura derivada antes mesmo de adquirir a estrutura que a origina.

⁸⁴ Oliveira (no prelo: dado (18), renumerado).

⁸⁵ Segundo Grolla (2005: 63), as crianças só começam a atestar sentenças do tipo (66b) – *o que é que você fez?* – por volta dos 3 anos e dois meses.

Oliveira remete-nos ainda a Kato & Miotto (2005). Esses autores ratificam a proposta de clivagem sem cópula para sintagmas-QU na periferia esquerda da sentença em PB, propondo que, em sentenças como (66c) – *o que que você fez* – a forma sem a cópula, se origina da gramaticalização de clivadas canônicas como em⁸⁶:

(67) **É** [FPquem] que a Maria viu?

Oliveira aponta que, para Kato & Miotto (2005), o apagamento da cópula não pode ocorrer em outros contextos, mas somente em início de sentença como se vê em (67) e corroboram sua proposta com sentenças monoargumentais como em⁸⁷:

(68) a. * O seu cabelo __ bonito.

b. __ Bonito o seu cabelo.

Oliveira aponta os seguintes problemas quanto a análise de Kato & Miotto (2005) descrita acima:

(i) *estruturas clivadas envolvendo WH como (67) não são comparáveis com estruturas como (68b), embora em (67) e (68) ocorra uma cópula verbal. Além de (67) ser uma estrutura biclausal – como os próprios autores advogam –, a estrutura em (68) é monoclausal. Os autores não checaram/compararam a presença/ausência de cópula em sentenças como (67)/(66c), por exemplo, com a possibilidade de apagamento da cópula em CP encaixado – inserido em uma estrutura biclausal –, a nosso ver, um ambiente sintático para checagem de apagamento de cópula muito mais significativo para a explicação que os autores propõe para o ‘apagamento da cópula’ em estruturas clivadas como (66c)ⁱ; ainda, (68b) e (67) não são comparáveis porque é preciso prever estruturas distintas em uma e outra sentença – mesmo atestando-se cópula nas duas construções –, já que há uma entonação de foco em bonito (68b), o que não ocorre no sintagma-WH quem em (67);*

(ii) *a forma em (67) – uma clivagem canônica – não pode ser a forma original de sentenças-WH fronteadas seguidas de ‘que’ sem cópula, uma sentença típica do PB/PVB – ver (66c) –, pois segundo dados do NURC – Norma Urbana Culta – a predominância no PB é de clivadas invertidas e não de clivadas canônicas como se vê em (67) – ver Kato et. al. (2002: 346). Em outras palavras, uma clivada canônica como a que se vê em (67) é muito pouco natural pra um falante brasileiro. Em PB se diria (67) mais naturalmente como: (67a) Quem é que a Maria viu? –*

⁸⁶ Oliveira (no prelo: dado (19), renumerado). Omite-se, no dado, a tradução para o inglês.

⁸⁷ Oliveira (no prelo: dado (20), renumerado). Omite-se, no dado, a tradução para o inglês.

uma clivada invertida – ou (67b) Quem que a Maria viu? – o tipo de pergunta-WH sob análise neste trabalho. Logo, como uma forma tão produtora no PB/PVB como (66c) pode ser resultado de ‘gramaticalização’ a partir de uma forma pouco atestada como (67)?

Oliveira (no prelo: seção (2.2), traduzido⁸⁸)

Para Oliveira, se sentenças-QU como (66c) são um tipo de clivagem reduzida, como se afirma na literatura, tais sentenças deveriam apresentar comportamento de clivadas. No entanto, não apresentam nenhuma das características do foco, como a determinação de uma ‘tipologia fechada’ e ainda de uma entonação especial, conforme apontamos em (2.1). Logo, Oliveira apresenta duas perguntas:

- (i) qual a tipologia de foco que se vê em (66c)?
- (ii) há pico entonacional de foco presente no elemento focalizado em (66c), no caso na pergunta-QU ?

Para Oliveira, as respostas às duas perguntas acima têm que ser negativas. Não há uma tipologia de foco envolvendo a pergunta-QU em (66c) em PB/PVB – nem ‘contrastivo’, nem ‘assertivo’; e nem há pico entonacional especial em *o que*. Logo, Oliveira argumenta que tais construções não são resultativas de construções clivadas com uma regra de apagamento de cópula – como se vêem, entre outros em Kato & Raposo (1996) e Kato & Mito (2005).

Para Oliveira, sentenças como (66c) – *o que que você fez?* – em PB/PVB podem estar atreladas ao fenômeno de contato com línguas do oeste africano – daqui em diante, LAs – que exibem o mesmo fenômeno gramatical. Portanto, Oliveira procede a uma comparação desse tipo de construção em PB/PVB com: (i) de uma lado, LAs e (ii) de outro lado com um conjunto de línguas crioulas do Atlântico – diretamente ligadas, como o PB/PVB, ao fenômeno de contato com LAs.

Oliveira prevê que sentenças como (66c) – *o que que você fez?* – são a manifestação de um tipo específico de foco documentado em LAs. Esse tipo de foco é largamente atestado em uma construção do tipo ‘marcada’ em um conjunto de línguas ditas parcialmente/completamente reestruturadas, em que o PB/PVB se insere como língua

⁸⁸ Os números dos dados na citação foram renumerados para a numeração desta subseção.

‘parcialmente reestruturada’⁸⁹. Tal fenômeno gramatical pode, portanto, estar atrelado, nas línguas reestruturadas, ao extremo fenômeno do contato linguístico/cultural que se deu durante o período das Grandes Navegações, envolvendo povos da África e do ‘Novo Mundo’.

Para Oliveira, o ‘foco de controle gramatical’, atestado em muitas línguas do oeste africano, ocorre em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical, tendo como particularidade não se enquadrar em uma tipologia de foco – como ‘foco contrastivo’, ‘assertivo’, por exemplo –, nem ainda de acionar uma entonação marcada de foco. *Perguntas-QU fronteadas* são construções em que, em muitas línguas africanas, se vê a obrigatoriedade desse tipo de marcação do foco e, em muitas línguas, o foco-QU recebe a mesma marca de identificação que a do foco intencional (pragmático). No entanto, diferentemente do foco pragmático – o foco feito a partir da intenção do falante, a marcação do foco de controle gramatical não está ligada à intencionalidade do falante.

Oliveira remete-nos ao textos de Oliveira (2005, 2007) e Holm & Oliveira (no prelo). Esses autores seguem Hyman & Watters (1984: 242, 244) – H&W – um texto africanista clássico que aponta para o aspecto “controle do foco” no tocante a descrições/análises sobre o foco em línguas africanas Benue-Congo (do tronco Niger-Congo). Nos termos de H&W (1984), a marcação de foco em muitas línguas africanas está ligada a: (i) uma ‘tipologia fechada’ no tipo de foco de ‘controle pragmático’ (como por exemplo, ‘foco assertivo/contrastivo’) – em que há uma intenção do falante em produzir foco; (ii) uma morfossintaxe de foco que independe da tipologia e da intencionalidade do falante de marcar o foco: foco de ‘controle gramatical’. Esse tipo (ii) é exatamente o que ocorre em perguntas-QU nessas línguas.

Os textos de Oliveira (2005, 2007), que descrevem/explicam o foco em ibíbio, chamam a atenção (entre outros aspectos) para a obrigatoriedade da partícula **ké**, presente em todos os sintagmas focalizados na periferia esquerda da sentença nessa língua (Lower Cross/ Cross River – Nigéria). Oliveira apresenta os exemplos abaixo⁹⁰:

(i) Sintagma não-WH na periferia da sentença em ibíbio. Tipologia: ‘foco contrastivo’

⁸⁹ Oliveira (no prelo) segue a terminologia de Holm (2004) que propõe o termo ‘línguas parcialmente reestruturadas’ como substitutivo da terminologia línguas semi-crioulas. O termo ‘línguas completamente reestruturadas’ refere-se, segundo Holm (2004), a línguas crioulas.

⁹⁰ Oliveira (no prelo: dados (22)-(23) renumerados). Omitem-se, nos dados, as glosas e as traduções para o inglês.

Contexto enunciativo:

(67)a. _ **Ñsê á-yà- á-wót ébót** “Ñsê vai matar cabrito”
Ñsê á- yà- á- wót ébót
Ñsê 3S.SA- FUT.NPROX EXPL matar cabrito

Resposta: leitura de 'foco contrastivo'

b. **Ìyó!ó!** “No!”
Úném ké Ñsê á- dî- wót
Úném ké Ñsê á- dî- wót
galinha FOC Ñsê 3S.SA- FUT_[+FOC]- matar
“Não! É galinha que Ñsê vai matar (e não cabrito)”

c. **Úném [ké]** – “Galinha que” – leitura de contrastividade.

(ii) Sintagma-WH na periferia da sentença em ibíbio. Sem tipologia de foco

1.2.1.1.(68) a. **M̀m̀ò̀ó̀ ké èkà m̀fò á-Ø bá?** “Onde que sua mãe está?”
M̀m̀ò̀ó̀ ké èkà m̀fò á- Ø bá?
onde FOC mãe 2SG.POSS 3SG.SA-ASPEC_[+FOC]- ESTAR EM UM LUGAR
b. **M̀m̀ò̀ó̀ [ké]** – “Onde que” – ‘foco’ sem tipologia; sem ‘leitura de foco pragmático’

No conjunto de dados em (67), tem-se a exemplificação da marcação de ‘foco de controle pragmático’ em que há uma clara intenção do falante em produzir foco em um dado sintagma, como se vê em **úném** “galinha” (67b). Esse sintagma (nos termos de Oliveira (2005), entre outros) se move de sua posição de complemento do verbo **á-dî-wót** “vai matar” para o início da sentença, para uma posição de foco, seguido de partícula de foco **ké**. Diferentemente, em (68), observa-se o mesmo tipo de marcação de foco que se vê em (67), mas agora o elemento na periferia da sentença, seguido de partícula de foco **ké** é um sintagma-WH – **m̀m̀ò̀ó̀ ké** “onde que”.

Oliveira afirma que é importante notar que, a marcação de foco de sintagmas-QU movidos em ibíbio (como em (68)), não ocorre em uma estrutura de clivagem explícita. A língua ibíbio possui cópula verbal, mas ela nunca ocorre em estruturas-QU movidas, como se vê em português em exemplos do tipo: “é onde que sua mãe está?”. O importante a ser destacado, também, é que em ibíbio, e em outras línguas africanas, estruturas marcadas,

como perguntas-QU (ver (68)), apresentam a mesma organização sintática da marcação do foco ‘convencional’ (pragmático) nessas línguas. A única distinção é que não se atesta tipologia de foco em construções-QU movidos, por exemplo, devendo essa marcação se dar em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical em si, sem correlação com fatores pragmáticos.

Ainda, segundo Oliveira, a ausência de estrutura de clivagem em sintagmas-QU movidos em muitas das línguas africanas já pesquisadas – como se vê em (68) em ibíbio – é mais facilmente corroborada com dados da língua iorubá (Benue-Congo/Yoruboid/Nigéria). Oliveira cita Adesanya (2007) que atesta o problema de falantes iorubás de apreenderem as diversificadas construções clivadas em inglês, evidenciando que a marcação de foco nessa língua africana não se dá dentro de uma estrutura de clivagem. Adesanya apresenta uma estrutura de foco em iorubá, correlata a uma estrutura clivada do inglês, corroborando o mesmo tipo de estrutura exemplificada em (67b) em ibíbio⁹¹

(iii) Sentença com sintagma não-WH na periferia da sentença em iorubá. Tipologia: ‘foco contrastivo’

(69) *Maria ni o fun omo ni osan lanaa* “*It was Mary who gave the baby an orange yesterday*”

Oliveira chama a atenção do leitor para o fato de o foco em iorubá ser estruturado nos mesmos moldes que em ibíbio – em iorubá, *fronreamento de um sintagma (Maria)*, seguido de *partícula de foco (ni)*. Embora, em (69), a tradução do iorubá para o inglês, oferecida por Adesanya (2007), seja uma clivagem, Oliveira enfatiza que a construção em iorubá (69) não é uma estrutura de clivagem. Este fato é corroborado pelo texto em si que apresenta as ‘dificuldades de um falante iorubá em apreender estruturas clivadas do inglês’. Ou seja, se houvesse uma clivagem (ainda que com ‘apagamento de cópula’) em (69), o falante iorubá não teria dificuldades em ‘apreender’ construções clivadas do inglês – que é o que se depreende da argumentação apresentada em Adesanya (2007).

Para Oliveira, o exemplo em (69) em iorubá é de foco de controle pragmático (embora a autora – Adesanya – não dê o nome do tipo de foco envolvido). É importante ainda dizer que, segundo Adesanya (2007:153), o marcador de foco *ni* – seguido a um

⁹¹ Oliveira (no prelo: dado (24), renumerado); tradução livre do inglês para o português. Dado de Adesanya (2007: 151, numerado; o itálico é de Oliveira que diz que Adesanya não apresenta glosa).

elemento frontado (como em (69)) – ocorre também em estruturas de perguntas-QU, embora a autora não ofereça exemplo. Logo, iorubá também exemplifica o ‘foco de controle gramatical’ como exemplificado por Oliveira, em ibíbio, no dado (68).

Oliveira ainda cita exemplo desse fenômeno na língua hausa que pode ser atestado em seu trabalho por meio das análises de Green (2007). O interessante no trabalho de Green é que a autora contesta a mesma análise de clivada com apagamento de cópula – que se vê no PB – no hausa, enfatizando não se tratar de uma construção biclausal, mas sim de uma construção monoclausal como as exemplificadas acima em ibíbio e em ioruba – ver Green (2007: 116). Logo, análises como as de Green (2007) para o hausa, unem-se às análises oferecidas para o ibíbio e para o ioruba, entre outras: construções com elementos-QU frontados e seguidos de ‘partícula’ não são sentenças inseridas dentro do conjunto de estruturas clivadas nessas línguas.

Oliveira segue sua proposta de análise de *perguntas-QU frontadas, seguidas de que sem cópula em PB*, comparando sentenças do PB, agora, com línguas crioulas do Atlântico. Para tanto, segue exemplificação que se vêem apresentadas em Holm & Oliveira (no prelo). Oliveira ratifica que as sentenças exemplificadas em línguas crioulas são fortemente comparáveis com os tipos sentenciais que se vêem em PB/PVB como em (66c) e em línguas africanas como apresentadas em (67), (68) e (69)⁹²:

(i) Sintagma-WH na periferia da sentença em crioulo de Guiné Bissau. Sem tipologia de foco

(70) **Kin ki ten tera?** “*Quem que tem terra?*”

kin	ki	ten	tera
quem	Foco	ter	terra

(ii) Sintagma-WH na periferia da sentença em crioulo da Costa Miskito (Nicarágua). Sem tipologia de foco

(71) **Bot a wa tu duu ?** “*Mas que que eu faço (então)?*”

bot	a	wa	tu	duu
mas	Foco	o quê?	eu	fazer

(iii) Sintagma-WH na periferia da sentença em crioulo jamaicano (Jamaica). Sem tipologia

⁹² Os títulos em (i)-(v) são de Oliveira (no prelo); logo, eles não são idênticos aos apresentados em Holm & Oliveira (no prelo).

de foco

(72) **a-wa Anti sen fi mi ?** “O que que Anti enviou pra mim?”

a	wa	Anti	sen	fi	mi
Foco	o quê?	Anti (tia)	enviou	para	mim

(iv) Sintagma-WH na periferia da sentença em Principense (Ilha de Príncipe). Sem tipologia de foco

(73) **kwa ki txi mese a?** “Que coisa que você quer?”/ “Que que você quer?”

Kwa	ki	txi	mese	a
Coisa	Foco	2a. singular	quer	partícula interrogativa

(v) Sintagma-WH na periferia da sentença em caboverdiano. Sem tipologia de foco

(74) **Kem ku odja ?** “Quem que você viu?”

kem	k-u	\emptyset	odja
------------	------------	-------------	-------------

Oliveira chama a atenção para Holm & Oliveira (no prelo), que destacam o fato de que, em todos os dados acima sobre sintagmas-QU fronteados em línguas crioulas do Atlântico, atesta-se a presença de um morfema-marcador de foco⁸⁰. Nos dados (70)-(74), esse morfemas são: **ki**, **a**, **ku**. Observa-se que esses marcadores apresentam a mesma natureza morfossintática do elemento **que**, atestado em perguntas-QU fronteadas no PVB/PB – ver (66c) – e ainda em construções com ‘foco gramatical’ em línguas do oeste africano – ver (68) e (69).

Oliveira ainda ratifica a proposta de Holm & Oliveira de que as partículas que seguem elementos-QU fronteados em línguas crioulas do Atlântico não se inserem na questão de ‘apagamento ou não de cópula’ atreladas a estruturas de clivagem. A autora reapresenta dois outros exemplos de foco em sãotomeense, inseridos na argumentação de Holm & Oliveira (no prelo)⁸¹:

(vi) Sintagma-WH na periferia da sentença em sãotomeense. Sem tipologia de foco

(75) **Andji (ku) bô be** “Onde (que) você vai?”

Andji	(ku)	bô	be
Onde	Foco	2ª. singular	ir

(vii) Sintagma não-WH na periferia da sentença em sãotomeense. Com tipologia de foco

(76) **Ami so kume** “Eu que comi”

Ami	so	kume
1ª. singular	Foco	comer

Ainda é anotado por Oliveira, que Holm & Oliveira (no prelo) apontam que, ao contrário de outras línguas crioulas do Atlântico, em sãotomeense, além de se atestar uma partícula que segue elementos focados na periferia da sentença, há dois marcadores específicos: (i) uma para sintagmas-QU; (ii) uma para sintagmas não-QU. Mesmo que o marcador de foco de perguntas-QU fronteadas em sãotomeense seja opcional, como se vê em (75) – **ku** –, caso ele seja expresso, a marcação de foco-QU é distinta da

⁸⁰ Segundo Holm & Oliveira (no prelo), o termo ‘línguas crioulas do Atlântico’ se refere a línguas crioulas que têm línguas africanas como seus substratos – em outras palavras, essas línguas atestam características de LAs em suas gramáticas.

⁸¹ Oliveira (no prelo: dados (32)-(33) renumerados). Omitem-se, nos dados, as traduções para o inglês; as glosas foram traduzidas para o português.

marcação de outros elementos não-QU na língua, como se vê em (76) em que o marcador de foco é a partícula **so**. Observe a citação de Holm & Oliveira, apresentada por Oliveira:

Em outros elementos não-QU focalizados em sãotomeense, a marcação pode ser até analisada como uma clivagem dadas as similaridades de so com a cópula ser do português (embora aqui também possa ser um típico caso de relexificação). Mas o fato crucial é que o marcador de foco para perguntas-QU fronteadas em sãotomeense é similar aos outros marcadores de outras línguas reestruturadas, evidenciando um caso específico de marcação de foco que não envolve ‘clivagem’.

Holm & Oliveira (no prelo, traduzido)

Desse modo, para Holm & Oliveira, a marcação específica de perguntas-QU fronteadas em sãotomeense evidencia a proposta de que este tipo sentencial, em línguas reestruturadas, liga-se a um traço importante da marcação do foco na África: o foco de controle gramatical, marcado por partícula de foco. Oliveira, ratificando Holm & Oliveira, atesta:

“[...] esse fato gramatical corrobora o vasto legado de línguas (e culturas) do oeste africano na constituição de línguas parcialmente/completamente reestruturadas”.

A hipótese de Oliveira prevê, portanto, que sentenças com *perguntas-QU fronteadas e seguidas de ‘que’, sem cópula*, em PB/PVB, estão inseridas no conjunto de línguas reestruturadas que atestam significativa relação com a marcação do foco de controle gramatical descrito na linguística africanista. Logo, em sentenças como (66c) – *o que que você fez?* – não se atesta uma construção biclausal – clivadas com apagamento de cópula –, mas sim uma construção monoclausal com marcação morfológica explícita de foco. Ainda: essa marcação específica de foco se dá em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical.

Oliveira afirma que sua proposta resenhada acima, pode ser inserida no conjunto de descrições/análises ligadas a línguas reestruturadas, conhecidas como “hipóteses substratistas”: hipóteses de explicação da ‘gênesis’ de línguas reestruturadas ligadas a um input não indoeuropeu (em nosso caso, LAs) – cf. Arends, Knowenbergh & Smith (1994). No entanto, a autora não ‘fecha’ seu texto com esta consideração; muito pelo contrário. Apresenta outros exemplos de línguas não africanas e sem relação de contato com línguas africanas a fim de corroborar o fato de que o traço linguístico enfatizado

em seu trabalho não pode ser ratificado apenas como um ‘traço areal’ específico de línguas do continente africano – embora seja evidente a sua valoração nas línguas desse continente. Observe um dos exemplos citados por Oliveira⁸²:

(ii) Sintagmas na periferia da sentença em Francês do Quebec – sem tipologia de foco

(77) **Où que tu vas?** “Onde que você vai?”

Où	que	tu	vas
onde	Foc	2S	vai

Oliveira, por meio de exemplos de línguas não africanas e não-reestruturadas como o francês de Quebec em (77) aponta que o traço de foco de controle gramatical que se vê em perguntas-QU fronteadas em PB/PVB – como em (66c) – e em línguas completamente reestruturadas se dá em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical dessas línguas, seguindo uma ‘orientação de universal linguístico’. ‘Esse traço específico’ de QU fronteados ser atestado em um largo escopo de diferentes famílias de línguas, aponta para sua possível natureza de ‘universal linguístico’, podendo ser visto com clareza na gênese de línguas reestruturadas que se dão em situações de contato extremamente complexas, mas, linguisticamente falando, de formação muito rápida.

Oliveira conclui suas considerações ponderando que, com relação ao PB/PVB em especial, o traço de foco de controle gramatical é nitidamente atestado nas línguas de substrato que podem ter entrado na formação dessa língua e de outras línguas reestruturadas do Atlântico. Assim, é possível que esse traço de natureza universal tenha sido ‘reforçado’ no PB/PVB por conta do contato com línguas africanas.

Do exposto nesta subseção, ratificamos que, seguiremos o mesmo tratamento dado por Oliveira para o PB/PVB no tocante a *perguntas-QU fronteadas e seguidas de ‘que’, sem cópula*, em PA. Na seção (3.2), apresentamos esse mesmo tipo de construção atestado em PA.

⁸² Oliveira (no prelo: dado (35)). Traduzimos as glosas e a tradução livre do inglês para o português.

2.2.4. Pseudoclivadas

Conforme apontamos na subseção (2.2.1.), a clivagem é um processo usado para a focalização de constituintes. Esse processo envolve, portanto, dois subconjuntos: (i) clivadas e (ii) pseudoclivadas.

Nesta subseção, descrevemos o foco em estruturas de pseudoclivagem, atentando para a sua tipologia. Como já dissemos anteriormente, as diferenças entre o português europeu e o brasileiro, no tocante ao processo de clivagem, ocorre na predileção do tipo de sentenças clivadas. No PE, o tipo preferencial é o de pseudoclivadas como se vê em Fernandes (2007: 179):

[...] em PE, o sujeito se encontra na margem direita da sentença (pseudoclivadas: ‘*Quem chegou foram as velhas*’) [...].”

A ordem básica das pseudoclivadas canônicas aponta para uma sequência em que temos:

(78) sentença WH + cópula + XP

Observe as orações abaixo:

(79) a. Quem quer cozinhar?

b. Quem quer cozinhar é [a Joana].

Na pseudoclivada em (79b), uma resposta para a pergunta QU em (79a), atesta-se uma sentença WH – *Quem quer cozinhar* – que funciona como sujeito do predicado copulativo *é a Joana*. O foco na pseudoclivada em (79b) é uma categoria XP, no caso o DP [a Joana], que mantém uma relação de identificação com o elemento WH – em (79), essa relação se dá pelos traços [+humano] entre o pronome WH *quem* e o DP *a Joana*.

Com relação a estruturas pseudoclivadas como exemplificamos em (79b), a literatura chama o pronome WH, como *quem* em (79b), de pronome relativo. Logo, propõe-se a ocorrência de oração relativa, do tipo *relativa livre*, para construções pseudoclivadas.

Segundo Negrão (1994: 1037):

“As relativas livres distinguem-se das relativas ordinárias por serem uma oração introduzida por palavra *Qu-*, cujo núcleo (antecedente) não está presente, como em:

(1) *A educação dá o que a sociedade pede.*

Intuitivamente, as relativas livres poderiam ser caracterizadas como uma oração subordinada que desempenha função sintática na oração matriz, da qual é um constituinte argumental, introduzida por palavra Qu- que, por sua vez, é constituinte da oração encaixada, nela desempenhando uma função sintática.”

Portanto, em (79b), *Quem quer cozinhar é [a Joana]*, a análise a que estamos nos referindo prevê que *quem quer cozinhar* seja uma oração relativa livre (sem antecedente).

Observamos que, em uma relativa livre, o pivô externo da relativa não ocorre – sobre pivô, ver (30) em (2.2.1.). Observe a citação abaixo de Oliveira (2010: 224):

Quando o núcleo da relativa é um nome superordenado (pessoa, coisa, lugar, etc.), este núcleo pode ser explícito, aparecendo como pivô externo da relativa – relativa com antecedente (RA) – ou pode ocorrer a construção que a literatura convencionou chamar de relativa livre (RL):

- (45)a. Não conheço **a pessoa** [*que a Maria admira*] → RA
b. Não conheço [**quem a Maria admira**] → RL

Nesse trabalho, seguimos Resenes (2009) que, diferentemente do que a literatura tem apontado para pseudoclivadas, não ratifica o pronome WH do tipo *quem* como se vê em (79b) – *quem quer cozinhar* – como um pronome relativo, introdutor de relativa livre. Resenes aponta que, ao se considerar a sentença WH de uma pseudoclivada como relativa livre, tem-se automaticamente uma leitura predicacional da sentença⁸³. A autora chama a atenção para o fato de que a leitura predicacional, obtida em uma relativa, leva estruturas como a que se vê em (79b) a uma análise de “sentença copular comum” e não de clivagem⁸⁴.

Conforme apontamos na seção (3.2.1), o elemento *que* das clivadas é considerado não relativo e essa caracterização pode ser estendida às sentenças pseudoclivadas, pois “parece que o processo de clivagem não envolve relativização” (Resenes, 2009:67). Assim, nem toda construção que apresentar a ordem canônica – ou estrutura similar – de uma pseudoclivada, como (79b), pode ser considerada como tal, mas somente as que apresentarem leitura especificacional. A leitura especificacional é a única que permite a ‘especificação’ de um valor a uma variável (foco) e ainda apresenta as leituras de

⁸³ Sobre leitura predicacional/especificacional, ver nota (12) na subseção (3.2.1.).

⁸⁴ Sobre esse tipo de sentença, ver subseção (3.2.1.).

contraste, exclusividade e exaustividade como as principais características das construções clivadas – ver Modesto, (2001:37).

A seguir, exemplificamos as leituras especificacional e predicacional a partir de exemplo de Resenes (2009)⁸⁵:

(80) O que o João é é importante

Em (80), Resenes aponta para a ambiguidade que se vê na estrutura por meio das leituras especificacional e predicacional. Na leitura especificacional, o adjetivo *importante* está sendo atribuído a *o João* por meio de uma predicação realizada pelo elemento WH *o que* (cf. “O que_i o João é t_i é importante”). Diferentemente, na leitura predicacional, a sentença WH é toda predicada por *importante* e nesse caso é entendida como uma expressão referencial (cf. “[O que o João é]_i é importante_i”).

Resenes ratifica que a leitura especificacional permite o preenchimento de ‘certa’ condição e a informação do que se está falando, através de uma operação do tipo ‘lista de valores’:

“[...] sujeito, que introduz uma variável, funciona como o assunto da lista e o predicado é um dos itens da lista, o que especifica ou dá o conteúdo daquela variável.”

Resenes (2009: 56)

A autora ratifica a proposta que se vê em Modesto (2001), entre outros, e Miotto & Negrão (2007) de que a diferenciação entre as leituras especificacional e predicacional, fundamental para a delimitação de sentenças pseudoclivadas (e clivadas) serem diferentes de copulares comuns, também pode ser apontada pelo uso de adjetivos com morfologia flexional no foco das sentenças, como no caso do PB em⁸⁶:

(81) a. O que Maria é é escandaloso⁸⁷

b. O que Maria é é escandalosa

Em (81a), o adjetivo *escandaloso* refere-se a uma propriedade x de *Maria* e tal propriedade é *ser escandaloso* (ou outra propriedade qualquer). Nesse caso, a leitura é predicacional. Diferentemente, em (81b), o adjetivo *escandalosa* refere-se a uma

⁸⁵ Resenes (2009: 56); dado (4), renumerado.

⁸⁶ Modesto define leituras especificacionais e predicacionais baseando-se em Higgins (1973) e Declerck (1998).

⁸⁷ Miotto & Negrão (2007:167), dado (19a, b), renumerado.

propriedade atribuída ‘diretamente’ a *Maria* – logo, *Maria é escandalosa*. Nesse caso, a leitura é especificacional.

A literatura ainda afirma que a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença WH também aponta para uma diferenciação entre as leituras especificacional e predicacional. Veja os dados em⁸⁸:

(82) a. *O que a Maria é foi escandalosa

b. O que a Maria foi é escandalosa

(83) a. O que a Maria é foi escandaloso

b. O que a Maria foi é escandaloso

Nos dois exemplos em (82), a cópula é o ‘segundo verbo da sequência’: *foi* e *é*, já que se pretende a leitura especificacional que se vê através da concordância do adjetivo *escandalosa* com *a Maria*: *Maria foi escandalosa* (tempo passado). Nessa leitura especificacional a cópula precisa, segundo Resenes (2009), assumir a forma *default* (é)⁸⁹. A forma não default *foi* que se vê em (82a) torna a sentença agramatical. Diferentemente, em (83), tem-se um par predicacional – não se atribui um valor específico ao DP *a Maria* –, logo a cópula da construção pode ou não manifestar a concordância temporal: *foi* (83a)/*é* (83b).

Resenes ainda aponta para o fato de que a inversão do constituinte clivado também é um indício para as leituras especificacionais e para a delimitação das sentenças pseudoclivadas, visto que “a inversão é restrita às sentenças especificacionais” – Resenes (2009: 62). Observe os dados em⁹⁰:

(84) a. Orgulhoso é o que o João é

b. *Lucrativo é o que João é

c. Escandalosa é o que a Maria é

d. *Escandaloso é o que a Maria é

Como se atesta em (84), os adjetivos focalizados *orgulhoso* e *escandalosa* podem ser

⁸⁸Resenes (2009: 61), dados (24a, b) e (25a, b), respectivamente, renumerados.

⁸⁹ Segundo Trask (1993: 73, traduzido): “[...] o valor típico de um traço ‘default’ representa o valor mais frequente ou menos marcado na língua. [...]”

⁹⁰ Resenes (2009: 62); dados (27a-d), renumerados.

invertidos – ver (84a), (84c). Quando não são focalizados, tais adjetivos não admitem a inversão – ver (84b), (84d). Outro exemplo que mantém a característica da ordem inversa de sintagmas focalizados nas pseudoclivadas apresentarem a leitura especificacional se vê em⁹¹:

- (85) a. O que ele me deu foi uma droga
- b. Uma droga foi o que ele me deu
- c. Foi uma droga o que ele me deu

As sentenças (85a) e (85c) apresentam ambiguidade entre a leitura especificacional e predicacional. Tal ambiguidade não se dá em (85b). A inversão do constituinte *uma droga* em (85b) só admite a leitura especificacional para essa sentença. O constituinte *uma droga* em (85b) tem uma interpretação referencial (droga/alucinógeno, etc.), não admitindo uma interpretação de uma ‘propriedade’ (coisas que podem ser consideradas ‘droga’/ coisas ruins).

Ao corroborarmos a literatura resenhada acima que atribui a característica especificacional às pseudoclivadas, entramos então na discussão de não se considerar a sentença WH dessas estruturas como uma relativa livre. Resenes (2009) enfatiza autores que apontam para a delimitação das características especificacionais das sentenças clivadas, corroborando a análise de que no processo de clivagem não ocorre relativização. A autora cita Higgins (1973), que caracteriza a leitura predicacional como uma referência a uma entidade – ou expressão referencial – e a atribuição de uma propriedade a essa entidade, conforme apontamos na sentença (85a) e repetimos, abaixo, renumerada:

- (86) O que ele me deu foi uma droga

Em (86), temos uma sentença que apresenta ambiguidade entre a leitura especificacional e predicacional. Na leitura predicacional, ao constituinte *uma droga* é atribuído uma interpretação de uma ‘propriedade’. Na leitura especificacional, a sentença WH é uma sentença aberta com uma variável – o elemento WH – a qual será especificada um valor como se vê em:

⁹¹ Resenes (2009: 63), dado (31), renumerado.

(87) O que ele me deu foi uma droga (e não um remédio natural)

Resenes chama a atenção para o fato de que a discussão colocada por Higgins (1973) sobre a delimitação de sentenças especificacionais e predicacionais não fez com que o autor deixasse de classificá-las, no entanto, como relativas livres.

Resenes chama a atenção para o texto de Hankamer (1974) que atribui estruturas sintáticas distintas para as sentenças especificacionais e predicacionais. Para Hankamer, a leitura predicacional é *leitura de relativa livre* e a leitura especificacional é chamada de *leitura clivada*. Logo, segundo Hankamer, a sintaxe dessas sentenças precisa especificar as diferenças semânticas verificadas entre elas. Somente a construção clivada – ou sentença especificacional – apresenta conectividade sintática entre as duas partes da sentença. Resenes aponta ainda que Lambrecht (2001) ratifica de alguma forma o que se coloca em Hankamer. Lambrecht diz que, no processo de clivagem, a sentença copular complexa que se forma possui uma equivalente simples, o que se aplica às sentenças especificacionais, como se vê em⁹²:

(88) a. What He bought is champagne

O que ele comprou é champagne

b. He bought champagne

Ele comprou champagne

Em (88), as funções gramaticais dos constituintes da sentença simples são as mesmas na pseudoclivada, pois os itens funcionais adicionados na clivagem cumprem o papel de focalização. Este fato não se vê nas sentenças com leitura predicacional. Observe os dados em⁹³:

(89) a. What he bought is expensive

O que ele comprou é caro

b. *He bought expensive

*Ele comprou caro

⁹² Resenes (2009:66), dados (39a, b), renumerados.

⁹³ Resenes (2009:66), dados (40a, b), renumerados.

Conforme apontado em (89b), a contraparte simples da sentença com leitura predicacional é agramatical.

O não cumprimento dos requerimentos de compatibilidade – relativos à categoria gramatical – também é outro ponto a favor de não se analisar a sentença WH das pseudoclivadas especificacionais como uma relativa livre⁹⁴:

- (90) a. *De quem eu gosto não veio hoje
b. *Com quem eu saí não me telefonou
c. *Com quem eu conversei ganhou a corrida
d. *De quem eu ri me bateu

Conforme notamos em (90), os pronomes relativos encabeçados – introduzidos por PPs *de quem*, *com quem* – não satisfazem os requerimentos de compatibilidade categorial por não poderem ocupar a posição de sujeito na relativa livre. O caso nominativo – posição de sujeito – exige pronomes relativos do tipo DP, como se vê em (91) por meio dos DPs *quem*, *o que*⁹⁵:

- (91) a. Quem eu amo não veio hoje
b. Quem eu conheci não me telefonou
c. Quem eu ajudei ganhou a corrida

A exigência de compatibilidade categorial, contudo, parece não pesar sobre a sentença WH das pseudoclivadas⁹⁶:

- (92) a. *De* quem eu gosto é **do João**
b. *Com* quem eu saí foi **com o João**
c. *Com* quem eu conversei foi **com o João**

Em (92), com as preposições não provocando interferência, como em (90), e o elemento WH das pseudoclivadas sendo a variável que o foco especifica, a preposição deve acompanhar o WH quando o foco for um constituinte preposicionado, como se vê nas

⁹⁴ Resenes (2009:68), dado (45a-d), renumerado.

⁹⁵ Resenes (2009:68), dado (46a-c), renumerado.

⁹⁶ Resenes (2009:68), dado (47a-c), renumerado. Os grifos são nossos.

sentenças acima em negrito.

Resenes aponta ainda para o fato de que o tipo categorial que desencadeia uma relativa livre é restrito, sendo na maioria dos casos, um DP ou AdvP. Observe a sentença a seguir⁹⁷:

(93) Eu gosto de quem me trata bem

Em (93), um núcleo DP (do tipo ‘uma pessoa/ alguém – ‘eu gosto de alguém’) desencadeia a oração relativa *de quem me trata bem*. No entanto, a ocorrência da preposição *de* antecedendo o pronome relativo *quem* em (93) é uma exigência do verbo *gostar* da sentença matriz: o requerimento de compatibilidade do verbo matriz nunca pode ser violado. Portanto, a preposição funcional *de* em (93) está desassociada da exigência argumental do verbo da oração relativa.

Nas pseudoclivadas (foco), a compatibilidade categorial entre o elemento WH e o foco pode ser apontada⁹⁸:

(94) Onde eu moro é a cidade mais quente do país

(95) Onde eu moro é na cidade mais quente do país

Em (94), não ocorre uma correspondência entre os constituintes *onde* e *a cidade mais quente do país*: o elemento WH *onde* exigiria compatibilidade categorial com um PP⁹⁹ – logo *a cidade ...* deveria ser *na cidade ...*. A leitura apontada em (94), portanto, é do tipo predicacional. Diferentemente, em (95), observa-se a compatibilidade entre o elemento WH (lugar) com o PP *na cidade mais quente do país*. Em outras palavras, há a compatibilidade categorial entre o elemento WH *onde* e o sintagma a que ele se refere: *na cidade mais quente do país*. A única leitura possível em (95) é a especificacional.

Resenes chama a atenção do leitor para um outro aspecto das sentenças predicacionais. Essas sentenças ao funcionarem como complementos de verbos como *considerar*, por exemplo, contêm uma *small clause* e, portanto, a sentença WH é uma

⁹⁷ Resenes (2009:70), dado (50e), renumerado.

⁹⁸ Resenes (2009:71), dados (55a) e (56a), respectivamente, renumerados.

⁹⁹ Resenes (2009: 71) refere-se a: “[...] um PP (ou AdvP)”. No entanto, em locuções prepositivas como em *na cidade ...* não se poderia referir-se a tal sintagma como AdvP por ser ele uma locução prepositiva do tipo categorial PP/DP/NP.

relativa livre funcionando como um DP sujeito da predicação. Veja o exemplo em¹⁰⁰:

(96) a. Eu considero o que a Maria é escandaloso.

b. *Eu considero o que a Maria é escandalosa.

Na interpretação predicacional de (96a), a cópula possui função predicativa, mediando a relação entre o predicativo *escandaloso* e o sujeito *a Maria*, formando uma *small clause*. A agramaticalidade de (96b) reforça o apontamento de que as pseudoclivadas não devem conter *small clauses*.

Vejamos a interpretação especificacional de uma sentença ambígua como:

(97) O que a Joana é é importante

Em (97), a cópula apresenta papel funcional de focalizar um constituinte. Ao lado do elemento WH, ela torna-se necessária para a construção estrutural de uma pseudoclivada. Na leitura especificacional de (97), não há uma *small clause* como se atesta na leitura predicacional de (96a). Em (97), não há relação de predicação entre os constituintes *a Joana é* e *importante*.

Devido a relação que fazemos, enfocada no fato de que a análise de pseudoclivadas e clivadas deve centrar-se na leitura do tipo especificacional, neste trabalho, corroboramos Resenes (2009) que aponta para a ausência de estrutura relativa em uma pseudoclivada (foco). Logo, seguindo essa autora, a proposta de estrutura para pseudoclivadas que assumimos assemelha-se, em parte, à proposta que se vê para clivadas em (48). No entanto, nas pseudoclivadas canônicas – ver subseção (2.2.5.1.) – diferentemente das clivadas, o foco está posicionado após a cópula como se vê em¹⁰¹:

(98) O que a Maria é é escandalosa

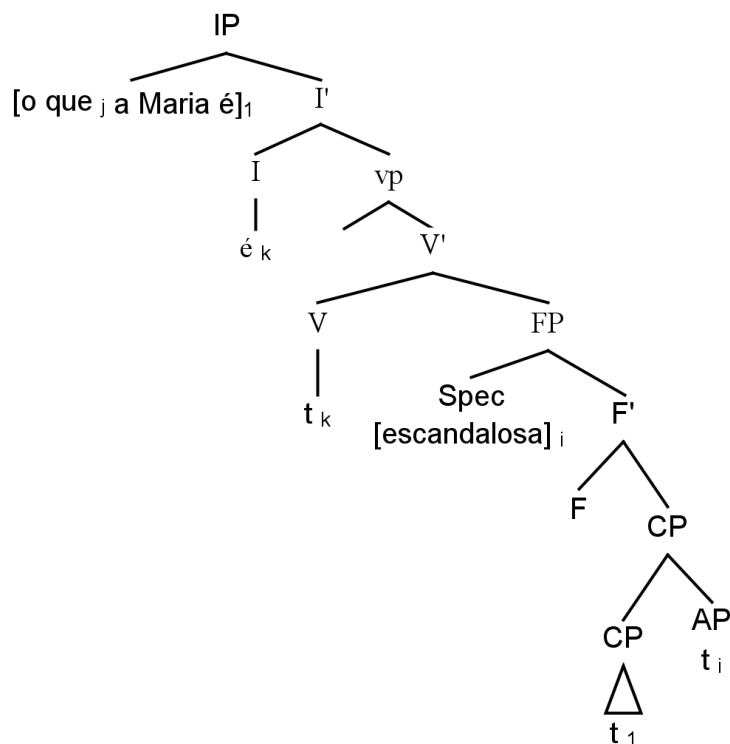
Logo, o foco em (98) – o adjetivo *escandalosa* – não pode ser tratado como sendo alojado na periferia esquerda da sentença. Resenes propõe que ele esteja locado na periferia esquerda do VP como se vê em¹⁰²:

¹⁰⁰ Resenes (2009:73), dado (63a, b) renumerado.

¹⁰¹ Resenes (2009: 130), dado (73).

¹⁰² Resenes (2009: 130), dado (73').

(99)



Logo, Resenes (2009: 128) propõe que:

[...] assim como em muitas análises das clivadas, a cópula das pseudo-clivadas seleciona um FP (Focus Phrase) o que é desejável, já que ambas as sentenças são designadas para focalizar e empregam a cópula como um dos itens para cumprir essa função. [...]

A estrutura proposta por Resenes e apresentada em (99) assemelha-se à proposta de Belletti (2004), em que se advoga que a área interna da oração (IP) rodeando o VP possui uma significativa similaridade com a periferia esquerda da sentença – a então chamada “área CP”. Como apontado em (2.2.2), Rizzi (1997) iniciou uma investigação sobre a periferia esquerda propondo que a então etiquetada projeção CP seria um espaço muito mais rico e articulado que o espaço tradicionalmente assumido. Belletti (2004), baseada em fatos empíricos relacionados a diferentes tipos de interpretação (associados à entonação) em línguas românicas (principalmente o italiano), argumenta que a área baixa interna da oração (IP), similarmente à periferia esquerda, é também rodeada de núcleos de projeções sintáticas, especificamente F (Foco) e T (Tópico). Estas projeções

que, segundo a autora, podem ser chamadas de “periferia interna da oração”, são projeções opostas às existentes na periferia à esquerda.

Diferente da proposta de Belletti, na proposta de Resenes – ver (99) – a projeção funcional foco está localizada internamente à sentença (e não na periferia esquerda do VP).

Nas pseudoclivadas invertidas – ver subseção (2.2.5.2.) – Resenes prevê que o foco seja gerado na posição interna ao VP. No entanto esse elemento precisa de um movimento extra adicional para a periferia esquerda da sentença. Este fato se dá porque é na periferia esquerda da sentença que se obtém, preferencialmente, a leitura de foco contrastivo. Observe a sentença pseudoclivada invertida em¹⁰³:

(100) Escandalosa é o que a Maria é

Em (100) a leitura é especificacional com tipologia de contrastividade. Logo, o elemento *escandalosa* que checa foco na posição funcional FP ligada ao VP, sofre movimento para a periferia esquerda da sentença. A estrutura de periferia esquerda se vê em (50) – subseção (2.2.2.).

Ainda dentro da argumentação estrutural proposta por Resenes (2009) no tocante a pseudoclivadas, a autora advoga que, em pseudoclivadas canônicas como em (98), é possível se obter uma leitura de contrastividade. Observe a sentença (98) renumerada em:

(101) O que a Maria é é escandalosa

É possível em um contexto em que alguém diga: “Maria é recatada” que o ouvinte discorde dessa asserção e proponha uma nova asserção por meio de uma focalização estrutural do tipo pseudoclivada como em (101). Nesse caso, a leitura obtida, portanto, é de foco contrastivo. Como já dito acima, a literatura aponta que, em construções de clivagem, a periferia esquerda da sentença é o local preferencial para se obter a tipologia de foco contrastivo. No entanto, ao se olhar para a categoria em foco *escandalosa* em (101), não parece que ela esteja na periferia esquerda da sentença. Resenes (2009), no entanto, advoga que essa categoria está sim na periferia esquerda da sentença. Para tanto faz uso da proposta conhecida na literatura como ‘Movimento Remanescente’ (daqui em diante, RM) – ver entre outros, Kayne (1994).

¹⁰³ Resenes (2009: 129; dado (72) renumerado).

Ligada às abordagens de periferia esquerda, a proposta que se vê em Kayne (1994), exclui movimentos para operações de checagem de traços (como foco, por exemplo) na periferia direita da sentença. A proposta de Kayne advoga que ‘remanescente’ é um constituinte do qual um material é extraído como se vê em:

(102) [ZtX.....].....X.....tZ

A fim de explicar o RM descrito acima, chamamos novamente a sentença (101) renumerada em:

(103) O que a Maria é é escandalosa

Para derivar sentenças cuja ordem parece ser resultado de adjunção à direita da sentença como (103) – a fim de se checar o foco contrastivo – FP – de *escandalosa*, aplica-se então RM. Segundo essa abordagem, a categoria X – *escandalosa* – parece estar assentada na borda direita da estrutura, mas de fato o que se tem é uma ilusão de ótica causada pelo movimento da categoria Z – o sintagma *o que a Maria é é* – contendo o traço X. Consequentemente, a aparência de que X – *escandalosa* – esteja no extremo direito da sentença pode ser explicada sem que se afirme qualquer ocorrência de adjunção à direita ou movimento à direita da sentença.

A seguir, apresentamos a tipologia de pseudoclivadas no português com mais detalhe.

2.2.5. Tipologia das Pseudoclivadas no Português

Seguindo a apresentação de Braga, Kato & Miotto (2009:258) para o PB, Ribeiro & Côrtes Junior (2009: 214) para o PVB, apresentamos, nessa subseção, os tipos de sentenças pseudoclivadas apontadas para o português brasileiro, que tomamos como direcionamento para a análise das clivadas em PA. Por nossa opção de análise designar as relativas livres como sentenças WH – como apontado em (2.2.4.) –, substituímos o termo ‘relativa livre’ – que aparece nas denominações dos autores considerados na tipologia a seguir – por ‘sentença WH’.

2.2.5.1. *Pseudoclivadas canônicas*

Segundo Braga, Kato & Miotto (2009:258), nas sentenças pseudoclivadas o

sujeito é uma sentença WH – para os autores, relativa livre – e o foco é realizado pós-cópula¹⁰⁴. Vejamos os exemplos a seguir¹⁰⁵:

- (104) a. **O que eu quero** é [um cafezinho]
b. **Quem telefonou** foi [o João]
c. **Onde a Gabriela mora** é [aqui]
d. **Quando a polícia vai fechar a Paulista** é [amanhã]

Em (104), temos a sentença WH, em negrito, na periferia esquerda da sentença e a realização do foco de cada sentença, entre colchetes, dá-se após a cópula. Os autores chamam a atenção para o fato de que, teoricamente, qualquer pronome-Q pode encabeçar a sentença WH, conforme apontado em (104). Ribeiro & Côrtes (2009: 215) ainda apontam para o tipo de foco que a pseudoclivada pode veicular¹⁰⁶:

(105) **onde nós fomos** foi [pra Boa Lembrança]

(106) **quem foi** foi [Cláudia]

Na análise de Ribeiro & Côrtes (2009:215), a sentença em (105) apresentaria foco identificacional e em (106) apresentaria foco contrastivo.

2.2.5.2. *Pseudoclivadas Invertidas*

Para as pseudoclivadas invertidas, Braga, Kato & Miotto (2009:260) e Ribeiro & Côrtes (2009:215), atestam a realização do foco em posição anterior à cópula, como se vê em:

(107) [Isso] foi **o que** mais me impressionou¹⁰⁷

(108) [lá] é **aonde** eu trabalho¹⁰⁸

Em (107) e (108), temos o foco, entre colchetes, preposto à cópula, ou seja, em posição invertida a que apontamos para as pseudoclivadas canônicas em (3.2.5.1.); após a

¹⁰⁴ Ribeiro & Côrtes (2009:214) classificam esse tipo de pseudoclivada como ‘pseudoclivada básica’.

¹⁰⁵ Braga, Kato & Miotto (2009 : 258), dado (32a-d), renumerado.

¹⁰⁶ Ribeiro & Côrtes (2009 : 215), dados (14c) e (15e), respectivamente, renumerados. Os autores apenas apontam o tipo de foco veiculado pela pseudoclivada, não apontando, contudo, um contexto que ratifique o caráter identificacional ou contrastivo do foco.

¹⁰⁷ Braga, Kato & Miotto (2009:260), dado (37), renumerado.

¹⁰⁸ Ribeiro & Côrtes (2009:215), dado (17b), renumerado.

cópula temos a realização da sentença WH. Para Braga, Kato & Miotto (2009:260) as pseudoclivadas invertidas “são construções raras no *corpus*” e Ribeiro & Côrtes (2009:215) apontam que a pseudoclivada invertida “é de uso pouco freqüente nas comunidades em estudo (1%) [...]”.

2.2.5.3. *Pseudoclivadas Reduzidas*

Braga, Kato & Miotto (2009: 259) apresentam as construções pseudoclivadas reduzidas como sentenças em que ocorre uma omissão do pronome-Q¹⁰⁹:

(109)a. **eu leio habitualmente** é [o jornal]

b. **ele procurava na pintura...** é [a relação harmoniosa]

c. **vamos encontrar ao longo do caminho...** é [o sofrimento dos homens]

Em (109), as sentenças não apontam para a presença do pronome-Q que poderia encabeçar essas sentenças – (o que) *eu leio habitualmente é [o jornal]*. Braga, Kato & Miotto (2009:259) reforçam que o formato do pronome que sofreu omissão é ditado pelo constituinte que funciona como o foco da sentença¹¹⁰:

(110) a. **(O que) o João quer** é [sambar na Portela no próximo carnaval]

b. **(Onde) o João quer sambar** é [na Portela] no próximo carnaval

c. **(Quando) o João quer sambar na Portela** é [no próximo carnaval]

2.2.5.4. *Pseudoclivadas Extrapostas*

Para as pseudoclivadas extrapostas, Braga, Kato & Miotto (2009:260) atestam um tipo de construção que contém o constituinte focalizado depois da cópula e a sentença WH depois do constituinte clivado, como se vê em¹¹¹:

(111) Foi [a Gabriela] **quem as crianças viram**¹¹²

Em (111), o foco *a Gabriela* é realizado logo após a cópula seguido pela sentença WH *quem as crianças viram*. Segundo Braga, Kato & Miotto (2009:260), a leitura do foco

¹⁰⁹ Braga, Kato & Miotto (2009: 259), dado (34a, b, c), renumerado.

¹¹⁰ Braga, Kato & Miotto (2009 : 259), dado (35a, b, c), renumerado.

¹¹¹ Braga, Kato & Miotto (2009 : 259), dado (38a), renumerado.

¹¹² Os autores apontam que embora esse exemplo seja aceito por falantes cultos, exemplos desse tipo de construção de pseudoclivada não foi atestado na amostra de língua falada que analisaram.

nesse tipo de pseudoclivada é sempre contrastiva.

CAPÍTULO III – A CATEGORIA FOCO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

A partir das considerações sobre a categoria foco apresentadas no capítulo 3, procedemos, neste capítulo a uma descrição e análise dessa categoria no português angolano – PA – a partir de construções clivadas e pseudoclivadas.

3.1. Construções Clivadas no PA

Seguindo a tipologia resenhada em (2.2.3.) sobre clivadas no português brasileiro, procedemos, nesta parte do trabalho, a uma descrição e proposta de análise das sentenças clivadas no PA com base no corpus analisado. Os dados sob análise das sentenças clivadas, conforme apontamos no capítulo 1, foram delimitados a partir de uma contextualização, visando a perceber a tipologia do foco envolvida, exceto no caso de foco de perguntas-QU que fogem a essa tipologia¹¹³.

Procedemos a uma análise das estruturas clivadas em que se atesta uma leitura especificacional – ver seção (2.2.1.) – pois assumimos que estruturas semelhantes às clivadas, mas sem tal leitura, são sentenças copulares comuns ou apenas casos de gramaticalização, como apontamos em (2.2.3.6.) Logo, em nossa análise, destacamos os seguintes itens para cada tipo de sentença clivada apontada:

(i) Leitura especificacional

(ii) Tipo de foco

(iii) Tipo de clivagem

(iv) Estrutura

3.1.1. Clivada Canônica Pessoal e Impessoal

Como apontado em (3.2.3.1.), as clivadas podem ser do tipo pessoal/impessoal. Clivadas pessoais/impessoais são atestadas no corpus sob análise. A seguir apresentamos exemplos seguidos de análise.

Análise I

(1) É o primeiro ano que vocês estão a enfrentar o ensino médio

Contexto: (Ba01) Foi fácil adaptar a este ambiente.

¹¹³ Os demais dados apresentados em ‘Anexo’ também passaram por essa contextualização, embora não a destaquemos na organização final dos dados.

Ch00: Há uma outra coisa que é muito curiosa. *É o primeiro ano que* vocês estão a enfrentar o ensino médio e ao mesmo tempo estão a trabalhar. Conseguem reconciliar as duas coisas?

(i) Leitura especificacional

Em (1) há a ‘especificação’ de um valor, *o primeiro ano* – o constituinte focalizado – a uma variável. Para as sentenças clivadas, essa atribuição de valor é obrigatória para que se tenha a especificidade da sentença e o valor atribuído seja o seu foco, conforme se vê na representação de sua AS na tipologia a seguir.

(ii) Tipo de foco

Em (1), temos foco de informação representado pelo constituinte *o primeiro ano*. Abaixo, apresentamos a AS de (1):

A₁: Existe um x tal que vocês (os alunos) estão a enfrentar x.

A₂: O x tal que vocês (os alunos) enfrentam x = [_F o primeiro ano].

A A₁ representa o contexto assertivo ou a pressuposição da sentença; a A₂ recebe a denominação de asserção principal, sendo uma sentença equativa que possui como predicado o elemento focalizado.

(iii) Tipo de clivada

Em (1), temos uma clivada canônica do tipo ‘pessoal’ por apresentar concordância entre o tempo verbal da cópula (*é*) e o constituinte clivado (*o primeiro ano*), assim como o tempo verbal da oração encaixada (*estão*) – tempo presente – conforme apontamos em (2.2.3.1.).

(iv) Estrutura

Como apontado em (2.2.1.) e (2.2.2.), seguimos a proposta de M&N de que o CP clivado (foco) não contém uma relativa. Ainda, no tocante ao CP clivado, seguimos a estrutura de Rizzi e a expansão do CP. Nas estruturas apresentadas nesta parte do trabalho, propomos o CP explodido apresentado entre colchetes – ver exemplo (52) na subseção (2.2.2.). Serão indicadas as projeções mais extremas desse CP – ForceP/FinP – seguidas das projeções intermediárias que são vistas na derivação de cada sentença sob análise. Logo, apresentamos o preenchimento de FocP nas clivadas e ainda projeções

como tópico – TopP – e ainda outras se existirem na sentença delimitada.

(1') é [_{ForceP} [_{FocP} **o primeiro ano**]_i [_{Foc} **que** [_{FinP} [_{IP} vocês estão a enfrentar t_{i(FOCO)} o ensino médio

Análise II

(2) A Teté é a primeira vez que veio para cá.

Contexto: Ch00: Vai passar de classe?

Te12: Sim, vou.

Ch00: Uma pergunta um pouco curiosa, a Teté *é a primeira vez que* veio para cá. Como é, conseguiu adaptar-se facilmente à vida de internato ou tá difícil?

Te12: Não, consegui adaptar facilmente.

(i) Leitura especificacional

Em (2), há a ‘especificação’ de um valor, *a primeira vez* – o constituinte focalizado – a uma variável, conforme se vê abaixo na representação de sua AS.

(ii) Tipo de foco

Em (2), temos foco de informação representado pelo constituinte *a primeira vez*. A seguir, temos a representação de sua AS:

A₁: Existe um x tal que Teté veio x

A₂: O x tal que Teté veio x = [_F a primeira vez]

(iii) Tipo de clivada

Em (2), temos uma clivada canônica do tipo ‘impessoal’ por não apresentar concordância entre o tempo verbal da cópula (*é*) e o tempo verbal da oração encaixada (*veio*) – tempo passado – conforme apontamos em (2.2.3.1.)

(iv) Estrutura

(2') [_{ForceP} [_{TopP} a **Teté**]_i [_{FinP} [_{IP} *é* [_{SC} t_i [_{ForceP} [_{FocP} **a primeira vez**]_j [_{Foc} **que** [_{FinP} [_{IP} **veio t_j para cá**]]]]]]]]]

Em (2') assumimos que uma pequena oração (SC) – complemento interno do verbo *é* – tem como sujeito o DP *Teté* e como complemento o CP *a primeira vez que veio para cá*.

No CP da SC, seguindo o CP explodido de Rizzi, derivamos, por movimento, o alojamento do DP *a primeira vez* em FocP, seguido de partícula focalizadora *que*. Assumimos ainda, minimamente, de acordo com Kato (1998), que o DP *Teté* tenha sido movido de dentro da posição de sujeito da SC para alojar-se na posição TopP do CP mais alto¹¹⁴.

Nossa análise corrobora Oliveira (no prelo) – ver seção (2.2.3.7.1.) – de que o *que* do CP *a primeira vez que* não é um complementizador, mas sim uma partícula de foco. Logo, o PA (assim como o PB, segundo Oliveira (no prelo)) atesta marcação morfológica de foco, como se vê em muitas línguas africanas.

Análise III

(3) Não, é o segundo ano que vivo no internato.

Contexto: Ch00: Já vive há muito tempo no internato ou apenas é o primeiro ano?

Di21: Não, *é o segundo ano que* vivo no internato.

(i) Leitura especificacional

A leitura especificacional em (3) aponta para a determinação de um valor – *é o segundo ano* – ao constituinte focalizado disparando as leituras de contrastividade, exaustividade e exclusividade.

(ii) Tipo de foco

Em (3), temos foco contrastivo representado pelo constituinte *o segundo ano*. Abaixo, temos a representação de sua AS:

A₁: Há um x que (Dinho) vive no internato

A₂: Não é o caso que o x (o qual (Dinho) vive no internato) = terceiro ano

&

O x o qual (Dinho) vive no internato = segundo ano

(iii) Tipo de clivada

Em (3), temos uma clivada canônica do tipo ‘pessoal’ por apresentar concordância entre

¹¹⁴ Como visto em (2.2.2.), Rizzi propõe três posições para pouso de elemento topicalizado. No entanto, na projeção em (2’), não apontamos em qual das três posições de Tópico *Teté* está localizada. Este fato está fora do escopo dessa dissertação.

a pessoa do tempo verbal da cópula (*é*) e o constituinte clivado (*o segundo ano*), e ainda a concordância do tempo verbal da cópula e o tempo verbal da oração encaixada (*vivo*) – tempo presente.

(iv) Estrutura

(3') [_{ForceP} [_{ModP} Não [_{FinP} [_{IP} é [_{ForceP} [_{FocP} o segundo ano_i [_{Foc} que [_{FinP} [_{IP} vivo t_i no internato]]]]]]]]]]]

Em (3'), para o advérbio *não* na periferia esquerda da sentença, assumimos sua posição de Spec de ModP dentro da proposta do CP ‘explodido’ de Rizzi. O constituinte focalizado *o segundo ano* apresenta-se como complemento da cópula *é* e a estrutura em (3') evidencia seu movimento de argumento interno do verbo *viver* para a posição de Spec de FocP.

3.1.2. Clivada Invertida

Como apontado em (2.2.3.2.), nas clivadas invertidas, o foco é invertido para antes da cópula, que tende a permanecer invariante e o foco tem sempre uma leitura contrastiva. Esse tipo de clivada é atestado no corpus sob análise como se vê nos exemplos a seguir.

Análise I

(4) por motivo de determinadas ordens é que fui desviado para administração pública.

Contexto: Ch00: O Chibi escolheu esse curso voluntariamente ou foi encaminhado?

Ch14: Bom, eu não escolhi o curso voluntariamente porque na época em que começou as inscrições eu não encontrava-me cá, encontrava em Benguela, quem veio fazer a inscrição foi o meu pai. Ele escolheu pa finanças mas não havia finança então outra alternativa seria contabilidade e gestão mas não sei *por motivo de determinadas ordens é que* fui desviado para administração pública.

(i) Leitura especificacional

Em (4), a leitura especificacional é destacada pelas leituras de contrastividade, exaustividade e exclusividade que se evidencia pela tomada de um valor – contrastivo – a uma variável, e pela ordem do constituinte focalizado, conforme apontamos a seguir.

(ii) Tipo de foco

Em (4), temos foco contrastivo representado pelo constituinte *por motivo de determinadas ordens*. Abaixo, temos a representação de sua AS:

A₁: Há um x que Chibi foi desviado para administração pública

A₂: Não é o caso que o x (o qual Chibi foi desviado para administração pública) = voluntariamente

&

O x o qual Chibi foi desviado para administração pública x = por motivo de determinadas ordens

(iii) Tipo de clivada

Em (4), temos uma clivada do tipo invertida por apresentar o foco (*por motivo de determinadas ordens*) em posição anterior a cópula (*é*). Conforme apontado em (2.2.3.2.), a cópula apresentou-se invariante em relação ao tempo verbal da oração encaixada (*fui*) e o foco, nesse caso, também se confirmou como do tipo contrastivo.

(iv) Estrutura

(4') [_{ForceP} [_{FocP} **por motivo de determinadas ordens**_i [_{IP} **é** [_{ForceP} [_{FocP} *t_i* [_{Foc} **que** [_{FinP} [_{IP} **fui desviado** *t_i*]]]]]]]]]]

Para a clivada invertida em (4'), assumimos que o constituinte com leitura de foco contrastivo *por motivo de determinadas ordens* é movido da oração encaixada *fui desviado* para o Spec de FocP para receber a leitura de foco. A leitura de foco contrastivo, nesse caso, é reforçada pelo movimento do constituinte *por motivo de determinadas ordens* para uma posição anterior a cópula e, portanto, 'ativando' um outro CP para alojar o foco sentencial.

Análise II

(5) só os miúdos é que têm que respeitar

Contexto: Tc19: É fácil sim desde que haja respeito mútuo, sim.

Ch00: E agora que os mais velhos põem na cabeça que só *os miúdos é que*
têm de respeitar.

Tc19: Nesse caso há que entender-se porque quando os velhos pensam assim,
temos que arranjar maneira de nos entendermos, depois...

(i) Leitura especificacional

Em (5), a leitura especificacional é realçada pela atribuição das leituras de contrastividade, exaustividade e exclusividade para o constituinte focalizado *os miúdos* acompanhado do advérbio *só* que reforça, na sentença, as principais propriedades de uma sentença especificacional.

(ii) Tipo de foco

Em (5), o constituinte clivado *os miúdos* veicula foco do tipo contrastivo conforme apontado em sua AS abaixo:

A₁: Há um x que os velhos põem na cabeça que somente x tem de respeitar

A₂: Não é o caso que o x (o qual os velhos põem na cabeça que somente x tem de respeitar) = adolescentes

&

O x o qual os velhos põem na cabeça que somente x tem de respeitar = os miúdos

(iii) Tipo de clivada

Em (5), temos uma clivada do tipo invertida por apresentar o foco (*os miúdos*) em posição anterior a cópula (*é*) que se manteve invariável e o foco mostrou-se contrastivo.

(iv) Estrutura

(5') [_{ForceP} [_{FocP} *os miúdos* ; [_{IP} *é* [_{ForceP} [_{FocP} t_i [_{Foc} *que* [_{FinP} [_{IP} t_i *têm de respeitar*]]]]]]]]]]

Em (5'), assumimos a mesma estrutura que apontamos em (4'). O constituinte com leitura de foco contrastivo *os miúdos* é movido da oração encaixada *têm de respeitar* para o Spec de FocP para receber a leitura de foco. O movimento do constituinte *os*

miúdos para uma posição anterior a cópula faz com que ele receba a leitura contrastiva e temos, portanto, um novo CP para alojar o foco sentencial.

3.1.3. Interrogativa Clivada

Como apontado em (3.2.3.5.), as interrogativas clivadas atestam uma estrutura com a cópula e o complementizador *que* seguindo um sintagma-QU, conforme se vê nos exemplos abaixo.

Análise I

(6) O que é que tens a dizer sobre o fim do ano lectivo?

Contexto: Ch00: Tá a conseguir superar as médias. Arménio, o que é que tens a dizer sobre o fim do ano lectivo?

Ar04: Bem. Para mim o fim do ano lectivo está a ir com bastante dificuldade.

(i) **Leitura especificacional**

Em (6), temos uma sentença do tipo interrogativa em que é atribuído um valor ao pronome-QU *o que*, resultando no foco sentencial na periferia esquerda da sentença. O pronome interrogativo em (6) apresenta as leituras de contrastividade, exaustividade e exclusividade, explicitadas na resposta de Ar04 pelo sintagma preposicional *com bastante dificuldade*.

(ii) **Tipo de foco**

A literatura sobre a tipologia de foco não contempla o constituinte focalizado, ou pronome QU, nas sentenças interrogativas clivadas. No entanto, consideramos que esse constituinte pode ser inserido em uma tipologia para o foco, tanto por veicular uma leitura especificacional como por apresentar uma entonação – uma das particularidades do foco – para esse tipo de clivada, por exemplo, no português. A seguir, apresentamos a AS de (6):

A₁: Existe um x tal que Arménio dirá x

A₂: O x tal que Arménio dirá x = [F o que]

Chamamos a atenção do leitor para o fato da possibilidade do pronome-QU *o que* em (6), ser substituído por outro pronome-QU como *quando*: *Quando é que tens a*

sentença uma construção monoclausal com marcação morfológica explícita de foco¹¹⁵. Enfatizamos, mais uma vez, o fato dessas sentenças interrogativas não apresentarem uma entonação específica da marcação de foco.

Ao atestarmos que sentenças como (7) veiculam um tipo de foco com marcação morfológica explícita, aproximamos o PA das línguas do oeste africano, que também exibem uma marcação do foco através de uma partícula focalizadora específica. Retomamos, como exemplos, as sentenças que atestam essa marcação na língua ibíbio e em iorubá respectivamente¹¹⁶:

(8) a. **M̀m̀ò̀ó̀ kẹ̀ èkà m̀fò á-∅bá?** “Onde que sua mãe está?”

M̀m̀ò̀ó̀ kẹ̀ èkà m̀fò á- ∅ bá?
 onde FOC mãe 2SG.POSS 3SG.SA-ASPEC_[+FOC]- ESTAR EM UM
 LUGAR

b. **M̀m̀ò̀ó̀ [kẹ̀]** – “Onde que” – ‘foco’ sem tipologia; sem ‘leitura de foco pragmático’

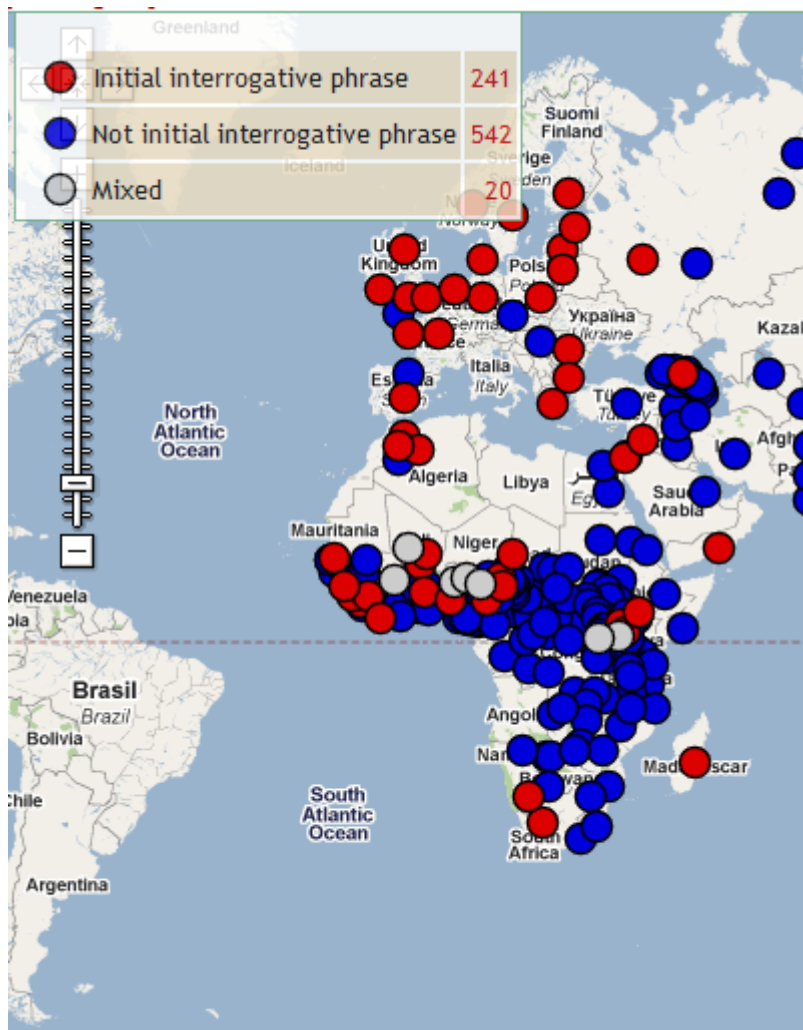
(9) ***Maria ni o fun omo ni osan lanaa*** “*It was Mary who gave the baby an orange yesterday*”

Observemos parte do mapa abaixo – ‘Position of Interrogative Phrases in Content Questions’ – retirado do site: ‘The World Atlas of Language Structures Online’¹¹⁷:

¹¹⁵ Remetemos o leitor à seção (2.2.3.7.1.) em que apresentamos a resenha de Oliveira (no prelo) e sua proposta de análise para sentenças como (7).

¹¹⁶ Cf. subseção (2.2.3.7.1), exemplos (68b) e (69), respectivamente, renumerados.

¹¹⁷ Nesse seção, apresentamos apenas uma parte do mapa original que apresenta todo o mapa-mundi mapeado com as respectivas características linguísticas pretendidas ao se pesquisar cada língua, em específico, no tocante à posição do elemento WH na sentença. O mapa se vê em: http://wals.info/feature/93?tg_format=map&v1=cd00&v2=c00d&feature_id=93&language_id=wals_code_xoo&v3=cccc&s=20&z3=3000&z1=2999&z2=2998 (acessada em 06/08/2010)



No mapa acima, vê-se a predileção, na África, pela tipologia WH ‘in situ’. No entanto, se estamos atentos aos exemplos de sentenças de línguas africanas com perguntas WH, oferecidos por Oliveira – ver ibíbio (8) e iorubá (9) acima –, percebe-se que essas são línguas WH ‘in situ’, mas, segundo a argumentação de Oliveira, muitas dessas línguas movem o elemento WH para a periferia esquerda da sentença, seguido de marcador de foco, quando esse elemento é foco do tipo gramatical – ver seção (2.1.). Esse movimento para foco é do mesmo tipo que ocorre com outros sintagmas não-WH que também são marcados por foco. Logo, pelo mapa acima, ratifica-se parte da proposta de Oliveira (no prelo) de que quando os sintagmas WH se movem para a periferia não se trata de um caso de clivagem, atestado em muitas das línguas africanas estudadas, mas sim de uma estrutura monoclausal com movimento WH para a posição estrutural de foco.

Esse tipo de sentença monoclausal é atestado no corpus sob análise como se vê

nos exemplos a seguir:

- (10) Já tem algum plano onde que vai trabalhar?
- (11) Onde que vai seguir a faculdade?
- (12) Quando que pensa trabalhar?
- (13) A propósito, donde que a Teté veio encaminhada?
- (14) Onde que tem conseguido esses livros?
- (15) Onde que está mais evoluído?

Os exemplos de (10) a (15) do PA apresentados acima, se classificados dentro da tipologia tradicional que apresentamos em (2.2.3.7.), seriam analisados como sentenças ‘interrogativas clivadas sem cópula’. Chamamos a atenção do leitor para o fato de que, se inseridos dentro dessa tipologia, os exemplos do PA se aproximariam da análise que se toma para o PB, conforme apontamos no capítulo 2, seção (2.2.3.7.1.; exemplo (65)) e que repetimos abaixo, renumerado:

- (16)a. PE; PB/PVB **Você fez o quê?**
- b. PE; PB/PVB **O que é que você fez?**
- c. *PE; PB/PVB **O que que você fez?**

Em (16c), ao contrário do que se aponta para o PB/PVB, a construção do tipo sintagma-QU e complementizador *que* não é atestado em PE. Os exemplos mostrados em (10)-(15), no entanto, apontam que o PA se diferencia do PE e atesta esse tipo de construção, também presente em PB/PVB.

Ratificamos nossa posição de classificar sentenças como as em (10)-(15) como monoclausais. Logo, tais sentenças em PA são excluídas, em nossa análise, do escopo das sentenças clivadas: biclausais.

A presença desse tipo de estrutura em PA corrobora a proposta de Oliveira (no prelo) apresentada em (2.2.3.7.1.) em que se aponta para construções desse tipo uma marcação do foco de controle gramatical descrito na linguística africanista. Esse tipo de foco dá-se em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical em si, sem correlação com fatores pragmáticos; logo, não ligada a intenção do falante – o falante não tem consciência de que esteja realizando uma operação de checagem de foco, como tem quando realiza uma construção de foco do tipo pragmático (foco ‘contrastivo’, por exemplo). Desse modo, construções em PA, como as em (10)-(15), não apresentam

uma tipologia específica e, possivelmente, se pudéssemos averiguar a prosódia, como em PB, essas construções não apresentariam uma entonação marcada de foco.

Oliveira (no prelo), ao propor o foco de controle gramatical para o PB, em um primeiro momento, diz que tal traço de foco poderia ter sido marcado nessa língua via contato com línguas africanas. No entanto, em um segundo momento, a autora propõe que, uma análise mais acurada dos fatos concernentes ao foco de controle gramatical/WH, mostra propriedades de natureza universal, pois esse tipo de estrutura é atestada em muitas línguas ao redor do mundo, além das africanas¹¹⁸. Logo, seguindo a argumentação de Oliveira (no prelo) para o PB, propomos que, em PA, o foco de controle gramatical – ver (10)-(15) – tenha sido ‘reforçado’ nessa língua por conta do contato com línguas africanas, visto que, em Angola, o português falado (uma língua alotóctone – língua oficial) convive sincronicamente em uma situação de contato com línguas africanas que podem ter participado na formação desse português falado na África. Ao dizermos que tal traço de foco gramatical tenha sido ‘reforçado’ pelo contato sincrônico do PA com línguas africanas, queremos nos referir, de acordo com Oliveira (no prelo), que este traço seja de natureza universal, mas que os falantes de PA teriam, no entanto, o ‘reforço’ do contato.

Procedemos, a seguir, uma análise das estruturas monoclausais que atestam foco de controle gramatical. Seguindo o que já mencionamos, o foco de controle gramatical não pode ser analisado da mesma maneira que o foco de controle pragmático. Logo, nas estruturas clivadas analisadas em (4.1.), destacamos os seguintes itens para cada tipo de sentença clivada descrita/analizada: (i) leitura especificacional, (ii) tipo de foco, (iii) tipo de clivagem e (iv) estrutura. No entanto, para dados como em (10)-(15), não podemos proceder a uma análise por par: leitura especificacional/predicacional; não podemos ainda, pela natureza desse tipo de foco, atestar uma tipologia, nem ainda uma estrutura de asserção. Enfatizamos, em nossa análise para esses dados, que não se trata de um tipo de clivagem – clivagem com apagamento de cópula. Logo, abaixo, propomos uma análise estrutural para o foco de controle gramatical em PA, centrada em uma estrutura monoclausal.

Análise I

¹¹⁸ A autora deixa claro, porém, que esse traço possivelmente seja um traço ‘areal’ de África devido a quantidade de exemplos de línguas em que tal marcação é atestada.

(17) Onde que vai seguir a faculdade?¹¹⁹

(17') [_{ForceP} [_{FocP} **onde** t_i [_{Foc} **que** [_{FinP} [_{IP} **vai seguir a faculdade** t_i]]]]]

Em (17), temos uma pergunta-QU fronteira seguida de *que* sem cópula em que apresenta-se uma estrutura monoclausal, diferentemente das estruturas clivadas biclausais apontadas em (3.1). O pronome interrogativo *onde* é movido do IP para a periferia esquerda da sentença em posição de Spec de FocP para receber a leitura de foco, ao lado da partícula focalizadora *que* que ocupa o núcleo de Foc.

3.3. Construções Pseudoclivadas no PA

Para as construções pseudoclivadas no PA, seguimos a tipologia resenhada em (2.2.5.) e seguimos a mesma orientação apresentada em (4.1.), destacando os seguintes itens para cada tipo de sentença clivada apontada:

(i) **Leitura especificacional**

(ii) **Tipo de foco**

(iii) **Tipo de clivagem**

(iv) **Estrutura**

3.3.1. Pseudoclivada Canônica

Para as sentenças pseudoclivadas, atestamos que o sujeito é uma sentença WH e o foco é realizado pós-cópula.

Análise I

(17) Quem veio fazer a inscrição foi o meu pai

Contexto: Ch00: O Chibi escolheu esse curso voluntariamente ou foi encaminhado?

Ch14: Bom, eu não escolhi o curso voluntariamente porque na época em que começou as inscrições eu não encontrava-me cá, encontrava em Benguela, **quem veio fazer a inscrição foi meu pai.**

¹¹⁹ Dado (11), renumerado.

(iii) Leitura especificacional

Em (17), uma sentença pseudoclivada canônica, temos a leitura especificacional atribuída pelo valor atribuído ao constituinte *meu pai* como foco sentencial. O foco sentencial *meu pai* aponta para as leituras específicas das sentenças que sofrem o processo de clivagem: as leituras de contrastividade, exclusividade e exaustividade.

(ii) Tipo de foco

Pelo contexto em que a sentença foi proferida, notamos que a informação veiculada não era pressuposta pelo interlocutor e *meu pai* preenche o valor sentencial para se tornar o foco de informação.

A₁: Existe um x tal que x foi fazer a inscrição

A₂: O x tal que foi fazer a inscrição x = [_F meu pai]

(iii) Tipo de clivagem

A sentença em (17) apresenta a formação canônica de uma pseudoclivada em que podemos observar a sentença WH ocupando a posição de sujeito da sentença e o constituinte com traço de foco está situado em posição após a cópula.

(iv) Estrutura

(17') [_{IP} [_{quem}^j veio fazer a inscrição]_i [_I foi_k [_{VP} t_k[_{FocP} meu pai^j]_l [_{Foc} [_{SC} [_{CP} t_i] [_{DP} t_l]]]]]]]]]]

Na estrutura acima, como mencionado em (2.2.4.), seguimos Resenes (2009) que aponta para a ausência de estrutura relativa em uma pseudoclivada (foco). Logo, seguindo essa autora, a proposta de estrutura para pseudoclivadas que assumimos assemelha-se, em parte, à proposta que se vê para clivadas em (48).

Nas pseudoclivadas canônicas, diferentemente das clivadas, o foco está posicionado após a cópula como se vê em (17'). O foco – *o meu pai* – encontra-se locado na periferia esquerda do VP. A estrutura em (17'), como já apontado em (2.2.4.), assemelha-se à proposta de Belletti (2004), em que se advoga que a área interna da oração (IP) rodeando o VP possui uma significativa similaridade com a periferia esquerda da sentença – a então chamada “área CP”. O foco – *o meu pai* – é, portanto, movido para essa periferia de VP a partir da posição de complemento de uma

pequena oração – SC – que por sua vez é o complemento de um verbo do tipo inacusativo – *foi*.

Análise II

(18) O que penso fazer é o criar

Contexto: Jo127: E a senhora não desconfiou com nenhuma aí na sua rua?

Du126: Não, não, já vivo lá há muitos anos e conheço todas que tem bebê.

Jo127: E o que que a criança tem assim com essa pele?

Du126: Não sei mais ou menos que ainda a levei ao médico.

Jo127: E o que que a senhora pensa fazer?

Du127: **O que penso fazer é o criar** ou então a família vir procurar.

(2) Leitura especificacional

Em (18), há a especificação de um valor, *o criar* – foco sentencial da sentença – a uma variável, apontando para leituras específicas de sentenças clivadas, como a contrastividade, exclusividade e exaustividade, reforçadas pela posição em que o foco se encontra na sentença – posição invertida – conforme apontamos abaixo.

(ii) Tipo de foco

O foco veiculado em (18) é do tipo informacional. Abaixo, temos a representação de sua AS:

A₁: Existe um x tal que a senhora pensa x

A₂: O x tal que a senhora pensa x = [_F o criar]

(iii) Tipo de clivagem

Em (18), estamos diante de uma pseudoclivada canônica. A sentença WH encabeça a periferia esquerda da sentença e o constituinte com traço de foco está em posição pós cópula.

(iv) Estrutura

(18') [_{IP} [_{o que}^j **penso fazer**]_i [_I **é**]_k [_{VP} _{t_k}[_{FocP} **o criar**]^j]_l [_{Foc} [_{SC} [_{CP} _{t_i}] [_{DP} _{t_i}]]]]]]

Em (18'), o foco está posicionado após a cópula. O foco – *o criar* – encontra-se locado na periferia esquerda do VP e é movido para essa periferia do VP a partir da posição de complemento de uma pequena oração – SC – que por sua vez é o complemento de um

verbo do tipo inacusativo – é.

3.3.2. Pseudoclivadas Invertidas

Para as pseudoclivadas invertidas, atestamos uma realização do foco em posição anterior à cópula. O foco, nesse caso, é contrastivo.

Análise I

(19) Cassetes é o que havia de mais

Contexto: E: Praticou?

Na25: Um pouco. Depois veio o Michael Jackson, a moda, e havia dancings. A malta própria, pronto desenrascávamos. Pedíamos autorização por exemplo um prédio, terraço, e montávamos lâmpadas assim coloridas, pessoas que vinham pintávamos, enfeitávamos aquilo e prontos. De noite, vinha sempre alguém com um aparelho, dava um som normal. **Cassetes é o que havia de mais.** Cada um desenrascava isso.

(i) Leitura especificacional

Em (19), o constituinte *cassetes* na periferia esquerda da sentença é o responsável pela leitura especificacional que se tem na sentença ao veicular o foco sentencial e explicitar as leituras de contrastividade, exaustividade e exclusividade, reforçadas pela ordem inversa do constituinte na sentença e o tipo de foco que aponta, conforme veremos a seguir.

(ii) Tipo de foco

O foco em (19), representando pelo constituinte *cassetes* é do tipo contrastivo.

Apresentamos, abaixo, a AS dessa sentença:

A₁: Há um x que havia x de mais

A₂: Não é o caso que o x (o qual x havia de mais) = discos

&

O x o qual x havia de mais = cassetes

CAPÍTULO IV – A CATEGORIA TÓPICO

Como já mencionado no capítulo I, diferentemente da categoria foco, no tocante à categoria tópico, apresentamos apenas uma breve descrição dos tipos de tópicos encontrados no português angolano, seguindo uma tipologia que se vê em trabalhos linguísticos no Brasil. A análise do tópico encontra-se, portanto, fora do escopo desse trabalho.

Ao estudarmos sobre a categoria *tópico*, assim como apontamos sobre o *foco* no capítulo II, também estamos diante de um fenômeno de interface sintático/discursivo.

Conforme aponta Zubizarreta (1997: 10, traduzido), “o tópico é o sujeito de um um predicado proposicional”, assumindo “que a articulação tópico-comentário é representada em termos de predicação, em que o comentário é uma sentença aberta que predica sobre o tópico” (Quarezemin, 2005: 15).

Na topicalização, há a referência a termos em relação semântica, e não sintática, com a estrutura actancial do predicado. Nas línguas, caracteriza-se pela extraposição para o início do enunciado de um termo – tópico –, com o restante do enunciado funcionando como comentário. A estrutura de uma sentença que apresenta, portanto, o constituinte com função informacional de tópico seria: informação pressuposta (tópico) mais um comentário, como vemos em¹²⁰:

- (01) a. O meu pai, ele trabalha nos feriados
b. Nos feriados, o meu pai trabalha

A partir da suposição de que o tópico se encontra em posição A', ele é retomado na conexão com a posição aberta do comentário por um pronome (01a) ou por uma categoria vazia (01b).

Assim como proposto para a categoria *foco*, Zubizarreta (1997) aponta que a interpretação do constituinte topicalizado pode ser representada por meio de sua *estrutura de asserção* (AS), conforme apontamos a partir do exemplo em:

- (02) - E a maçã? Quem descascou ela?
- A maçã, a Maria descascou ela

¹²⁰ Quarezemin (2005: 15), dado (25), renumerado.

Em (02), nota-se que *Maria* é o foco e *a maçã* é o constituinte topicalizado da sentença e a AS dessa sentença se vê em:

(03) A₁: a maçã/existe um x, tal que x descascou y

A₂: a maçã_y/o x (tal que x descascou y) = Maria

A leitura das duas asserções em (03), representando a sentença que contém o tópico em (02), reforça a colocação de Zubizarreta (1997: 10):

[...] the topic can never be identified with the focus, because by definition, the topic is the subject of the propositional predicate and the focus is contained within that predicate.

4.1. A Tipologia de Tópico no Português

Seguindo a apresentação de Araújo (2009 : 235-242) para o PVB, apresentamos nessa subseção, os tipos de sentenças com tópico apontadas para o português brasileiro, que tomamos como direcionamento para a análise do tópico em PA.

4.1.1. Topicalização de Objeto Direto (TOD)

A topicalização de objeto direto (TOD) apresenta as seguintes características¹²¹:

(i) um objeto deslocado à esquerda sem retomada clítica interna à oração:

(04) os pés de café trocô

(ii) o sintagma nominal que compõe este objeto geralmente é definido:

(05) A cachaça eu bebo todo dia, se eu todo dia eu fô lá na praça

(iii) não sofre restrições de ilha:

(06)... esses criatório (porco, galinha) tamém eu tem muitos ano qu'eu num crio, né?

¹²¹ Araújo (2009 : 235), dados (6,7,8,10),respectivamente, renumerados.

(iv) pode ocorrer em sentenças encaixadas:

(07) É mais perigoso, porque uma ... uma mulé ... grávida, pá ganhá neném em casa, eu acho muito perigo, porque lá no hospital ... já é ôta coisa, né?

4.1.2. Tópico Pendente com Retomada

O tópico pendente com retomada mantém uma relação semântica com a oração já que é retomado por um elemento interno à oração. Esse elemento pode ser um pronome forte ou clítico, uma expressão genérica, uma categoria vazia, um pronome demonstrativo, um numeral, dentre outros elementos.

Segundo Araújo (2009: 236), o tipo de retomada mais frequente em sua análise foi o da relação semântica continente/contido. Nessa retomada, o elemento topicalizado é um constituinte semanticamente mais amplo contendo o termo que o retoma internamente à oração, como vemos em¹²²:

(08) Jogo, naquele tempo o futebol era mais efetivado ainda

O segundo tipo de retomada mais frequente é a retomada por pronome correferencial, em que pronomes que retomam pronomes com o mesmo índice referencial, conforme apontado em¹²³:

(09) Eu, **meu** nascimento é daqui mesmo, **minha** residência é aqui

Araújo (2009:237) aponta que outro tipo de retomada mais atestado em sua análise é a feita por um elemento foneticamente nulo na posição de sujeito, como em¹²⁴:

(10) Aquela folha... os menino saía, ia caçá, né, aí ø bateu aqui nos óio do cachorro

Para os outros tipos de retomada como a de quantificador, numeral, pronome pessoal na posição de objeto, retomada pronominal na posição de sujeito de encaixada e pronome indefinido, Araújo (2009: 237) aponta que houve uma realização inferior se comparada às realizações mostradas anteriormente¹²⁵.

¹²² Araújo (2009 : 236), dado (13), renumerado.

¹²³ Araújo (2009 : 236), dado (15), renumerado.

¹²⁴ Araújo (2009 : 237), dado (16), renumerado.

¹²⁵ Remetemos o leitor ao texto de Araújo (2009 : 236-237) para o levantamento, em numero e percentagem, dos tipos de retomada nas construções de tópico pendente analisadas pela autora.

4.1.3. Tópico Cópia

Nas construções de tópico cópia, segundo Araújo (2009:237), a retomada interna à oração dá-se pela cópia do termo topicalizado, como vemos em¹²⁶:

(11) aí o tratô... a carreta empurro **o tratô**, e aí desceu de ladêra abaxo lixado...

4.1.4. Tópico Sujeito

Segundo Araújo (2009: 238), as construções de tópico sujeito caracterizam-se por: (i) apresentar um sintagma preposicional, locativo ou adjunto, deslocado à esquerda sem a preposição, com comportamento similar a de sujeito da frase já que estabelece concordância com o verbo; (ii) não apresentar um pronome lembrete retomando o sintagma nominal anteposto; e (iii) não existir concordância verbal entre o verbo e o seu argumento externo, realizado em posição pós-verbal¹²⁷:

(12) a. Os jogadores estão crescendo o cabelo

b. *Os jogadores está crescendo o cabelo

Araújo (2009:239) aponta que construções como (12a) são tópico sujeito porque é o tópico, e não o sujeito, que estabelece a concordância com o verbo. Araújo ainda aponta, a partir dos estudos de Galves (1998), que registros desse tipo de tópico não são encontrados em outras línguas românicas, tornando o português brasileiro *sui generis* em relação a esse tipo de tópico.

Araújo (2009:239) distribui as construções de tópico sujeito em três grupos:

Grupo I: o verbo é inacusativo e seleciona um argumento interno que não desenvolve concordância com o verbo¹²⁸:

(13) o carro afundo as roda...

Grupo II: os verbos selecionam dois argumentos e o argumento interno é alçado para a posição de tópico desencadeando uma concordância com o verbo, enquanto a posição do argumento externo permanece vazia, realizada por um sujeito nulo não referencial¹²⁹:

¹²⁶ Araújo (2009 : 238), dado (25), renumerado.

¹²⁷ Araújo (2009 : 238), dado (28a/b), renumerado.

¹²⁸ Araújo (2009 : 239), dado (29), renumerado.

¹²⁹ Araújo (2009 : 240), dado (35), renumerado.

(14) ele já foi preciso ficá ficá internado...

Grupo III: o elemento que aparece como provável sujeito do verbo não faz parte da grade temática desse verbo e não tem relação semântica com ele. Araújo (2009:240) considera que, nesse caso, ocorre uma “inserção direta de um tópico na posição de Spec, SujP, em IP, sem que o sintagma tivesse sofrido algum tipo de deslocamento de algum lugar interno da oração (...)”, conforme vemos em¹³⁰:

(15) a residência deles é nascido, criado tudo aqui mesmo

4.1.5. Tópico Pendente

Para Araújo (2009: 240), nas construções de tópico pendente, o sintagma nominal que inicia a oração apresenta uma relação semântica com a frase, mas não apresenta uma relação sintática. Segundo a autora, não há um lugar interno na oração em que possa ocorrer a inserção desse constituinte topicalizado¹³¹:

(16) médico sempre aí nas Serra, nesse Rapa mermo tem um posto...

4.1.6. Tópico com Cópia Pronominal ou Duplo Sujeito

Segundo Araújo (2009:241), essa construção é caracterizada pelo deslocamento de um sintagma nominal para a posição de tópico sendo retomado por um pronome na posição de sujeito interna à oração, como é apontado em¹³²:

(17) E aqueles mele, **eles** é que faz arco

Araújo ratifica a posição de Galves (1998) sobre a posição obrigatória do pronome em posição de sujeito nessas construções ser justificada em função de o verbo ter perdido o traço de [pessoa] no português brasileiro, sendo necessário, portanto, a marcação desse traço no sujeito.

4.1.7. Topicalização Selvagem

Na topicalização selvagem, Araújo (2009:241) afirma que há um deslocamento de um PP, objeto indireto, complementos nominais, agente da passiva ou adjunto

¹³⁰ Araújo (2009 : 240), dado (36), renumerado.

¹³¹ Araújo (2009 : 241), dado (40), renumerado.

¹³² Araújo (2009 : 241), dado (43), renumerado.

adverbial, desacompanhados de preposição, conforme vemos em¹³³:

(18) Futebol, a gente brincava, né...

(19) Ah, lacraria já fui mordido muitas vez

4.1.8. Tópico Locativo

Nesse tipo de construção, Araújo (2009: 242) aponta que o elemento topicalizado é um locativo e a preposição, em geral, acompanha o sintagma nominal deslocado, conforme apontamos em¹³⁴:

(20) nesse sertão nosso aqui tem cascavel demais

(21) pra Conquista ela sempre vai, mais eu...mas só

4.2. Construções de Tópico no PA – Abordagem Preliminar

Nessa subseção, apresentamos uma abordagem preliminar de uma tipologia da categoria tópico para o português angolano. Seguimos a tipologia proposta para o tópico no PVB, conforme descrito por Araújo (2009) e apontado em (4.1).

4.2.1. Topicalização de Objeto

Conforme apontado por Araújo (2009: 235), a topicalização por objeto pode ser caracterizada por quatro características (cf. 4.1.1.), entre as quais podemos destacar, com exemplos do português angolano:

(22) Faculdade vai estudar em Luanda?

Em (22), temos um objeto – *Faculdade* – deslocado à esquerda sem retomada clítica interna à oração.

(23) o relacionamento entre os teus colegas, tens visto assim à distância

Em (23), o constituinte topicalizado *o relacionamento entre os teus colegas* é realizado um sintagma nominal definido.

¹³³ Araújo (2009 : 242), dados (44) e (46), renumerados.

¹³⁴ Araújo (2009 : 242), dados (48) e (49), renumerados.

Os exemplos em (22) e (23), do português angolano, estão de acordo com as características apontadas por Araújo (2009) para esse tipo de tópico. Segundo a autora, essa construção está presente em todas as modalidades do português brasileiro e atentamos ao fato dessa construção também ser apreendida no português angolano.

4.2.2. Tópico Pendente

Araújo (2009: 240) define esse tipo de tópico como uma relação apenas semântica do sintagma nominal com a frase, mas não uma relação sintática. Vejamos os exemplos do PA em:

(24) Ainda sobre o basquetebol, qual é o teu fã na NBA?

(25) Para além do basquetebol, qual é a outra modalidade que vocês praticam aqui?

Em (24) e (25), os constituintes topicalizados *ainda sobre o basquetebol* e *para além do basquetebol*, exemplificam a exposição de Araújo (2009: 236) em apontar que o tipo de retomada para esse tipo de tópico é do âmbito semântico – ‘basquetebol’, por exemplo, possui uma relação semântica direta com *NBA* e *modalidade*. Nota-se que essas duas construções do PA são introduzidas por marcas formais – *ainda sobre* e *para além* – caracterizando esse tipo de tópico como pendente.

4.2.3. Tópico Pendente com Retomada

Segundo Araújo (2009: 236), esse tipo de tópico mantém uma relação semântica com a oração já que é retomado por um elemento interno à oração, como vemos em:

(26) a Mandume e o Enga, como é que está a levar as duas coisas?¹³⁵

Em (26), o tópico é representado pelos sintagmas determinantes *a Mandume* e *o Enga* retomados ao final da sentença pelo constituinte *as duas coisas*.

4.2.4. Tópico com Cópia Pronominal ou Duplo Sujeito

Araújo (2009: 241) caracteriza esse tópico como o deslocamento de um sintagma nominal para a posição de tópico e a retomada pronominal deste sintagma na posição de sujeito interna à oração, como apontamos em:

¹³⁵ Mandume e Enga são instituições escolares de Angola. Essa informação é depreendida pelo contexto da interação entre os entrevistados.

(27) os professores eles declaram ou estão para declarar uma nova greve

Em (27), o tópico da sentença é o sintagma determinante *os professores*, retomado pelo pronome *eles* que ocupa a posição de sujeito interna à oração do constituinte deslocado para a posição de tópico.

4.2.5. Topicalização Selvagem

Segundo Araújo (2009: 241), na topicalização selvagem há o deslocamento de um PP, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e adjunto adverbial, todos sem a preposição, conforme vemos em:

(28) E futebol tem algum fã no futebol?

(29) O Jordan as pessoas gostam por uma certa particularidade

Em (28) e (29), notamos que os constituintes *futebol* e *Jordan* na posição de tópico, não estão regidos pela preposição, embora tenham sido deslocados de posições internas às orações que exigiriam um sintagma preposicional, como vemos em (29’):

(29’) *Do Jordan* as pessoas gostam por uma certa particularidade

4.2.6. Tópico Locativo

Araújo (2009: 242) diferencia o tópico locativo da topicalização selvagem, devido ao fato de que no tópico locativo, o sintagma nominal é acompanhado da preposição, como apontamos em:

(30) no Lubango o mês de agosto tem sido quente

(31) Em Luanda, onde mora?

Em (30) e (31), temos dois exemplos de constituintes topicalizados – *Lubango* e *Luanda* – funcionando como locativos e acompanhados de suas preposições.

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Nessa dissertação, objetivamos o estudo da periferia esquerda da sentença no português angolano (PA), com base nos pressupostos da Gramática Gerativa, em seu modelo de Princípios e Parâmetros, versão pré-minimalista. A proposta do estudo foi a descrição e análise das categorias *foco* e *tópico* que ocorrem na periferia esquerda da sentença em dados do português angolano.

Iniciamos nosso trabalho, no capítulo I, com uma breve apresentação de alguns aspectos histórico-sociais de Angola, desde a chegada dos portugueses – período colonial – até o momento de sua independência de Portugal. É durante a colonização de Angola – século XV – que a língua portuguesa faz-se presente e torna-se a língua oficial do país, reforçada também pelo intenso contato com outra colônia portuguesa do período – o Brasil. Desse modo, também destacamos a situação linguística de Angola, caracterizada por um multilinguismo, presente nos dias atuais. Em Angola, os falantes convivem com a língua portuguesa – língua oficial – e as línguas nacionais – o kimbundu, kicongo, entre outras línguas, totalizando cerca de 36 línguas em território angolano.

Nosso corpus, constituído de diferentes transcrições representando diversas situações de interações entre falantes, apresenta um português que podemos considerar como ‘português culto’, visto tratar-se de universitários, intelectuais angolanos, escritores, apresentadores de rádio e televisão. Ressaltamos que essas interações foram transcritas e por essa razão justificamos a ausência da verificação do papel da entonação na categoria *foco* em nossa análise. Embora o corpus seja constituído de interações orais, ele se apresenta na forma escrita e essa condição delimitou nossa abordagem de apreensão das categorias *foco* e *tópico* tratadas em nosso trabalho.

No capítulo II, seguimos a definição da categoria *foco* como a parte não pressuposta da sentença e interpretado a partir da representação de sua estrutura de asserção (AS), resultando em uma tipologia, no português, que apresenta três tipos de focos: “foco contrastivo”, “foco assertivo” e “foco de listagem exaustiva”.

Uma das formas de apreensão da categoria *foco* é através da marcação entonacional do constituinte focalizado. Em nosso trabalho, destacamos esse fato através da exemplificação de gráficos que mostram como a curva entonacional para constituintes focalizados mostra-se diferente para um mesmo constituinte em uma

sentença neutra. Com a impossibilidade de se verificar, em nosso corpus, o status entonacional de constituintes que poderiam ser classificados como o foco sentencial, abordamos a categoria *foco* através da interface morfossintaxe/discursiva, priorizando o tratamento de dados com sentenças clivadas e pseudoclivadas.

Consideramos as sentenças clivadas uma operação de ‘ensanduichamento’ de um dado sintagma da sentença entre uma cópula e um ‘que’, para se destacar sintaticamente o foco da pressuposição. Por tal razão, assumimos uma abordagem semântica da clivagem, em que nem toda construção com um elemento ensanduichado entre cópula e palavra ‘que’ é uma clivada. Tomamos as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ como as principais características das construções que sofrem clivagem, ao lado da ‘leitura especificacional’. A partir da predicação com leitura especificacional, caracterizada pela obrigatoriedade de atribuição de um valor a uma variável, consideramos as sentenças como clivadas ou pseudoclivadas. As demais sentenças que apresentam ensanduichamento, mas não as leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ foram consideradas, por nós, ‘sentenças copulares comuns’.

A delimitação das sentenças consideradas como clivadas foi analisada a partir da ‘explosão’ do sintagma complementizador. Tomado como uma estrutura complexa que agrega diferentes categorias funcionais na periferia esquerda da sentença, o CP explodido permite que constituintes discursivos – como o foco e o tópico – hospedem-se em uma estrutura rica e articulada de diferentes tipos sintagmáticos. O CP proposto é a interface entre o conteúdo expresso por IP e uma estrutura super ordenada.

O mesmo percurso de diferenciação entre sentenças que apresentam o processo de clivagem das sentenças copulares comuns foi proposto para as sentenças pseudoclivadas. Assumimos que somente as sentenças pseudoclivadas que apresentassem leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ seriam tomadas como sentenças veiculadoras de *foco*. O CP ‘explodido’ também foi tomado como a estrutura padrão para que os constituintes com leitura de foco nessas pseudoclivadas. Apresentamos, ainda, uma tipologia para as sentenças clivadas e pseudoclivadas, baseada em estudos sobre a clivagem no português brasileiro e europeu. A tipologia descrita na literatura foi a base para que delimitássemos os tipos de construções com clivagem no português angolano. Destacamos, também, para o tipo de clivada classificada como ‘interrogativa clivada sem cópula’, uma proposta de análise em que essas sentenças, tradicionalmente classificadas como sentenças com apagamento de

cópula, são sentenças que veiculam um tipo de ‘foco de controle gramatical’ e a partícula ‘que’ presente em sua estrutura é uma partícula focalizadora.

No capítulo III, abordamos a categoria foco no português angolano, a partir do levantamento das sentenças clivadas e pseudoclivadas presentes em nosso corpus, e que estivessem de acordo com a tipologia apresentada no capítulo anterior para essas sentenças. Em nossa análise, destacamos para as sentenças: (i) a leitura especificacional, (ii) o tipo de foco, (iii) o tipo de clivagem, (iv) uma estrutura. Os tipos de sentenças clivadas apontadas para o português angolano foram: (i) clivada canônica pessoal e impessoal, (ii) clivada invertida, (iii) interrogativa clivada. Para as sentenças pseudoclivadas, apresentam-se os tipos: (i) pseudoclivada canônica, (ii) pseudoclivada invertida. A partir da tipologia de foco apresentada no capítulo II, verificamos que os tipos de foco presentes no português angolano, e atestados em nosso corpus, foram do tipo ‘informacional’ e ‘contrastivo.’ Destaca-se, também, que abordamos as sentenças classificadas tradicionalmente como ‘interrogativas clivadas sem cópula’, e presentes em nosso corpus, como ‘perguntas-QU fronteadas seguidas de QUE sem cópula’. Ao tomarmos essa abordagem, afastamo-nos da literatura que aponta um apagamento da cópula em sentenças interrogativas desse tipo no português. Aproximamos, portanto, o português angolano das línguas africanas que apresentam uma marcação de foco em que o elemento fronteadado – focalizado – é seguido de uma marcação explícita de foco.

O capítulo IV foi dedicado à apresentação da categoria *tópico* e a tipologia que envolve essa categoria. Em nosso trabalho, limitamo-nos apenas em apontar, de modo preliminar, os tipos de tópico presentes no português vernacular brasileiro (PVB) que podem ser encontrados no português angolano. Ao contrário do que apresentamos para a categoria foco, acreditamos que uma análise definitiva para a delimitação da tipologia de tópico no português angolano, a partir de nosso corpus, seria insuficiente. Na proposta do CP ‘explodido’, há mais de uma opção para o alojamento da categoria *tópico* e essas posições ocupadas pelo constituinte topicalizado só podem ser propostas em uma língua quando confrontamos, em um enunciado, o tópico concorrendo com outras categorias nesse CP. Esse fato não estava dentro do escopo do nosso trabalho devido a limitação do tipo de corpus que compôs nossa pesquisa.

Nosso trabalho, portanto, buscou apontar a categoria foco e tópico no português angolano presentes na periferia esquerda da sentença. Destacamos que somente uma abordagem morfossintática do foco poderia ser levada em conta, já que

não dispusemos de material em forma de áudio mas, sim, as transcrições dessa oralidade entre os diferentes interlocutores. Logo, tomamos como base para a delimitação do foco, as sentenças clivadas e pseudoclivadas a partir de uma leitura semântica especificacional. O *foco* e o *tópico* estariam alojados dentro de uma categoria CP expandida, que também permite que outras categorias estejam presentes em seu escopo. Em nosso trabalho, restringimos-nos apenas às categorias *foco* e *tópico*.

Levando em conta os apontamentos acima, ratificamos para a necessidade de que estudos continuados a essa temática sejam implementados no tocante ao português angolano. Tais estudos mais aprofundados do português angolano concomitante com as diferentes línguas presentes em Angola pode contribuir para um estudo específico das categorias discursivas nesse português e o grau de proximidade do português com as línguas africanas faladas em território angolano.

Ressaltamos ainda que estudos centrados nas categorias *foco* e *tópico* no português angolano devem ser estendidos a comparações com o português brasileiro. Nesse trabalho, apenas 'tangenciamos' o assunto, mas que consideramos de extrema importância uma abordagem mais aprofundada do assunto. Nossa abordagem já aponta para significativa semelhança, com respeito a categoria *foco*, do português angolano com o português brasileiro. -se, também, que esse estudo pode ser estendido às comparações do português angolano com o português brasileiro e o português europeu.

Enfatizamos que estudos sobre o *tópico* no português angolano e sua respectiva análise precisam ser empreendidos. Em nosso trabalho, apenas apontamos uma breve descrição dessa categoria discursiva.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADESANYA, M. (2007). Problems encountered by Yoruba speakers in learning English cleft constructions. In: *Journal of the Linguistic Association of Nigeria* 10. p. 147-155.
- ALENCASTRO, L. F. (2000). *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ARAÚJO, E. (2006). As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva. Tese de doutorado. UFB.
- _____. (2009). As construções de tópico. In: D. Lucchesi.; A. Baxter.; I. Ribeiro. (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p. 231-250.
- ARENDS, J., KOUWENBERG, S. & NORVAL, S. (1994). Theories focusing on the non-European input. In: Arends, Jacques, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.). *Pidgins and creoles an introduction*, p. 99-109. Part II, theories of genesis.
- BELLETTI, A. (2004). Aspects of the low IP area. In: L. Rizzi (ed.). *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2, New York: Oxford University Press.
- BOAVIDA, A (1967). *Angola – cinco séculos de exploração portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOXER, C. R. (2002). *O império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. (2009). As construções-Q no português brasileiro falado. In: *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença*. M.A.Kato, M. do Nascimento (orgs.). Campinas: Editora da Unicamp, p.241-289.
- BRAGA, M.L. & NASCIMENTO, M. do. (2009). A interação entre adjuntos e discursivos. In: *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença*. M.A.Kato, M. do Nascimento (orgs.). Campinas: Editora da Unicamp, p. 295-321.
- CHAFE, W. (1976). “Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics.” In: C. N.M. Li (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, p. 27-55.
- CHAVAGNE, J-P. (2005). *La langue portugaise d’Angola – etude dès écrits par rapport à la norma européenne du portugais*. Thèse de doctorat – Université Lumiér. Lyon 2, Faculte de Langues, Paris. Unpublished.
- CHENG, L. L. S. (1991). *On the typology of wh-questions*. PhD Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (2007). *A nova gramática do português contemporâneo*. 3a

ed. Rio de Janeiro: Lexikon.

DE VRIES, M. (2002). *The syntax of relativization*. The Netherlands: LOT.

FERNANDES, F.R. (2007). *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

GREEN, M. (2007). *Focus in Hausa*. Publications of the Philological Society, 40. Oxford: Blackwell.

GROLLA, E. (2005). Sobre a aquisição tardia de QU-*in situ* em português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, 21:1, (57-63).

HAEGEMAN, L. (1999). *Introduction to government and binding theory*. 2ed. Oxford: Blackwell.

HANKAMER, J. (1974). On the Non-Cyclic Nature of Wh-Clefting. *Proceedings of CLS 10*, Chicago, IL:CLS, p. 221-233.

HEINE, B. & KUTEVA, T. (2006). *Language contact and grammatical change*. Reino Unido: Cambridge Press.

HERNANDEZ, L.L. (2008). *A África na sala de aula*. 2ª ed. rev. São Paulo: Selo Negro.

HIGGINS, J. R. (1973). *The pseudo-cleft construction in English*. Doctoral Dissertation, MIT. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club.

HOLM, J. & OLIVEIRA, M. S. D. de. Estruturas-QU fronteadas e o „foco gramaticalmente controlado – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *Revista PAPIA*. (no prelo).

HYMAN, L. & WATTERS, J. R. (1984). Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics* 15. p.233-73.

KATO, M. A. & MIOTO, C. (2005). A multi-evidence study of European and Brazilian Wh-question. In: Hag S. Kepser & M. Reis. (eds). *Linguistic evidence: theoretical, quantitative and computational perspectives*, p. 307–328. Hague: Mouton.

KATO, M. A. & RAPOSO, E. (1996). European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. In: QUICOLI, C; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M. L. (eds.). *Aspects of romance linguistics. Selected papers from the LSRL XXVI*. Washington: Georgetown University Press, p. 267-278.

KAYNE, R. S. (1994). *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

KISS, K. (1998) Identificational focus versus information focus. *Language*:74 (2), p. 245-273.

KUNO, S. (1972). “Functional sentence perspective: a case study from Japanese and

English". *Linguistic Inquiry*, vol. 3, p. 269-320.

_____. (1975). Three perspectives in the functional approach to syntax. In: Grossman, R. et al. (eds.). *Papers from the parasession on functionalism*, p. 276-336. Chicago Linguistic Society.

LAMBRECHT, K. (2001). A framework for the analysis of cleft constructions. In: *Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 463-516.

LUCCHESI, D. (2009). Apresentação. In: D. Lucchesi.; A. Baxter.; I. Ribeiro. (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p.15-22.

MILLER, J.C. (1999). A economia política do tráfico angolano de escravos no século XVIII. In: PANTOJA, S., SARAIVA, J. F.S. *Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul*, p. 11-67.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. (2003). *As sentenças clivadas não contêm uma relativa*. Trabalho apresentado no GT de Teoria da Gramática da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística. São Paulo: Universidade de São Paulo, Manuscrito.

_____. (2007). *As sentenças clivadas não contêm uma relativa*. In: A. T. de Castilho et al. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, p.159-183.

MODESTO, M. (2001). *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP.

MPLA. (1965). *História de Angola*. Porto: Afrontamento.

NEGRÃO, E.V. (1994). As relativas livres no PB: efeito de conformidade categorial. *Anais de Seminários do GEL* (2), p.1036-1042.

NURSE, D. & HEINE, B. (2000). *African languages - an introduction*. Cambridge:Cambridge University Press.

OLIVEIRA, M.S.D.de. (2010). *Análise sintática do português falado no Brasil*. Rio de Janeiro: Multifoco.

_____.(2007). *Remarks in tense markers grammatically and pragmatically controlled*. Paper presented at LLACAN (Langage, Langues et Cultures d'Afrique Noire) – CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). CAPES/ COFECUB Project, Paris, 2007. Manuscript.

_____. (2005). *Perguntas de constituinte em Ibibio e a teoria de tipo oracional: aspectos da periferia à esquerda com ênfase em foco*. Muenchen: LINCOM. *Studies in African Linguistics*, 65.

_____ *Leituras de foco em sintagmas movidos para a periferia esquerda da sentença em ibíbio*. Revista Letras 70 (no prelo).

_____ *Fronted WH-Questions followed by QUE ("THAT") in portuguese spoken in Brazil (BP/BVP): the substratist and universalist theories complement each other*. (no prelo).

OLIVEIRA, M.S.D.de. & JORGE, L. *Review and Reappraisal of the Focus Category in Ibibio*. (no prelo).

OLIVEIRA e SILVA, G.M.; TARALLO, F.; BRAGA, M.L.. (1996). Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas. In: A.T. De Castilho;M. Basílio. (orgs.). Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, p. 193-217.

PAYNE, T.E. (1997). Pragmatically marked structures/Conclusions: the language in use. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, Capítulos 10 e 12, p. 261-294; 342-362.

PETTER, M.M.T. (2008). *Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano*. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo.

PANTOJA, S. A. Angola até as vésperas da independência do Brasil. In: CAMPOS, A. P.; SILVA, G. P. da. (orgs). *Da África ao Brasil: itinerários históricos da cultura negra*. 1ª ed. Vitória: Flor e Cultura, p. 67-98.

POLLI, T. C. (2008). *A periferia esquerda no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

QUAREZEMIN, S. (2005). *A focalização do sujeito no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

RAPOSO, E. (1996). Towards a unification of topic constructions. UCSB, manuscrito.

RESENES, M. S. de. *Sentenças pseudo-clivadas no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.

RIBEIRO, I. & CÔRTEZ JÚNIOR, M. (2009). As construções pseudoclivadas e clivadas. In: D. Lucchesi.; A. Baxter.; I. Ribeiro. (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p. 209-230.

RIZZI, L. (1997). The fine structure of the left periphery. In: L. Haegman. (org.). *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. London: Kluwer Academic Publishers, p.281-337.

RIZZI, L. Locality and left periphery.(2002). Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc-pub/rizzi2002-locality&left-periphery.doc>

RIZZI, L. On the form of chains: criterial positions and ECP effects. (2004). Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc-pub/rizzi>

TRASK, R. L. (1996). *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. London/ New York: Routledge.

WATTERS, J. (1979). Focus in Aghem. In: Hyman, L. (ed.). *Aghem grammatical structures*. Los Angeles: University of Southern California, Southern California Occasional Papers in Linguistics No. 7, p.137-97.

ZAU, F. (2009). *O estatuto das línguas de origem Africana*. Jornal de Angola. Disponível em: http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o_estatuto_das_linguas_de_origem_africana
Acessada em 31/05/2010.

ZUBIZARRETA, M. L. (1997). *Prosody, focus and word order*. University of Southern Califórnia, Departamento f Linguistics, Los Angeles, CA, Manuscript.

ANEXO

Os dados abaixo apresentam-se grafados da mesma maneira em que se encontram na transcrição de Chavagne (2005: Annexe 1). A indicação da página ao final de cada dado remete à página do ‘Annexe 1’ da qual o dado foi apreendido.

- (01) Bem, eu que estou a falar convosco (p. 6)
- (02) o que é que vocês têm a dizer (p. 6)
- (03) Qual é o vosso balanço? (p. 6)
- (04) Quem vai ser o primeiro? (p. 6)
- (05) nesse final de ano lectivo algumas coisas pesam-me na cabeça(p. 6)
- (06) os professores eles declaram ou estão para declarar uma nova greve (p. 6)
- (07) com as dificuldades que o país atravessasse tivemos que enfrentar essas dificuldades (p. 6)
- (08) graças a Deus, foi-me, foi (p. 6)
- (09) É o primeiro ano que vocês estão a enfrentar o ensino médio (p. 6)
- (10) ao mesmo tempo estão a trabalhar (p. 6)
- (11) com o interesse e com a vontade o homem é capaz de conseguir o que quiser.
(p. 6)
- (12) O que é que tem a dizer sobre o fim do ano lectivo? (p. 7)
- (13) isso é que faz com que nós e especialmente do curso de contabilidade e gestão, teremos problemas no fim do ano lectivo. (p. 7)
- (14) Já tem algum plano onde que vai trabalhar? (p. 7)
- (15) Apesar das dificuldades que nós atravessamos que foram as paragens das greves, o ano lectivo tá a ir mais ou menos (p. 7)
- (16) apesar da falta de professores que regista-se cá nesta província nós tamo a conseguir (p. 7)
- (17) apesar das dificuldades estamos a conseguir a superar as médias (p. 7)
- (18) Armênio, o que é que tens a dizer sobre o fim do ano lectivo? (p. 7)
- (19) Para mim o fim do ano lectivo está a ir com bastante dificuldade. (p. 7)
- (20) aqui no lar nós sabemos que o teu nome é Rodino (p. 8)
- (21) de princípio sou uma pessoa muito animadora (p. 8)
- (22) a Mandume e o Enga, como é que está a levar as duas coisas? (p. 8)
- (23) mas mesmo assim, há possibilidades de passar de classe? (p. 8)

- (24) Agora estamos aqui mais uma vez neste internato. (p. 8)
- (25) é uma das formas que nós utilizamos para nos divertir não temos outra (p. 8)
- (26) como é que tem feito para conseguir pelo menos uma bola? (p. 8)
- (27) caso contrário recorreremos a quem tenha bola (p. 9)
- (28) Ainda sobre o basquetebol, qual é o teu fã na NBA? (p. 9)
- (29) quem é o principal quem é? (p. 9)
- (30) Para além do basquetebol, qual é a outra modalidade que vocês praticam aqui?
(p. 9)
- (31) o que é que karaté que tem cinturão? (p. 9)
- (32) Amarelo, sim, já se é perigoso com o cinturão amarelo. (p. 9)
- (33) O que é que gosta de fazer Razão? (p. 10)
- (34) Quais são os livros que gostas de ler? (p. 10)
- (35) É uma coisa que é curiosa tão a aparecer agora muita religiões. (p. 10)
- (36) O que é que tens a dizer sobre isso? (p. 10)
- (37) Sobre isso não sei (p. 10)
- (38) Em Cabinda, era federados de algum clube? (p. 10)
- (39) quando cheguei aqui as condições não são as melhores (p. 11)
- (40) Então diretamente quais são estas condições? (p. 11)
- (41) A propósito, qual o curso do São? (p. 11)
- (42) O que é que pretende fazer no fim desse curso? (p. 11)
- (43) os rapazes ali disseram gostam muito de basquete. (p. 12)
- (44) Para mim o fim do ano lectivo vai mais ou menos. (p. 12)
- (45) Onde que vai seguir a faculdade? (p. 13)
- (46) aqui no lar, quem é o seu grande amigo a sua grande amiga? (p. 13)
- (47) Agora está estamos perto duma moça que está com um caderno (p. 13)
- (48) A propósito como é que te chamas? (p. 14)
- (49) Chiquita o que é que está a estudar? (p. 14)
- (50) Saneamento, então isso é do IMS. (p. 14)
- (51) Bom, por exemplo, nós tivemos algumas fórmulas, hem? (p. 15)
- (52) Além de ti vou sentir saudades por exemplo o namorado, algumas colegas. (p.
16)
- (53) Qual é o curso da Escurinha a propósito? (p. 16)
- (54) Quando que pensa trabalhar? (p. 16)

- (55) Uma outra coisa Escurinha, gosta muito de saltar, gosta muito de modalidades.
(p. 16)
- (56) O que que pensa fazer no fim de tudo isso? (p. 16)
- (57) Onde é que vai fazer o superior? (p. 17)
- (58) Mérita, para além de estudar, gosta de fazer outras coisas? (p. 17)
- (59) Olha o único desporto gosto atletismo (p. 17)
- (60) o que é que gosta mais em música. (p. 17)
- (61) Quem é o cantor que mais gosta? (p. 17)
- (62) Na música, na música o ritmo, o ritmo que eu mais gosto é Roberto Carlos. (p. 18)
- (63) E na bola, na bola gosto do Pelé e nos livros Lénine. (p. 18)
- (64) E futebol tem algum fã no futebol? (p. 18)
- (65) Dos jogadores angolanos eu gosto do Savedra. (p. 18)
- (66) Fora gosto do Donadoni da Itália. (p. 18)
- (67) dos músicos angolanos eu gosto de Paulos Flores. (p. 19)
- (68) aqui em Angola não gosta de nenhum deles? (p. 19)
- (69) Qual é o prato que mais gosta? (p. 19)
- (70) O prato que eu mais gosto, eu gosto, eu gosto de pratos tradicionais (p. 19)
- (71) Pratos da minha terra, eu gosto de funje. (p. 19)
- (72) O que é que estão a fazer? (p. 20)
- (73) E a Teté e o IMS, como é que vai? (p. 20)
- (74) a Teté é a primeira vez que veio para cá. (p. 20)
- (75) A propósito, donde que a Teté veio encaminhada? (p. 20)
- (76) Faculdade vai estudar em Luanda? (p. 21)
- (77) E daqui na nossa casa, qual é o atleta que mais prefere? (p. 21)
- (78) por motivo de determinadas ordens é que fui desviado para administração pública. (p. 23)
- (79) no Lubango o mês de agosto tem sido quente (p. 23)
- (80) quem veio fazer a inscrição foi o meu pai (p.23)
- (81) E no caso de bola, nós fizemos uma contribuição (p. 25)
- (82) é que eu vou passar de classe (p. 25)
- (83) Por acaso é um problema a sério que o Isced vive. (p. 26)
- (84) o que eu vejo é que vou passar de classe (p.26)
- (85) Michael Jordan, é por isso que o João anda careca como ele, né? (p. 31)

- (86) só os miúdos é que têm que respeitar. (p. 32)
- (87) Indubitavelmente eu apontava para o internacional profissional Paulão. (p. 34)
- (88) O Jordan as pessoas gostam por uma certa particularidade. (p. 34)
- (89) o Chakil eu gosto dele devido o peso o corpo (p. 34)
- (90) essas coisas todas é que me emocionam (p. 34)
- (91) Onde que tem conseguido esses livros? (p. 35)
- (92) Quem foi o melhor jogador em campo? (p. 35)
- (93) Para onde é que vai? (p. 36)
- (94) Aqui em casa aqui no lar, tem praticado alguma modalidade para além do futebol? (p. 37)
- (95) Onde que está mais evoluído? (p. 38)
- (96) Bem em questões de aproveitamento eu acho que não tá muito bonito. (p. 39)
- (97) Não, é o segundo ano que vivo no internato. (p. 39)
- (98) o relacionamento entre os teus colegas, tens visto assim à distância (p. 40)
- (99) Sobre Portugal não sei muito de música. (p. 41)
- (100) Só éramos nós que saímos de Angola. (p. 51)
- (101) que língua é que se falava em casa (p.52)
- (102) a minha mãe é que fala kimbundu (p.52)
- (103) do que quê eles estão a conversar (p.53)
- (104) Depois é que veio as confusões (p. 53)
- (105) Foi a partir dali que seleccionaram os alunos que tinham de ir estudar fora. (p. 54)
- (106) Como é que se chama? (p. 54)
- (107) Em Luanda, onde mora? (p. 54)
- (108) que língua é que se fala? (p.55)
- (109) Cassettes é o que havia de mais (p.57)
- (110) fomos nós que começámos. (p. 65)
- (111) Onde que você vai vender o arroz? (p. 179)
- (112) O saco às vezes você compra também vinte (p.180)
- (113) então nós é que vamos começar a tratar esta água (p.212)
- (114) A Sonangol é que nos deve gasolina, gasóleo, etc, etc. (p.213)
- (115) E essas pedras faz com elas o quê? (p.221)
- (116) E o quê que a criança tem assim com essa pele? (p.227)
- (117) E o quê que a senhora pensa fazer? (p.227)

- (118) O que penso fazer é o criar (p.227)
- (119) Ah, e o teu futuro queres-lo aqui numa casa ilegal? (p.244)
- (120) Onde que está a antena de televisão? (p. 244)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)